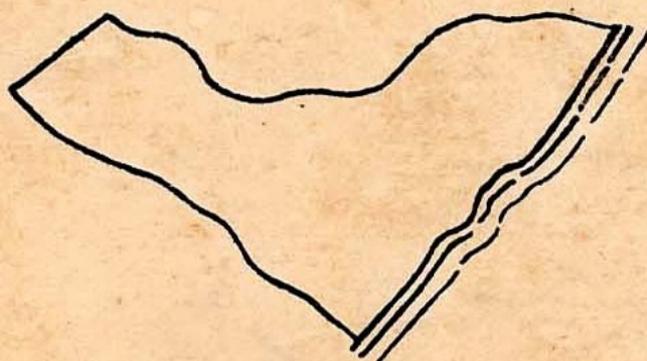


COLEÇÃO VIDAS E MEMÓRIAS

GUEDES DE MIRANDA

# EU E O TEMPO



DIGITALIZADO EM 2024



DEPARTAMENTO ESTADUAL DE CULTURA

MACEIÓ — 1967

Governador do Estado  
L A M E N H A   F I L H O

Vice Governador  
M A N O E L   S A M P A I O   L U Z

Secretário da Educação e Cultura  
B E N E D I T O   H I B Y   C E R Q U E I R A

Diretor do Departamento Estadual de Cultura  
C A R L O S   M O L I T E R N O

“ E U E O T E M P O ”

COLEÇÃO VIDAS E MEMÓRIAS

GUEDES DE MIRANDA

«EU E O TEMPO»



Divulgação do Departamento Estadual de Cultura

MACEIÓ — ALAGOAS

1967

**COLEÇÃO VIDAS E MEMÓRIAS**

---

**VOL. V**

## EM MEMÓRIA DE GUEDES DE MIRANDA

Sòmente quem conviveu longos anos com Guedes de Miranda, sòmente quem sentiu de perto o calor de sua amizade, sòmente quem presenciou o fulgor de seu talento, — pode compreender êste livro de recordações e lamentar que o autor de “Eu e o Tempo” deixasse um tão pequeno legado literário para uma vida tão intensa e tão brilhante.

Contudo, o que foi enfeixado nêste volume, vale por uma grande obra, pelo seu relevo, pelas suas idéias, pela constante revelação de sua coragem e de seu amor à gleba onde nasceu.

Deu-lhe o destino tôdas as qualidades intelectuais para a fatura de uma obra de pensamento e de duração, porém, paralelamente tocou-o com o fascínio inoperante da política.

Daí, tôdas as vêzes que lhe falávamos sôbre a oportunidade da elaboração de um livro de direito ou de sociologia — êle alegava falta de tempo e sossego espiritual e bem assim compromissos partidários.

Desperdiçou prodigamente todo o tesouro espiritual que o destino lhe reservara, nas colunas efêmeras da imprensa ou na tribuna política onde dominava sempre, graças aos seus opulentos dotes oratórios.

Teve tôdas as qualidades para um dominador de povos — o físico, o talento, a cultura, o fascínio pessoal.

Tendo aprimorado o espírito no estudo da filosofia e da cultura clássica, — discorria com facilidade e luzimento sôbre a formação cultural dos povos de elite e a sua palavra sonora dominava sempre os auditórios.

Escalenoou com proficiência em todos os gêneros literários e teve, em todos êles, brilhatura e consagração.

Sua palavra inflamava os ambientes onde ecoava e jamais lhe assistimos um esmorecimento em suas atitudes cívicas.

Talhou, com as próprias mãos, sem ajuda alheia, o monumento de sua vida agitada e sempre dedicada à eloquência, ao direito, à literatura e, por fim, à poesia.

Foi mestre e esteta em todos os gêneros de suas atividade intelectual: mestre na tribuna judiciária, mestre na cátedra ou da Faculdade de Direito, mestre no jornalismo, mestre no cavalheirismo.

Faltava-lhe, todavia, uma faceta no seu talento: a poesia. Mas esta êle a professou nos últimos anos de vida, revelando-nos que tudo aquilo que êle dizia, que tudo aquilo com que êle nos encantava, que tudo aquilo com que êle nos comovia, não era mais do que poesia, sem a preocupação da forma.

Amado entranhadamente a terra natal, daqui nunca se afastou para um vôo maior em outras plagas também condígnas do seu alcandorismo.

O amor à gléba natal era uma constante do seu espírito. Pôrto Calvo, onde nascera, nunca lhe saiu dos olhos da alma apaixonada pela beleza das cousas que lhe impressionava facilmente a sensibilidade.

Referia-se às suas paisagens nativas com o carinho de um telúrico e de um romântico.

Lutava cavalheirescamente com um adversário, mas não insultava os seus despojos morais quando vencedor. Não invejava o valor e a inteligência de ninguém e tinha para todos sempre uma palavra de ternura e de encorajamento.

Jamais defendeu uma causa indigna; jamais conluiou com os déspotas, pois o seu temperamento era o de um democrata que ficava sempre ao lado dos mais fracos e dos oprimidos, em consonância com as suas convicções. A terra natal, que sempre reverenciou e fêz justiça ao seu talento, não foi justiceira, todavia, nos momentos em que êle pretendeu uma posição política. No Parlamento Nacional, Guedes de Miranda, com a sua cultura jurídica e o seu poder de convicção, muito teria feito pelas Alagoas.

Guedes de Miranda foi sempre um professor, em qualquer atitude que tomasse, exceto, como vimos, nos meandros da política, onde despertava a inveja dos incapazes e dos zoilos. Pretendeu erradamente fazer política com sinceridade e boa fé, esquecido de que a vida é sempre má para com os homens de espírito e de sensibilidade.

A sua obra, espelhada nas suas conferências, nos seus discursos, nas suas poesias, é uma obra que reflete talento, coragem cívica, cultura e sensibilidade.

Desejamos, de algumas delas, em homenagem àquele que foi grandioso em tôdas as manifestações do seu pensamento, deixar aqui uma fagulha do seu espírito poliforme:

Da Conferência "O Direito é mais precioso do que a paz":

— Das catacumbas romanas, ainda hoje irrompe um rumor de preces e de consolações, que é um sôpro de Deus fecundando os direitos e as prerrogativas do homem.

Da conferência feita na chegada do fogo simbólico, em 1944:

— Um povo que leva a guerra fora de suas fronteiras, para varrer do mundo a tirania, para libertar os povos acorrentados nos ferros do nazismo, tem a consciência de sua força, da sua unidade, da sua coesão, da sua existência nacional e de sua soberania.

Da Oração da Democracia, aos 7 de Setembro de 1943:

— Atenas amou a sabedoria e a beleza, mas amou, sobretudo, a liberdade. E, nos impulsos dêsse amor, insculpiu um pentélico nos moldes eternos de sua glória.

Da Oração do Município, em 7 de Julho de 1946, em Atalaia:

— Amemos a terra, cultivemo-la que a terra generosa e ubérrima das Alagoas, nos alimentará, nos arrancará das garras da fome e da miséria.

Da oração do Município, em Palmeira, no dia 18-8-946:

— Democracia é regime de opinião, expressa na livre escolha que se depura no filtro da justiça eleitoral.

Na Oração de Paraninfo, no Colégio S. Sacramento:

— Ninguém se julgue magnífico e poderoso. O poder, como certos frutos que não amadurecem no galho, não podem sazonar nas mãos dos grandes e poderosos.

Na Oração da Asa, em homenagem a Santos Dumont:

— De fcaro a Santos Dumont, traçou-se uma longa parábola, da lição fabulosa à realidade físico-matemática do movimento

Da Oração do Jubileu de Prata da Faculdade de Direito de Alagoas:

— De tôdas as formas de servidão, a que mais degrada e humilha a dignidade humana é a que oprime o pensamento e agrilha as idéias.

As poesias de Guedes de Miranda fôram recolhidas no seu livro póstumo ANTES QUE DESÇA A NOITE. É um livro que toca profundamente a nossa alma, sempre inconformada com o seu desaparecimento material. É uma poesia de ternura, de amavio, de telurismo e de melancolia.

Delas, transcrevemos aqui, aquêlê pequeno e delicado poema ANTES QUE DESÇA A NOITE, que o poeta nos leu certa vez, pouco antes de sua ida para a eternidade:

Antes que desça a noite,  
O sol se pondo,  
Contemplo em paz o fim da minha tarde.  
Recordo o que fui — vencendo o tempo.  
Percebo o que sou — pelo tempo vencido.  
Lutei, sofri, amei — vivi.  
E, com certeza, morrerei.  
A ninguém, neste mundo, posso dizer,  
Fiz mal.  
Quando a noite ontológica, implacável, descer,  
Que restará de mim?  
— Estes poemas largados à tóa:  
Minha alma dançando a valsa das sombras.  
E palavras, palavras...  
E, por fim, nada mais.

Podemos dizer com justiça que nêsses últimos 50 anos, as Alagoas não tiveram uma figura intelectual mais completa e mais brilhante do que a de Guedes de Miranda.

JAIME DE ALTAVILA

## CAPÍTULO I

### *E U E O T E M P O*

Eu e o tempo...

Debruço-me sôbre mim mesmo e investigo. Investigo-me como ser pensante, que ora duvida cêpticamente, como Pirro, ora crê absurdamente, como Tertuliano. *Credo quia absurdum.*

Eu e o tempo...

Será que nós, — eu e êle — existimos, como duas realidades objetivas e tangíveis, eu distinto dêle, êle distinto de mim, e nós dois distintos do Universo?

Quem sabe, quem poderá saber?

Ivan Karamazov fêz perguntas que ficaram sem respostas. Encontrarei eu, acaso, respostas para as minhas? Quem há de arrancar pela raiz a erva da dúvida que medra no espírito do homem? Essas perguntas que transcendem o natural, que se alçam e ultrapassam os lindes da Física interrogam sôbre o “porquê” das coisas e essência dos fenômenos, perdem-se no vácuo, sem eco e sem ressonância, como se não fôsem formuladas pela insaciável curiosidade do homem, ínfimo átomo arrogante perdido no turbilhão, sujeito à causalidade universal...

Eu e o tempo....

Será que o “eu”, entidade instintiva, egoísta, temperamental não é uma ilusão?

Existirá o “eu” separado do Cosmos, ou será o Cosmos um engano dos nossos sentidos?

Eu sou eu mesmo?

Percebo que ocupo um lugar no espaço (abstração nas relações de coexistência), e que o espaço ocupado por mim não pode ser ocupado simultaneamente por outrem (lei da impenetrabilidade da matéria)

Essa percepção convenceu-me de que tenho forma (matéria é tendência para a forma).

Por outro lado, sei que sou diferente de um rio, de uma árvore, de um vagalume e de outro homem.

Eu não sou Caliban, porque não sou mau; não sou Iágo, porque não sou intrigante, nem Iscariotes, porque nunca traí. Nem tão pouco Al-Capone porque nunca roubei.

Não é só. Eu me conheço a mim mesmo — “Nosco me ipsum” (Sócrates) e pelo pensamento deduzo a minha existência — “Cogito, ergo sum” (Descartes). Mais: Sinto que meu conhecimento provém de uma série de sensações, imagens e representações que se fixam na memória, diferenciando-se na consciência (Nihil est in intellectu quod non prius fuerit in sensu).

Assim, se já me conheço, eu penso e pelo pensamento infiro a minha existência, e se estou certo de que meu conhecimento tem como matéria prima os sentidos que a razão manipula, então eu sou eu.

Se eu já fui eu é porque “acontecí” e se “acontecí” tenho um passado, que a minha memória registra. Se “acontecí”, viví; e se viví, lutei, sofri e amei.

Afigura-se-me que tôdas as criaturas amam.

Exceção: Nietzsche.

Augusto Comte também não amou Clotildes. Aquilo não foi amor, mas desvario, obsessão, loucura.

Sofri mais do que amei, mesmo porque amar é sofrer.

Mais feliz é o tempo, que não luta, não sofre, não ama.

Daí a minha dúvida sôbre a sua existência.

Existirá o tempo?

Newton acredita nêle, considerando-o uma entidade independente dos sêres e dos fenômenos.

Neste caso, se o tempo é independente de mim, é claro que eu não sou o tempo.

Kant diverge: Tempo é uma forma à priori” de nossa sensibilidade.

Agora o tempo depende da minha faculdade de sentir, e, pois, está em mim. Se está em mim, eu e êle “somos”.

Descartes elucida: Suprimí as coisas, e já não há mais tempo”. Se suprimir as coisas é suprimir o tempo, o tempo relaciona-se intimamente às coisas, ligando-se, interpenetrando-se, confundindo-se. E como eu não sou coisa, o tempo existe, se me suprimirem. Logo eu não sou o tempo.

Para mim, tempo é duração.

Duração de uma vida, de um fato.

A Batalha de Austerlitz — a glória no zénite.

O exílio em Santa Helena — a glória em poente.

No “tempo” de Napoleão, a duração da epopéia napoleônica.

Tempo... duração da eternidade, sem princípio, sem fim, pura abstração nas relações de sucessão.

Tempo infinito, em cujo segundo imensurável eu nasci, cresci, envelheci e vou morrer...

Eu e o tempo...

Bem, meus amigos, da minha vida — rapidíssima duração bio-psico-sociológica, vai restar apenas e só, um pugilo de impressões e de episódios. Folhas secas rolando na espiral de uma lufada...

## CAPÍTULO II

### *O ENCONTRO COM O TEMPO*

O meu primeiro encontro com o tempo data de 1886, em Pôrto Calvo, a dezesseis de maio, ao meio-dia, quando o sino da matriz badalava doze vêzes sôbre a cidade. Contou-me, várias vêzes, minha mãe que as badaladas do sino grande me faziam estremecer no berço, e como que me despertavam uma vaga atenção inconsciente. A casa, onde nasci, fica perto da Igreja, ao lado direito de quem entra no majestoso templo, construído, segundo rezam as crônicas, em 1610. E de tão perto, o toque do sino repercutia dentro dela como uma forte ressonância de bronze.

Daí, talvez, a camaradagem que entre nós — eu e o sino — se travou, quando aos oito anos, me fiz um sineiro sentimental e apaixonado. Ao subir à torre para tocar a chamada de missa, as doze badaladas, ao meio-dia e a Ave-Maria, ao entardecer, eu era um menino feliz.

As seis badaladas do ÂNGELUS vibravam dolentes e caíam sôbre o silêncio cinzento do crepúsculo, como um manto de melancolia e de paz.

Eu mesmo me emocionava com o mistério da hora e, do alto da torre, olhando a cidade, sentia que ela estava rezando, tôda envôlta no tule da tarde morta.

Também eu rezava abrasado daquela fé em flor, que para meu mal murchou e se esmarriu no meu coração.

— “O Anjo do Senhor anunciou Maria.

E Ela concebeu por obra e graça do Espírito Santo.”

Ave-Maria!

Corujas piavam escondidas atrás do altar-mor.

As últimas jandaias retardadas passavam chalrando, em busca do pouso da noite.

Lá vinha chegando o preto Antônio Macaco, de escada ao ombro, acendendo os lampiões da rua.

Descia da torre contrito e me encaminhava para casa.

— “Bença, mãe.”

Íamos todos cear.

Casos havia que me afastavam da torre — quando alguém morria na cidade e nos engenhos.

Os sinais cabiam ao sacristão, o Afonso da Isabel, que percia dez tostões por um toque singelo e dois mil réis por um dobre.

Os defuntos dos engenhos e dos povoados eram transportados em rêdes, colocadas ao longo de varas, sôbre os ombros dos homens que quase sempre se embriagavam, andando em tropel, gritando como possessos. Em todo o percurso conclamavam os habitantes dos arredores a acompanharem o féretro macabro.

— “Chega irmã das almas!”

E lá se ia, estrada a fora, o bando sinistro, que mais parecia uma caterva de loucos.

\*

\* \*

O dia de finados também interrompia a minha frequência à torre. Os sinos plangiam das cinco da manhã às seis da tarde, em dobres ininterruptos. Eu não tinha licença para sair, a não ser à tarde, a fim de acompanhar a romaria ao cemitério, obrigado a ficar em casa, rezando padre-nossos infindáveis com a velha Mariquinhas, minha avó materna, por alma dos defuntos da família.

Sôbre a cidade pesava um ar de tristeza. A população vestida de preto acorria ao Campo Santo, em visita aos mortos.

— “*Requiem eternam eis dona domine*” — recitava o vigário Ivo, aspergindo com o hissopo as lápides, onde letras negras brilhavam à luz das velas, lembrando datas, eternizando saudades.

A banda “Vinte de Janeiro” tocava marchas fúnebres.

Mulheres choravam, desfiando contas de rosário, ao pé das sepulturas.

Alheias à mágoa universal, bentivís cantavam, pulando álcres sôbre os braços das cruzes.

### CAPÍTULO III

#### *O SINO DO "SEU" NICOLAU*

Cristovam Lins não foi apenas o comandante das bandeiras, o sertanista destemeroso, que domou a "jungle" para plantar canaviais, construir banguês e fincar estacas de curral nas regiões conquistadas aos índios comedores de camarão.

Foi também um artista enamorado das paisagens e das belezas da terra núbil, que constituia o seu feudo estendido pela vasta área dos quatro rios.

Dí-lo a escolha do local, onde fundou o povoado, que é hoje a cidade de Pôrto Calvo.

A velha "urbs" equilibra-se sôbre uma colina, que mais parece o espinhaço de animal pré-histórico, em cujas vértebras irregulares sobrados acaçapados, de varandas de ferro, se conservaram de pé, por mais de três séculos, por um milagre de estabilidade.

Pelos flancos, o solo despenha-se em bibocas e grutas, que vão ter lá embaixo, nas várzeas, por onde correm os rios "Manguaba", "Comandatuba", "Moicatá" e "Tapamundé".

Em uma das vértebras mais altas da colina, a Matriz, de paredes ciclópicas e impenetráveis.

Nos dias terríveis da guerra holandesa, o templo devia ter sido também um fortim.

Sob aquelas arcarias e abóbodas medievais, Henrique Dias, Felipe Camarão e Sebastião de Souto combinaram os planos de ação, que derrotaram Picard e Fernandes Calabar.

Naquelas paredes maciças incrustaram-se fragmentos de glórias, farrapos de heroismos, que constituem páginas eternas do nosso nativismo nascente.

A torre atalaiava a aproximação do inimigo, dando aviso ao povo pelo alarma do sino grande.

Na luta armada entre Manoel Isidoro e os Mendonças, o Juiz de Direito, Dr. Bernardo Lindolfo aguardou em companhia de parentes e amigos a visita incômoda do genro do bandido Vicente de Paula.

Antes, apavorados com os papa-méis, os habitantes da cidade pernoitavam na igreja, sob a proteção das paredes formidáveis, e o amparo de Nossa Senhora da Apresentação. As mulheres rezavam o têrço, de portas fechadas, enquanto os homens válidos aperravam os bacamartes, à espera do ataque.

Quem se detiver a contemplar do alto da torre as várzeas cobertas de ingazeiras e mulungus, certo se deslumbrará. O "Manguaba" concorre para êsse deslumbramento.

Foi-me o "Manguaba" um grande amigo. Os meus irrequietos tempos de menino passeio-os a banhar-me nas suas águas andejadas, brincando a galinha d'água e o bôto.

"Galinha d'água!

D'água!

Assada ou cozida?

Cozida!

Quem a come?

Eu!"

E nos lançávamos à correnteza em busca de uma bola atirada à distância.

O rio com os seus afluentes enroscava-se ao sopé da colina constringindo-a em fortes amplexos de sucuriçu estrangulando um novilho.

Quando as grandes chuvas de São João e Santana caíam torrenciais, tufavam as águas, espraiando-se pelas várzeas em imensos lençóis pardacentos, que cobriam os canaviais e as frondes esnocadas das árvores afogadas nas cheias.

Redobrava então o meu convívio com o rio. Perambulava inconsciente do perigo pela planície inundada, sôbre uma frágil jangada de estirpes de bananeira.

A cheia impunha-me o trabalho bíblico de construir arcas efêmeras, que rodopiavam tangidas pela correnteza.

Proejava para todos os quadrantes, desprovido de bússola e astrolábio, manejando com perícia um curto remo de peroba.

Era eu o Noé daquele dilúvio não mencionado no Velho Testamento.

Empolgavam-me, de resto, as lendas do rio, exaltando-me a imaginação infantil:

"Mães-d'água" de grandes cabeleiras gotejantes, surgindo

dos pegos para furtarem crianças de sete meses às mães descuidadas: — “o homem sem cabeça” que na noite de São João riscava a fôgo sôbre as águas os nomes das pessoas que estavam prestes a morrer. O “sino de ouro”, que badalava dentro do poço, onde, dizem, mergulhou há trezentos anos, acreditei ouvi-lo gemer no fundo das águas negras e paradas. E corria crédulo a contar, cheio de espanto ingênuo:

— “Mãe, eu ouvi o sino de ouro tocar, no pôrto de “seu” Nicolau.

## CAPÍTULO IV

### *P A I X Ã O I N F A N T I L*

Entre os quatro e cinco anos, sacudiram-se os primeiros abalos do sentimento afetivo. Uma inconsciente paixão mesclada de sensações confusas, que Freud depois me explicou. Complexo de Édipo? Sei lá...

Coisas difíceis de ser compreendidas...

A impressão dêsse estado d'alma em botão não se apagou e, ainda hoje, percebo que ela está presente, gravada na placa sensível do meu espírito. A impressão dos fatos inconscientes dura a vida tôda.

Quando vou a Pôrto Calvo, a minha primeira visita dirige-se como que automaticamente a êsse amor, que foi o sacrilégio inocente da minha infância... Realmente, o sexagenário pula sôbre os anos, não podendo reter as lágrimas que lhe borbotam não dos olhos, e sim do coração, em cujas profundezas minha mãe instilou a fé que perdi e que espero de Deus recuperar antes de morrer. Minha mãe, descendente de marítimos portugueses, era fervorosa devota de Nossa Senhora.

O culto à Maria, — a hiperdulia — quase constitui uma religião à parte no decorrer dos séculos XII e XIII. Mãe tutelar e compassiva, era venerada não sòmente como a mulher ideal, mas também como Nossa Senhora das Dores, afirma Burns.

A Idade Média ainda está viva dentro de nós. Um dos erros da "lei dos três estados" consiste em afirmar que passou a fase teológica. Ela existe integral, no seu aspecto religioso católico, na alma do mundo.

Em Pôrto Calvo, permanecia nova em folha. Renascença, Reforma, Enciclopédia, Iluminismo — conversa fiada para o portocalvense.

A padroeira da cidade, Nossa Senhora da Apresentação, é venerada em Pôrto Calvo, desde 1610. O povo dedica-lhe uma adoração fanática. Não há santa mais querida no norte de Alagoas.

Minha mãe recebia dela o consôlo para a sua vida escoada por entre canseiras e afazeres domésticos. Nunca vi criatura mais resignada no sacrifício em que se consumiu e na humildade em que se sublimaram as suas virtudes de heroína anônima.

Não ouvi jamais uma queixa escapar-se-lhe da bôca, sempre disposta ao perdão e à renúncia.

Invocava a Virgem para solucionar os problemas que nos afligiam. Socorria-se de sua Comadre (eu o afilhado) nas dificuldades da família.

— “Peça, meu filho, à sua madrinha que lhe cure a maleita, que lhe dê cadência para ser um padre, que ajude a seu pai.” Pedidos e mais pedidos por meu intermédio.

Tôdas as noites, antes de deitar-me, ela me fazia rogar-lhe felicidade.

— “Minha madrinha do Céu, fazei-me feliz.”

Ora, êsse ambiente beato, exerceu a sua influência inexorável.

Apaixonei-me pela Padroeira. Dupla impiedade: Santa e madrinha.

Perto da Igreja, a casa onde residíamos, era fácil escapulir-me para junto da Imagem. Entrava cheio de terror. Apavorava-me um Cristo enorme, de olhos arregalados, rosto convulso a escorrer sangue, mãos atadas também sangrando.

El Greco pintou o êxtase de São Francisco, mas não fixaria na tela a fealdade dolorosa daquele mártir, que infundia mêdo aos meninos de Pôrto Calvo.

Ela esperava-me meiga e pura, como a visão mesma do Céu. No meu enlêvo, não via, mas sentia que seus olhos castanhos se volviavam para mim e que sua linda bôca se desatava num sorriso terno e divinal.

Horas e horas passava esquecido em contemplá-la. Odiei os anjos que lhe ornavam a peanha, desejando ser um dêles, despeitado por não estar também debaixo dos seus pés.

Minha mãe vinha buscar-me, encontrando-me, n'uitas vêzes, adormecido ao pé do altar.

— “Você não pára em casa. Não sai da Igreja. Assim é de mais...”

A admoestação deixava transparecer uma ponta de ciúme...

A minha maior exaltação reservava-se para o dia de procissão. Tirada do seu nicho, colocada sôbre o andor, eu podia vê-la de perto, tocá-la, beijá-la, cobrir-lhe os pés de rosas e dâlias que

escondiam o rosto dos anjos. “Agora êles não podem vê-la”, pensava.

— “Mãe, lá vem ela, lá vem, mãe.” Ajoelhados, afilhado e comadre choravam de emoção, quando a Imagem passava pela nossa casa, majestosa e bela, tôda banhada de luz doirada do crepúsculo.

Passaram-se os anos. Sessenta e tantos... E, ainda hoje, o homem que se envenenou de cepticismo, monismo, agnosticismo e positivismo, leu Lucrécio e Locke, os dois emancipadores do espírito humano e se imbuiu de uma porção de teorias, princípios e idéias, como lei de três estados, lutas de classes, fatalidade geográfica e antropológica, acaso na História, círculos culturais e outras criações do pensamento, ainda hoje, ao deitar-se, não dorme sem dizer a súplica que aprendeu, aos cinco anos, com a ternura materna:

— “Minha madrinha do Céu, fazei-me feliz.”

## CAPÍTULO V

### O ENGENHO DO MAJOR MIRANDA

Meu pai, Major da Guarda Nacional, Manoel Jerônimo Cuedes de Miranda, também possuiu um engenho, chamado "Ilha", onde passei grande parte da minha meninice.

A mais viva recordação, que guardo daquele tempo, prende-se à morte do velho Brito. Era êle o professor do engenho. Ensinava rudimentos de aritmética, de gramática e leitura. Escrevia em ótima caligrafia que causava admiração a meu pai. Vi-o morto, estirado sôbre um sofá, barbas brancas de monge, mãos rígidas, encravilhadas, segurando um rosário de contas negras.

Fizeram "sentinela" ao defunto, uma farra com café, bolachas, aguardente e rezas bárbaras. Não tomei parte na vigília, cheio de medo e não consegui dormir.

No silêncio da noite ecoava a melopéia lúgubre em apelos ao Arcanjo S. Miguel em prol da alma do morto:

"Ô Migué, ô Migué,  
Ouve a voz de quem te chama  
Manda buscar esta alma  
Faz três dias que "arrecrema".

"Ô da casa, ô de fora,  
O inferno estremeceu  
Eu vim buscar esta alma  
Por ordem da Mãe de Deus."

Contrapõe-se o demônio:

“Ô Migué, ô Migué,  
Esta alma eu não te dou  
Que hoje já faz treis dias  
Que esta alma aqui chegou.”

O Arcanjo reage :

“Nem que faça quinze anos  
Esta alma eu sempre levo  
Quem mandou buscar esta alma  
Foi a Mãe do Padre Eterno.”

A alma do defunto agradece a sua salvação :

“Bendito louvado seja  
O coração de Maria  
Que ontem eu estava no inferno  
E hoje no céu de alegria.”

Outras lembranças, essas emocionais e evocativas, ainda me ficaram: a patativa que cantava na ingazeira, à beira do rio, no local onde minha mãe se banhava; as tardes passadas à sombra da cajazeira, infestada de ninhos de xexéus, que cantavam imitando os outros pássaros e brigavam, caindo num baque no chão, atracados. Ainda hoje me lembro do meu carneiro, o “Mimoso”, que morreu espetado nos chifres do “Fidalgo”. Chorei as minhas primeiras lágrimas de dor, diante do meu primeiro amigo, que morria lutando.

A minha maior emoção sentia quando apanhava juritis presas na arapuca armada sob as carrapateiras.

Às vezes estavam prisioneiras três e quatro. Eram lindas na sua plumagem plúmbea, na sua graça faceira, turturinando em suaves arrulhos.

As vê-las sob a armadilha, meu coração batia célere. Apesar de belas, eram assadas no espêto, para as delícias da ceia.

Aguardava com ansiedade as migrações dos pintassilgos em setembro, quando os muçambês se carregavam de sementes e floresciam, alvejando como toalhas de cambraia abertas ao luar.

Era setembro e dezembro, começava e terminava a moagem. Era a fase mais alegre do engenho. Pela madrugada o apito da caldeira acordava o pessoal para a faina do dia.

Logo cêdo, os carros transportavam canas dos partidos para o picadeiro, rechinando a mesma toada monótona, que me des-

pertava tôdas as manhãs, saudadas pela festa dos canários trepados nas estacas do curral.

Às sete horas, o maquinista dava um impulso ao volante e as rodas se punham ao movimento.

As moendas rangiam, esmagando canas, e o caldo espirrava, caindo na bica de madeira que o conduzia à tacha.

As últimas têmperas eram batidas e depositado o mel nas fôrmas, na casa de purgar.

Bois mugiam, ruminando, deitados aos magotes, na bagaceira.

Um cheiro orgânico de melaço derramava-se no ar luminoso do verão. No fundo da várzea, bacuraus piavam a velha cantiga noturna:

— “Amanhã vou. Amanhã vou.”

Meu pai ensofregava-se no trabalho, não escolhendo tarefa para realizar. Carreava, tombava canas para as moendas, dava têmpera ao mel, purgava açúcar, conduzia bagaço para a fornalha, não se poupando.

Só mais tarde pude avaliar o esforço daquele homem, que de pequeno comerciante se fêz senhor de engenho.

Ingente e exaustiva foi a luta em que se empenhou com a decisão inabalável de um forte, e na qual veio por fim sucumbir.

A adversidade pulseou-o implacável, não atreguando um instante. Plantava canas nas várzeas, mas as cheias liquidavam os canaviais.

Preferia os altos e as encostas, e o verão batia, crestando, comburindo tudo.

Parecia até u'a maldição aquêle capricho da natureza em querer aniquilar, a todo o transe, a energia benfazeja e criadora de um homem de boa vontade.

Vi o muitas vêzes contemplar o dilúvio, a subida das águas, crescendo, crescendo e submergindo os canaviais, esguedelhado e mudo, sob o temporal, diante da calamidade em que se esvaía o fruto do seu trabalho árduo do ano.

Os seus inimigos celebravam o fracasso com epigramas e chacotas, que êle desprezava com a superioridade dos que se não abatem com a própria desgraça.

Resistiu às invernias e às estiadas, como um titã, mas, ao cabo de sete safras perdidas, baqueou. Sofreu a amargura dos vencidos vendo o engenho parado, de fogo morto.

O último ano da moagem foi-lhe um desfêcho trágico. Apesar de minha pouca idade, tomei parte nêsse drama, em cujo derradeiro ato o destino nos apupou.

Ajudei-o, acompanhando-o como uma sombra, ligado a êle

por uma simpatia e uma solidariedade, que nunca mais se apagaram nas nossas almas amigas.

O fracasso teve repercussão até no folk-lore, num entono de mofa e zombaria:

“O engenho da Ilha  
É danado p’ra moer  
Faz três caldeiras por dia  
Não tem lenha p’ra cozer  
Quando é dia de sábado  
Morador vai vêr dinheiro  
Fale seu colega,  
Miranda vai se esconder.”

Infâmia da maledicência anônima e perversa, porque meu pai nunca se ocultou para fugir ao pagamento de salários de seus trabalhadores.

Em muitos sábados deixou de fazer a feira da família e chegou ao ponto de vender o seu relógio para não ficar devendo aos que lhe prestaram serviços.

Major Miranda, como é sincera e comovida a homengagem que agora presto à sua coragem estóica e ao seu obscuro sofrimento, na luta brutal travada com tão cruel e rude adversidade!

## CAPÍTULO VI

### *RECORDAÇÕES DO ENGENHO "ILHA"*

Morei no engenho "Ilha" seis anos, dos sete aos treze.

As circunstâncias impuseram-me necessidade de trabalhar, de ajudar meu pai.

Fui um menino metido a homem.

Usava à cintura um facão maior do que eu.

Dava ordens, dirigia os trabalhos do engenho nas ausências do velho Miranda.

Salvante as horas das refeições, estava sempre fora de casa, ou na escola, pela manhã, ou nos canaviais, ou trabalhando na moagem, pelo resto do dia.

No pequeno mundo inscrito no pentágono do cercado, a vida desenrolava-se e se expandia com as forças de uma hígida, vigorosa e sôlta animalidade.

O meio ambiente estimulava precoces eclosões do instinto sexual, de obscuros e inexoráveis atavismos transmitidos através de infalíveis heranças pelo plasma germinativo.

Um behaviorista fortaleceria a teoria da psicologia do comportamento, se observasse as reações diárias que o ambiente operava em mim.

Inatos e hereditários, não obstante, os instintos podem sofrer a influência da aprendizagem.

Esta ressaltava espontânea dos fatos, das práticas diuturnas, em amostras de rudes e livres impulsos biológicos.

Os incentivos à sensualidade irrompiam da própria vida estuando em derredor nos ímpetos naturais da reprodução.

Para o behaviorista só importam as reações dos músculos, das glândulas e das vísceras.

O comportamento psíquico independente é para os discípulos de Pavlov mera ficção.

Fico a pensar que o behaviorismo está certo.

Os atos que pratiquei, nessa época, todos contrários aos conselhos e cuidados de minha mãe, levam-me a crer que todo comportamento humano se reduz a uma série de reações físicas.

Vejam a reação a que me levou a aprendizagem.

O velho Miranda conservava prêso numa gaiola de ferro um macaco, o "Silva Pereira", símio de insaciável lubricidade.

Foi êle o responsável pela perda transitória da minha esplêndida memória, ensinando-me a prática atribuída àquela personagem bíblica referida no Gênesis — uma pataca — trezentos e vinte; duas — seiscentos e quarenta; três...; quatro...

A memória fugia, mergulhando na escuridão do inconsciente.

— "Dá licença ir fora?"

Pegava a pedra e saía duas, três vezes.

Emagreci, sentindo perturbações digestivas e nervosas.

O professor desconfiou da minha amnésia e das saídas repetidas, e me advertiu do perigo da prática deletéria, salvando a minha juventude de males irremediáveis.

\*

\* \*

Há quem zombe dos "reflexos condicionados", de Pavlov e das experiências feitas no cachorro que se tornou célebre, entrando para os domínios da psicologia.

Êles bem que existem.

Tomávamos banho no rio, tôdas as tardes, eu e o moleque Caiçara, filho do mestre de açúcar.

Um casal de patos justamente àquela hora banhava-se também, atracados, mergulhando e surgindo à tona, cada vez mais unidos, mais ligados, num grasnido louco.

Amavam-se.

Aquêle coito às escâncaras, sem nenhum pudor, perturbava-me determinando sempre as mesmas reações.

Bastava ouvir-lhes o alarido amoroso, enlaçados os dois, rolando nas águas.

O fato é que o moleque Caiçara deixou de tomar banho comigo.

Ser pata não era com êle...

\*  
\* \*

Apareceu, vinda não se sabe de onde, a Apolônia, negra retinta, ainda jovem.

Não podia dizer como a Sulamita — “Nigra sum, sed formosa” — porque era horrendamente feia.

Os dentes alvíssimos e a esclerótica muita branca contrastavam com o piche do rosto.

Afeiçoouse à minha mãe, prestando-lhe serviços domésticos.

Uma tarde, saímos eu e ela, à procura de perus extraviados. Era já lusco-fusco e nada de encontrarmos os galináceos. A negra sentou-se sob um bambual, de onde se escapuliram dois preás justapostos.

Apolônia deu uma gargalhada, apontando-me os dois roedores acasalados.

Um vento leve agitava os galhos da gramínea, farfalhando num doce murmúrio.

De súbito, agarrou-me, rolando ambos na cama fôfa das folhas sêcas.

Os vagalumes projetavam a luz esverdeada de suas lanternas sobre o ébano de coxas expostas, escuras como a noite que caía.

Continuámos a procurar perus extraviados, até que sem nenhum motivo ela se sumiu.

Tive saudades da negra, a ponto de mandar o Zé Cambiteiro procurá-la pelos engenhos vizinhos, mas ninguém deu notícias da danada.

\*  
\* \*

Num domingo, montei na “Mansinha”, égua castanha, baixeira e árdega, e fui à Pasta comprar farinha.

Ao passar pelo sítio do Amaro, um cavalo avançou, rinchando, sobre a besta.

Pulei da sela, disposto a defendê-la, armando-me de um varapau. “Mansinha” a princípio reagiu, mandando uns pares de coice ao agressor, mas, por fim, se acomodou passiva, consentindo, querendo.

Estupefacto, permaneci de lado, olhando, vendo tudo.

Depois montei na égua e segui viagem.

“Mansinha” caminhava lépida, satisfeita, feliz.

Um sentimento de humilhação, de despeito, ou, talvez, de recôndito e possível ciúme, atordou-me.

Aquela satisfação, aquêle bem estar, aquela saciedade da égua irritavam-me.

Égua sem vergonha! Munã safada!

Levantei a tabica para vergastá-la, mas tive vergonha daquela vingança mesquinha.

— “P’ra que dar na bichinha”, disse comigo mesmo.

A cena do sítio do Amaro gravou-se na minha retina. À noite, sem poder dormir, revia tudo: o cavalo avançando, de foinho no ar, rinchando; a égua escoceando, e se entregando em seguida.

Prêsa de uma obsessão, a lembrança fescenina perseguia-me implacável.

Noite de sábado.

O velho Miranda fôra à cidade.

O engenho peajara às oito horas.

Na bagaceira embrulhada na escuridão, bois ruminavam, arrotando alarves.

Um cheiro de melação derramava-se no ar saturado de lascívia.

A noite cálida sugeria desejos carnais.

No fundo da várzea bacuraus piavam, em convites obscenos.

O silêncio gritava-me estímulos inconfessáveis.

O episódio do sítio do Amaro assaltou-me.

O cavalo justapondo-se à égua e o resto.

Onde estaria a “Mansinha”?

Dei uma volta pela bôca da fornalha, ansioso por encontrar a égua.

Um vulto moveu-se à luz difusa das estrêlas.

Era a “Mansinha”, que bebia garapa no côcho.

— “Mansinha”!

E lhe alisei as ancas, descendo a mão.

A égua nitriu baixo, num gemido de consentimento.

— “Mansinha”!

Quando deixei o engenho, feito caixeiro em Pôrto Calvo, recomendei a “Mansinha” ao Zé Cambiteiro, que a livrou de serviços pesados.

Morta, anos depois, mandei enterrá-la na bôca da fornalha, o seu sítio preferido. O sítio das suas recordações.

## CAPÍTULO VII

### MENINO SEM MEDO

A negra Apolônia, agregada à nossa vida, chegou e desapareceu sem se saber de onde, nem para onde.

Negra misteriosa, calada como a sombra que projetava na estrada, em noites de lua cheia. Não dormia enquanto a lua não minguasse em quarto, perambulando à toa pelas brenhas. Comentava-se aquela esquisitice da negra, aquela mania de andar, noite a dentro, pelas capoeiras, feita sonâmbula.

— “O que ela é, — afirmava o carreiro Paulinho, compadre de meu pai, — é uma feiticeira. Ninguém me tira da cabeça que aquela negra tem parte com o “sujo”.

Tôdas as noites, no terreiro da Casa Grande, conversava-se sôbre aparições, mulas sem cabeça, lobisomens que eram vistos, antes da meia-noite, à luz da lua, nos quintais, mexendo no estercor de galinhas, sob os poleiros. A velha Catita jurava persignando-se, que nas noites de sexta-feira um bicho empurrava a porta de sua casa, comendo cascos de caranguejos. Ela tinha visto com os próprios olhos, pelo buraco da fechadura. Trazia até um chocalho no pescoço, que badalava. O mestre Caiçara contou a meu pai que lhe bateram na janela, desafiando-o. Perguntado quem era, respondeu com voz roufenha:

— “Sou eu, Cuminho,  
Se é homem sáia,  
Se é mulher fique no ninho.”

— “Eu ouvi, Major, não estou mentindo.”

O terror espalhou-se pelo engenho. As portas fechavam-se à boca da noite.

Debalde meu pai se esforçava para convencer os moradores da não existência de lobisomens e mulas sem cabeça.

A credence ancestral eclodia com a fôrça de heranças inexoráveis. Começou o êxodo. Fugiam contagiados do pânico originário de épocas evanescentes. A moagem parou. O mato invadiu os canaviais abandonados. O engenho era um ermo povoado de noturnos fantasmas imaginários. De duzentos ou mais moradores, ficaram duas dezenas de homens menos crendeiros. Eu era metido a valentão. No engenho consideravam-me corajoso. Nas rodas dos moradores dizia-se com convicção:

— “Seu Gué é um menino de coragem. Não tem mêdo de nada.”

Eu sabia da opinião do pessoal a meu respeito e esturrava, bravateando, contando façanhas. Era dotado de fôrça hercúlea. Apesar de menino suspendia um saco de açúcar de sessenta quilos, “melando” os peitos dos adultos. Na quebra de braço ninguém me vencia. Derrubava muito cabra barbado.

Quando me matriculei na Faculdade, chamavam-me “calouro musculatura”.

Resolvi ir ao encontro dos fantasmas que noctambulavam causando assombrações. Anunciei o meu propósito aos moradores.

Numa sexta-feira, dia preferido pelos lobisomens para suas andanças malfazejas, armei-me de pistola, faca de ponta e caxaronguengue (arma temida pelos lobisomens) e me meti pelos matos, fora do cercado. A lua esbranquiçava de uma tênue claridade de leite as folhas das jurubebas e dos muçambês. O vôo de um pássaro assustado, mudando de galho, fez-me arrepios de mêdo. Percorri os arredores, de pistola aperrada e faca em punho, em arrogante provocação aos fantasmas. Na areia do caminho não se via rastro.

— “Êsses idiotas são uns poltrões”, disse monologando. “Amanhã êles irão ouvir o que penso de sua covardia.”

Um galo cantou distante. A lua deitava-se desmaiada no céu. Era quase meia-noite, a hora certa das aparições. Outro galo cantou perto, dentro do cercado. Cadê o fantasma, cadê nada,” pensei desapontado. Eu ansiava por um encontro com êle, a fîm de consolidar a minha fama de valente.

Não encontrando com quem brigar, vim voltando para casa.

O canto das araquãs estridulava no fundo do mangue, varando o silêncio.

Era mais de meia-noite quando cheguei à porteira do cercado. A uns dez metros avistei um vulto imóvel, que se tornava mais alvo ao brilho pálido da lua.

Um calafrio percorreu-me a espinha.

— “Quem está lá?” A minha voz tremia e eu também.

— “Quem está lá?”

O vulto moveu-se, caminhando em minha direção, agitando os braços.

Larguei no chão a faca, a pistola, a caxarenguengue e abalei uma carreira louca.

— “Seu” Gué, sou eu, não tenha medo, sou eu.”

A negra despiu-se do lençol em que se envolvia, e corria atrás de mim gritando:

— “Seu” Gué, não tenha medo, sou eu, a Apolônia.”

No engenho nada se soube do episódio. Sabia-se, no entanto, que eu andava sozinho tôdas as noites, à procura de fantasmas.

Apolônia sumiu-se dias depois, e com ela desapareceram as assombrações.

Reiniciouse a moagem.

O engenho voltou à sua vida de trabalho.

— “Foi “seu” Gué quem acabou com os lobisomens”, diziam perplexos.

— Menino de coragem!”

## CAPÍTULO VIII

### A C A B E L E I R A D O C O M E T A

Encerradas as atividades agrícolas de meu pai, de fogo morto o engenho, esboçou-se para a nossa família uma fase cheia de dificuldades.

Aos doze anos, eu nada sabia de humanidade, desprovido de conhecimentos rudimentares do curso primário.

Minha mãe desejava que eu fôsse estudar no Seminário, destinando-me ao sacerdócio, mas meu pai queria fazer de mim um bacharel.

As circunstâncias, entretanto, levaram-me a ser caixeiro da firma comercial Braga Irmãos, estabelecida com secos e molhados.

Iniciava-se para mim um novo círculo de vida. Fora das vistas paternas, entregue à minha inexperiência, caí em cheio na gandáia.

Passados alguns meses de iniciação, os meus patrões, que também eram meus tios, consideraram-me inábil para a profissão.

Tôda profissão é uma vocação, a "vocatio", o chamamento interior que nos conduz com entusiasmo e paixão a realizar a nossa tarefa na vida.

Todos os loucos que revolucionaram o mundo, obedeceram a essa força misteriosa, que faz obcecados e fanáticos. Apóstolos, heróis e bandidos são arrastados por uma tendência irresistível, que é a vocação.

Radbruch afirmava que não há maior pecado contra si próprio do que a profissão errada. E errado vivi quase um ano.

metido com gente de baixa láia, num regime de libertinagem e desregramento.

Frequentei bordéis de baixo meretrício, arruinando a saúde e o caráter ainda em formação.

Um acontecimento, porém, veio providencialmente salvar-me, arrancando-me pela raiz da sordícia daquela vida deplorável e sem horizontes.

A população da cidade inquietou-se com o aparecimento de um clarão, que a certa hora da noite resplandecia no céu, à semelhança da cauda de um cometa.

À medida que crescia em fulgor aquela estranha luminosidade, aumentavam os receios do povo, culminando nos mais timoratos num verdadeiro pânico. Os entendidos afirmavam que o clarão era a cauda ou a cabeleira do cometa de Biela.

Os mais velhos ainda se lembravam do grande sobressalto, que esse cometa produziu no seu regresso em 1932, porque se esperava que êle se encontrasse com a terra.

Esse pânico se generalizou. A igreja enchia-se, à noite, de mulheres, para a celebração de terços e novenas de preces à misericórdia de Deus. Sabia-se até o dia certo do encontro da terra com o cometa. Era o fim do mundo.

Todos iam morrer envoltos nas labarêdas do fogo universal da catástrofe.

Surgiu afinal o dia terrível. A cidade torturava-se na angústia da morte iminente. O povo ajoelhado à porta da igreja aguardava o instante fatal do choque, que devia verificar-se antes das vinte e quatro horas.

No gurgurão negro da noite brilhava nas alturas, mais límpido, mais luminoso, o clarão fatal, fulgurando indiferente sobre o nosso desespêro.

Convenci-me de que estava vivendo a minha derradeira noite. Resolvi, por isso, despedir-me da vida com a última patusada.

Convidei os camaradas de baderna e abri as portas da casa comercial de meus tios. Não ficou sobre as pratileiras uma lata de sardinhas, de doce, de azeitonas, nem garrafa de vinho, de conhaque, de vermute. A mim não importava aquela devastação, desde que tudo ia ser devorado pelo fogo do cometa.

Mas as horas foram se passando e já alta madrugada nada havia ocorrido.

Empalideciam as estrêlas, e o clarão, causa de tanto pavor, também desmaiava inofensivo, no céu.

O encontro do cometa com a terra não se realizou. A felicidade de todos era agora a minha perdição.

Pela manhã, meu tio Manoel Braga, chefe da firma, examinava os restos da farra, nos montões de latas e garrafas vazias, calculando a extensão do prejuízo.

Fui despedido sumariamente. Por ignorar que o professor Norris Russel considerou os cometas "ninharias aéreas" e por não saber que o seu encontro com a terra podia determinar, apenas, uma chuva meteórica de estranho fulgor, abri um novo rumo às fôrças do meu destino.

## CAPÍTULO IX

### FIGURAS DA JUVENTUDE

Meu pai decidiu-se ao sacrifício de mandar-me para um colégio, em Maceió. Enorme devia ter sido o seu esforço para êsse fim. Sei que vendeu os bois que ainda lhe restavam.

Em janeiro de 1900, deixei Pôrto Calvo. Embarquei numa lancha, a "Rival", cujo "mestre" o velho José Ricarte, tomou parte na minha vida de estudante. A viagem foi rápida.

Saindo de Pôrto de Pedras às sete horas, às cinco da tarde aportava em Jaraguá.

O nordeste rugindo nas vergas enfunava as veias, fazendo o barco voar sôbre a crista das ondas.

A bordo, olhando o mar largo, sentia saudades de tudo que ia ficando atrás, cada vez mais distante dos meus olhos banhados de lágrimas.

Internei-me no Colégio Onze de Janeiro, do Professor Adriano Jorge. Nada de interessante a narrar sôbre o que se passou durante o ano.

Em dezembro, inscrevi-me para o exame de português, mas fui ao pau, reprovado na matéria, que conhecia superficialmente.

Essa péssima estréia privou-me de passar as férias em Pôrto Calvo.

Em abril de 1901, morreu o Professor Adriano Jorge. Adriano Augusto de Araújo Jorge foi uma nobre e austera figura do magistério e das letras, em Alagoas. Consumiu a vida a estudar, dedicando-se ao ensino de humanidades, que conhecia como um mestre autêntico.

Nunca saía à rua, a não ser para lecionar inglês, no Liceu Alagoano e comparecer às sessões do Instituto Histórico, sempre irrepreensivelmente vestido de sobrecasaca e cartola.

Recordo-me ainda do eloquente discurso que José Duarte pronunciou, de improviso, por ocasião do seu enterramento.

Soube pelo depoimento do médico eminente que o Professor Adriano fôra um patriota ardoroso, e que pegara, certa vez, de uma carabina para defender a liberdade.

\*  
\* \*

Morto o diretor fechouse o Colégio, de onde saíram brilhantes turmas de intelectuais alagoanos.

Voltei a Pôrto Calvo em maio, ávido de um encontro com o passado, com a vida desenfreada do tempo de caixeiro.

Mas meu pai estava vigilante e me trouxe de volta para Maceió, internando-me no Colégio Vinte-e-Quatro de Fevereiro, do Professor Luís Carlos.

Um ano depois, o Colégio foi vendido a um bacharel lunático, que implantou na disciplina um regime de brutalidades inaturáveis.

Não tolerei os processos pedagógicos do Pestalozzi pelo Avesse. Fugi do Colégio. Vagabundiei durante dois meses pela Levada, Poço, Jaraguá, Bebedouro, jogando bozó nos antros, dormindo ao léu, inteiramente desajustado, até que num impulso moral resolvi voltar para Pôrto Calvo, caminhando a pé um percurso de quase trinta léguas.

Cheguei em casa em petição de miséria, estropiado, sujo, esmagado e vencido.

Minha mãe recebeu-me em prantos e meu pai em silêncio. E em silêncio permaneceu muito tempo, profundamente magoado. Ambos convenceram-se de que eu era um caso perdido.

Valeu-me nessa terrível conjuntura a amizade generosa de um padre, o vigário da paróquia.

O Cônego João Machado de Melo nasceu para ser bom e iluminar a fé com as rutilências siderais da sua eloquência. Grande coração, que nunca se aziudou com o fermento da maldade humana; alto espírito de filósofo, que fazia da vida um passatempo efêmero, diante da eternidade, contando anedotas arrematadas com uma gargalhada que lembrava a de Leonardo da Vinci, a qual fazia estremecer os mármores.

Tomou-me sob sua proteção. Ensinou-me latim, filosofia, retórica e português.

O pouco que sei da língua de Cícero devo ao mestre querido. Fui o seu companheiro inseparável nas visitas à paróquia, como um sacristão amador.

Conto um episódio de que nunca se esqueceu, recordando-

me sempre quando eu e êle em Maceió, lecionávamos no Colégio S. João, do qual era êle diretor.

Machado importava da Itália um delicioso vinho de missa. As garrafas guardava as êle mesmo na sacristia, com um cuidado de Harpagão.

A garrafa aberta para a celebração esgotava-se sem que o vinho fôsse usado na missa. O padre deu pelo lôgro e me fêz sentir a sua estranheza pelo fato.

— “Ainda pego um sem vergonha bebendo o vinho” — disse. Nada me respondeu, mas percebi uma sombra de censura no seu olhar. O padre sabia que era eu o bebedor do seu vinho.

Uma tarde, traduzíamos uma fábula de Fedro com esta epígrafe: “Mendaci ne verum quidem discenti creditur” — Ao mentiroso não se acredita ainda mesmo dizendo a verdade. — Êle mesmo fêz a tradução e em seguida indagou:

— “Já descobriu o bebedor do meu vinho?” E explodiu numa gargalhada, que era a minha absolvição.

Nascido em Belo Monte, conservou tôda a vida os hábitos de sertanejo. Nunca abriu, nem mandou abrir porteiras, quando montado no seu cavalo rôxo-pombo.

Cavalo e cavaleiro pulavam, num salto, que era um prodígio de equitação.

Quando em viagem topava com um rio a cortar lhe o caminho, caía com roupa e tudo nas águas claras e sussurrantes, animado de uma alegria trêfega de criança.

Foi um prodígio de tudo: talento, sentimento, generosidade e de bens. Quando a “Hespanhola” assolou, em 1918, o Brasil, Alagoas sofreu os horrores do “morbus”.

Machado residente na capital, excedeu-se no amparo aos doentes pobres da cidade.

De uma feita, vi-o passar na Praça Deodoro, onde eu residia, cambaleando de cansaço, rosto carregado de tristeza e angústia. Indaguei para onde ia, e ao abraçá-lo, percebi que sob a batina havia alguma coisa escondida. O padre levava para os doentes da Levada as últimas galinhas do seu quintal.

Uma comovida amizade confiante e sincera nos uniu até que êle morreu como um mártir, afistulado, cheio de resignação e da humildade de um santo.

Paraninfou a minha formatura, casou-me e é o meu patrono na Academia Alagoana de Letras.

Com a sua morte emudeceu a eloquência dos púlpitos em Alagoas, onde atroou a sua palavra cintilante, como jorros de aurora, em borbotões de claridade resplandecente.

## CAPÍTULO X

### *AGNELO BARBOSA, O PROFESSOR QUE SE CAMUFLAVA PARA PARECER MAU*

Passei quase um ano em companhia do Cônego Machado. Um dia, depois da leitura do breviário, o padre me disse num tom grave, visivelmente emocionado:

— Você não deve ficar em Pôrto Calvo. Precisa cuidar do seu futuro para vencer na vida. E citou uma série de grandes homens que começaram na miséria.

— Vá, arrostete a adversidade e o sofrimento, e não se abata. A vitória pede sacrifício, exige decisão, coragem e paciência. Você vencerá. Vá!

\*

\* \*

Aportando em Jaraguá, numa tarde plúmbea e chuvisqueira de junho, que as gaivotas riscavam de giz, com as linhas quebradas dos seus vôos curtos, dirigime para o Colégio Quinze de Março, do Professor Agnelo Barbosa, à rua da Boa Vista.

Era quase noite quando bati à porta do educandário. O diretor não estava. Tive de esperar, sentado na calçada, ao lado do meu baú de Flandres florejado de rosas vermelhas.

Só às nove horas chegou o professor. Não lhe simpatizei o "facies". Um olhar duro e agressivo faiscava-lhe no rosto trigueiro de caboclo, onde não se abria um sorriso a emoldurá-lo numa expressão de bondade. Um bigode escorrido de corumbá escondia-lhe a boca, onde parecia ribombar a tempesta-

de. Fiquei aterrado. Aquela figura meã, ameaçadora, era a sugestão do mestre escola colonial, ignorante, violento e energúmeno.

Veio-me uma forte vontade de fugir da presença daquele homem carrancudo e feroz, mas reagi. E tartamudeei:

— Professor Agnelo, quero a sua proteção. Não posso pagar-lhe os trimestres, mas desejo estudar.

— Entre, disse-me num entono enérgico de quem dá uma ordem.

Entreí com o meu baú quase vazio e esperei que o professor falasse.

Não o vi mais.

Na manhã seguinte, comecei a trabalhar no serviço doméstico. Continuei durante uma semana o meu trabalho humilde, até que o professor me chamou à sua presença.

— Quero examiná-lo. Sabe aritmética?

E iniciou o interrogatório. Quando saí daquele suplicio era professor de uma turma de alunos primários.

Deixei o Colégio Quinze de Março depois de formado, para casar-me.

Liguei-me ao professor Agnelo Barbosa por uma verdadeira e sincera amizade. Conquistei-lhe a estima que nunca amai-nhou nem se esmaeceu, num lapso de trinta e três anos.

Tive provas comovedoras da bondade de seu grande coração.

O homem inacessível daquela noite marcante da minha adolescência era uma das almas mais generosas que eu tenho conhecido. Aquela fisionomia hostil que me apavorou, era um disfarce. Aquê'e olhar duro e agressivo ocultava meiguices.

O caboc'o intratável e esqu'vo guardava no fundo do coração frouxéis alados de uma imensa bondade. A esponja do fel era um favo. O promontório tormentoso protegia como uma enxada.

O professor celebrado pelas suas crueldades nas tertúlias dos maldizentes camuflava-se para parecer mau.

Porque as suas mãos benfazejas semearam nas almas angustiadas como a minha os grãos incontáveis da sua oculta bondade.

Agnelo, enquanto eu viver, não esquecerei o benefício enorme que você me fêz.

## CAPÍTULO XI

### NO RECIFE

Concluídos os preparatórios, matriculei-me na Faculdade de Direito do Recife.

Meu pai, cheio de orgulho, foi fazer, êle mesmo, a matrícula em fevereiro de 1906. De volta, trouxe-me de presente o "Atheneu" e um par de botões de punho.

O Recife atraía me como a maior ilusão da minha mocidade. Desde de menino que lhe ouvia pronunciar o nome encantador.

Para o Recife velejavam as barcaças, saídas dos trapiches de Pôrto Calvo, carregadas de açúcar.

No Recife abasteciam-se as casas de comércio de Pôrto Calvo.

Os senhores de engenho mais abastados internavam no Pritaneu, de dona Clotildes de Oliveira, e no São Vicente de Paula, as filhas para se educarem com esmêro.

Para o portocalvense, o Recife era praticamente a capital de Alagoas.

Os comerciantes e os bangueseiros viajavam para a grande cidade todos os meses. Partiam de Pôrto Calvo montados em bonitos cavalos baixeiros, ajaezados com arreios ingleses, em demanda de Palmares ou Preguiça, hoje, Joaquim Nabuco, onde tomavam o trem.

Pela manhã, antes da partida, passeavam a galope em mudas despedidas, percorrendo as ruas.

— Dê lembrança ao Recife, — diziam as moças, acenando adeuses.

Eu ainda não havia ido à grande capital.

Ardia de desejos de vê-la, de sentir-lhe de perto a glória, de comunicar-me com o seu passado revolucionário e heróico.

Mas só em junho daquele ano realizei o meu sonho.

De Pôrto Calvo a Palmares viajei a cavalo. Em pleno inverno, o trajecto foi penoso. Lama e atoleiro em todo o percurso. A maior dificuldade da viagem manifestou-se no transporte da minha mala, peça colossal e inútil, porque nada continha além de uma rêde, duas ceroulas, duas camisas, dois pares de meias e as chinelas.

Ainda hoje fico a pensar sôbre a razão de fazer-me acompanhar daquela arca mastodôntica, incômoda, vazia como a minha pobreza.

Em Palmares tive que esperar o trem atrasado.

Dominava-me a expectativa da chegada à famosa cidade.

Prefigurava-a muito diferente de Pôrto Calvo e Maceió, imensa, tôda plana, recortada pelo rio, enfeitada de jardins, de pontes de ferro, de igrejas majestosas, de palácios, a rua Nova formigando de estudantes e de moças elegantes, à tarde, brilhando às mesas dos cafés, tôda a vida fulgurante da Academia ao crepúsculo caindo sôbre o Capibaribe.

E c flêrte aos domingos de regata, às quintas nas retretas na Praça da República, ou nas festas da Penha, do Carmo, dos Arcos de Santo Antônio e da Conceição.

Ea tinha notícia dessa vida boêmia, desbordante de espírito e lirismo, e ansiava por participar daquele ambiente de cultura e beleza.

Em Afogados, às portas da grande cidade, surpreendeu-me a miséria de uma população anfíbia,ilhada em mucambos sórdidos.

Tive a impressão de estar olhando uma Veneza esqualida, atolada no paul imundo.

As marés intumescem e o homem precisa de guelras para respirar e viver nas águas pútridas dêste Asfaltite de mangues, pensei.

O trem parou em Cinco Pontas, a última estação.

Havia chegado. O sonho que floresceu tantos anos na minha imaginação era agora uma realidade.

Estava no Recife.

O carregador guiou-me à rua Vidal de Negreiros, subjugado ao pêso da minha mala.

Caía a noite, e a minha sombra esguia se alcengava pelas calçadas esburacadas, à luz esverdeada e triste dos iampiões embutidos nas paredes.

Naquela noite oprimiu-me a primeira decepção do Recife.

## CAPÍTULO XII

### *CONTATO COM A PAISAGEM DO RECIFE*

Os primeiros dias de contato com a paisagem do Recife foram de deslumbramento.

O Capibaribe recordava-me o Manguaba, o rio da minha infância. Nas águas de ambos refletiram-se as silhuetas dos heróis da Guerra Holandêsa.

Dois rios sagrados da nacionalidade. A liberdade do Brasil plasmouse na lama do Capibaribe e do Manguaba, iluminada pelo sol de Olinda e Pôrto Calvo.

Perambulei primeiro pelo bairro de S. José, onde fui residir, à rua Vidal de Negreiros.

Depois, Madalena, Torre, Campo Grande, Encruzilhada, Beberibe, Caxangá, Afogados, Tejió. Queria apoderar-me da cidade toda, sentindo-a, amando-a.

Almoçava no mercado, e à noite comia peixe frito e tapioca no pátio do Têrço, sentado com as pretas velhas na calçada da igreja.

Quase sempre, à tarde, debruçava-me sobre a Ponte de Santa Isabel e olhava as águas correndo barrentas, enquanto Olinda, lá do alto, trepada na colina, espreitando os longes do mar, resplandecia toda envolta na púrpura de Tyro de sua glória passada.

Naqueles momentos de delírio, a minha memória evocava datas, reconstruía fatos, glorificando heróis e anatematizando traidores.

E em tropel irrompiam dela: Invasão, a esquadra holandêsa diante de Olinda, Almirante Adriaazon, Pau Amarelo, três mil

bátavos em terra, General Weendenburh, Matias de Albuquerque, Salvador de Azevedo, Colégio dos Jesuítas, Arraial do Bom Jesus, o índio Poti, êxodo para o Sul, Pôrto Calvo, Clara Camarão Calabar e Sebastião de Souto, Maurício de Nassau, tolerância religiosa. O negro Henrique Dias e o branco Vidal de Negreiros, Barreto de Menezes, Guararapes, Segismundo Von Schekoppe, Campina de Taborna, capitulação.

E revoluções e mais revoluções, Mascates, aristocratas de Olinda e burguêses do Recife, Bernardo Vieira de Melo, Senado de Olinda, Proclamação da República, Confederação, a Praia, padres e frades enforcados, Pedro Ivo, Nabuco de Aiaújo, Nunes Machado assassinado, José Maria também assassinado, Barbosa Lima, Trajano Chacon trucidado a cano de ferro, General Dantas Barreto, "Salvação", reação autonomista, Manoel Borba...

"Oh! Recife legendário,  
Dá-me sugar êsses peitos  
Que amamentaram leões."

## CAPÍTULO XIII

### *DECADISTAS, SIMBOLISTAS, NATURALISTAS E... ROMÂNTICOS*

Em 1906 quase não se falava em romantismo no Recife, encharcados todos nós de decadismo, simbolismo e naturalismo.

Cruz e Souza era para nós um semi-deus; Baudelaire envenenava-nos com "As flôres do Mal".

Mas os grandes românticos Hugo, Goethe, Lamartine, Musset, Byron e Keats eram lidos. De resto, comportavamo-nos romanticamente.

Brigávamos por causa de atrizes; tomávamos partidos de violinistas rivais, como aconteceu no caso Dalmau versus Sabatini; raptávamos mestras e contra-mestras do pastoril do Erotildes, na Encruzilhada.

O traje era também romântico. Usávamos calças estreitas de fantasia, jaquetão com a gola de sêda, ou fraque, colête en carnado, à Teófilo Gautier, sapatos de verniz, chapéu côco ou cartola, bengala com castão de ouro ou prata. À lapela, florejavam enormes crisântemos, ou delicados ramalhetes de violêtas. Os mais requintados não dispensavam o monóculo.

E serenatas sôbre o Capibaribe, com violão, bandolim e flauta, acordando as lindas moradoras da rua da Aurora, que nos vinham aplaudir emocionadas, do alto dos andares dos velhos sobrados de varanda de ferro.

Éramos também realistas. Renan, Flaubert, Zola e Eça de Queiroz tomavam o nosso tempo. Junqueiro incitava nos com "A Velhice do Padre Eterno" ao motêjo aos frades, que vaiávamos ao passarem pelas "repúblicas". "Tereza Raquin" e "O Crime do Padre Moret", "Madame Bovary" e "O Primo Basílio", "A Vida de Jesus e São Paulo", passam de mãos em mãos, por em

préstimos. Alguns mais heréticos liam Strauss, Binet, Sanglé e Alfred Voisy.

Discutíamos Machado de Assis e Aloísio Azevedo, e desancávamos Coelho Neto.

Euclides da Cunha e Rui entronizados mestres intangíveis.

Graça Aranha começava a infiltrar-se nas nossas tertúlias.

O Parnasianismo tinha fervorosos adeptos. Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Luiz Delfino, Guimarães Passos, Herédia e Proudhôme os preferidos. Nas festas de aniversário, nas reuniões familiares, tinha que haver discursos e recitativos.

Como reminiscência do romantismo, a "Dalila" ao piano.

Recitavam-se "Ouvir Estrêlas" e os "Tercêtos", "O Mal Secreto" e "As Pombas", "Sonho de Sardanapalo" e "Teu Lenço". Os de boa memória recitavam "O Melro", "Caridade e Justiça" e "A Judia".

Teixeira de Carvalho foi o maior declamador da Academia. Laurindo Leão admirava-o.

Numa festa de aniversário, em casa de Laurindo, Isaac Cerquinho cantava ao piano, referindo-se a Teixeira de Carvalho, ainda calouro:

"A recitar, êste calouro está sorrindo  
Sem se lembrar da bordoadada do Laurindo.  
Ai que grande desgraceira,  
O meu calouro vai rodando na madeira."

A "bordoadada" transformou-se em distinção no exame de Filosofia do Direito. Laurindo premiou os talentos declamatórios do brihante alagoano.

Gilberto Amado, de volta da Europa, disse a Castro Azevedo que só na "Comédie Française" ouviu declamar como Teixeira de Carvalho.

Teixeira fazia versos, aliás, esplêndidos, que só os amigos íntimos conheciam; e porque fôsse um temperamento vibrátil e sofresse da vista, Menezes Júnior, poeta repentista de muito talento, grande amigo de Paulino de Andrade, escreveu êste epigrama:

"De poeta aspira a glória  
Êste que sofre da vista  
Zé Teixeira quintanista  
de loucura transitória".

Nas “repúblicas” tornaram-se célebres êsses versos humorísticos de Menezes:

“Chega afinal, o ansiado fim do mês.  
À aula ninguém aparece nesse dia...  
Prestam-se contas à Tesouraria  
Que no bôlso quer dinheiro desta vez.

Necessidade a fazer são três:  
Mortalha, fumo barato na tabacaria,  
E o mais fica por conta do freguês...  
E à noite, uma grande roda no soalho,  
Por sôbre a porta clássica da bóia  
Um “sete-e-meio” de rasgar baralho.

E no entanto, já vem perto o fim do ano  
E o calouro de parte olha a tramóia  
Desejando também ser veterano.”

## CAPÍTULO XIV

### *PAPAI NEVES, CAMARADÃO*

No meu segundo ano de Direito em 1907, no Recife, acamaredei-me intimamente com a miséria. Nessa difícilíssima etapa da minha vida de estudante, tornei-me zenonista, quero dizer, estóico. A paciência de Epiteto servia-me de lema. A paciência e a sabedoria.

“Epiteto és meu amigo  
Quero ouvir os teus ditames  
E aconselhar-me contigo.”

Para enganar-me e justificar as privações adotei, como filosofia de vida, a ataraxia. Passei fome, adoeci avitaminado, fígado enorme, secretando biliar, que me envenenava. Consegui dormida e bóia a vinte mil réis por mês, num frege-môscas situado nuns baixos de sobrado à rua Direita. Cama de lona sem lençol e travesseiro sem fronha, sob a escada. E também a mala, lastre incômodo e odioso de dois metros de comprimento e um de altura, a que já me referi, vazia como meus bolsos e meu estômago, peça única do meu mobiliário. Muitos fundilhos de estudantes, que se tornaram notáveis na política, no jornalismo, na literatura e na advocacia, se puíram e se rasgaram esfregados sobre a sua tampa colossal.

No primeiro andar morava uma família de possessos. Logo ao cair da noite dançavam, berrando e ganindo ao som de velho piano desafinado. Um pandemônio. E todo êsse batuque de candomblé sobre o infeliz estudante, que ainda tinha a atormentá-lo a ronda noturna das baratas.

Para cúmulo de infortúnio, não raro irrompiam brigas entre a clientela do restaurante, soldados, carregadores, marinheiros — a escória do Recife.

Estrugiam estampidos, relampagueava a navalha, sangue derramado, mesas quebradas, gritos, apitos, — a polícia.

Eu ficava estarecido no meu cubículo separado da sala da esbórnia, por um tabique. Felizmente as autoridades me conheciam. A comida, feijão duro e azêdo com pelancas e miúdos de boi, intragável. Dei para frequentar as “repúblicas” à hora certa da refeição.

Convite, recusa, insistência no convite — almôço no papo...

Em outubro e novembro a situação melhorou: abacaxis aos montes no Cais da Lingueta. Tocava a pé, apalpando nos bolsos os níqueis. O cheiro estimulante da abromeliácea diluía-se no ar adurente do verão pernambucano. Descascava o fruto, que me custava cinquenta réis e o devorava com bagaço e tudo.

Pantagruel admoestava-me:

— Toma cuidado rapaz, que te empanzinas.

Gostosíssimos os abacaxis de Goiana. Tinha vontade de comer-lhes a casca doirada e trescalante.

Nesse ano duro, entretanto, sucedeu um episódio que interrompeu o curso da miséria em que eu rolava sem esperanças.

Episódio ao mesmo tempo romântico e pitoresco. O velho Miranda mandou-me de Pôrto Calvo um corte de casimira. Indicaram-me um alfaiate, chamado Neves, português, residente há anos no Recife. Morava num segundo andar, à rua Nova. Apresentei-me levando a fazenda. Tomou as medidas, falando, deitando literatura. Convidou-me para almoçar. Suculento repasto — sôpa de verduras, bacalhau da Noruega nadando num mar de azeite da Beira, e vinho tinto autêntico Alcobaça. Casado com uma portuguesa das ilhas, morena, ignorante e pouco asseada: a filha, uma lambisgóia, entanguida. Os olhos negros saltavam-lhe do rosto ossudo. Mas simpática e inteligente.

Encheu-se de ternura por mim, cravando-me, durante o almôço, as duas contas de ônix dos olhos exorbitantes.

Voltei para provar a roupa.

Almôço de peixe do alto, muita azeitona e legítima cebola do reino. Uma delícia para o segundanista, comensal do fregemôscas do velho Balbino.

E, não duvidem, feitio grátis.

Indubitavelmente vazara a maré da minha má sorte.

Não é que o português me queria para genro?

Conhecia-me como orador das festas da Faculdade, através dos jornais.

E me pediu em casamento para a filha:

— Por que não vem morar conosco, doutor?

Tive ímpeto de repelir a tentativa de compra, mas o prudente Sancho, que havia passado fome no frege-môscas da rua Direita, me disse ao ouvido:

— Não seja tôlo, tenha bom senso, aceite, não perca tempo, mude-se imediatamente para o segundo andar da rua Nova, onde há peixe do alto e bom vinho.

Foi o que fiz, levando a “arca”.

Passaram-se dois meses de fartura: dinheiro do português no bolso, cinemas e teatro, presentes de gravatas, camisas, meias, lenços, um comêço de enxoval...

Desapareci das “repúblicas”.

Depois do jantar, discutia-se. O português detestava Eça de Queiroz, escritor sem patriotismo e pedante, de quem só suportava “As Cidades e as Serras”.

Camilo, sim, era de arromba. Que linguagem! Castiça. Portugêus até ali.

Grossas lágrimas escorriam-lhe pelo bigode quando descrevia o sofrimento de Mariana, no “Amor de Perdição”. Ramalho Ortigão outro pretensioso a escrever sôbre coisas da Holanda.

Bom camarada, o Neves. Camaradão.

Tratava-me com superioridade de sôgro “ad-futurum”.

Vida regalada. Verdadeira vidoca.

Mas um dia, o diabo em figura de estudante veio estragar aquêlê paraíso. Alfredo Reis, nascido em Coruripe, filho do Coronel Francelino, senador e político de influência, levava vida boêmia e patusca no Recife. Aprovado sempre com gráu dois, preocupava-se com o noticiário elegante dos jornais, em dia com os aniversários, festas de casamentos e batizados.

Não as perdia, comparecendo a tôdas, sem convite, conduzindo a turma.

Levava na ponta da língua o discurso do brinde ao belo sexo.

Meu amigo, contei-lhe confiante a minha nova vida, pormenorizando tudo.

E aconteceu o desastre.

Papai Neves, advertido por Alfrêdo Reis das “minhas péssimas qualidades de pirata”, expulsou-me como a um anjo mau, do paraíso do segundo andar da rua Nova.

Uma tarde ao voltar da Faculdade para o chocolate do lanche tive a minha entrada proibida.

Papai Neves, em pessoa, com as mãos cabeludas e possantes de Mestre d’Aviz, atirou escada abaixo a minha “arca”.

Pela calçada rebolou o meu patrimônio — os presentes do enxoval, um par de chinelas e alguns livros de direito.

Voltei para o frege-môscas da rua Direita, onde me esperava solícita a amizade do velho sertanejo de Bonito.

Alfrêdo Reis fêz-se noivo da lambisgóia, sucedendo-me na expectativa do pé-de-meia... e no deleite da mesa.

Uma tarde, passando pela rua Nova, lá estava, à janela do segundo andar, o jovem par, Romeu e Juliêta de "vaudeville", beijocando-se com descaro.

Parei defronte para a vingança de uma chacota e gritei bem alto para que os pombinhos ouvissem:

— Ceva-te com os meus restos, bandido!

Alfrêdo não se zangou. Uma gargalhada de Mefistófeles atroou no rumor da tarde cálida.

Pensei na desforra no primeiro encontro na Faculdade.

Alfrêdo, porém, desarmou a minha sanha, apelando para o modo de ser das coisas.

— Que diabo, seu colega, eu também gosto de bacalhau da Noruega e de vinho de Alcobaça! Demais, o velho Francelino não me tem mandado regularmente a mesada. Você já teve a sua vez... Bem, não me queira mal, vou indo ao chocolate. Lembranças ao velho Balbino.

E se largou, agitando os dedos num adeus de desdém, alegre, feliz, despreocupado, em direção à rua Nova, em busca do lanche.

## CAPÍTULO XV

### REPÚBLICA DA ÁRVORE

Residimos nos dois últimos anos de estudantes, na “República da Árvore”, uma casa que fica ao lado da Igreja de São José, eu, Menezes Júnior e Barreto Cardoso.

Quando vou ao Recife, incluo nas minhas peregrinações de saudades, uma visita a ela.

Permanece tal como era em 1910.

Antes nunca me fôra possível morar em “república”, porque os dois primeiros anos me foram de penúria e miséria, e o terceiro passei em casa de um parente amigo, Capitão do Exército, Luiz Narciso, à rua do Sossêgo. Rendo aqui um preito de gratidão à sua memória.

Valhacoutei-me durante os dois primeiros anos nos fundos dos baixos sórdidos de um sobrado, à rua Direita. Na sala da frente havia um frege pertencente ao velho Balbino, sertanejo de Bonito, que me acolheu e se me afeiçoou.

Ali se reuniam soldados de polícia, marinheiros, carregadores da Lingueta: a escorralha do Recife.

Não raro deflagravam brigas em que relampagueavam a faca e a navalha.

Eu fazia as minhas refeições nos fundos, separados por um tabique.

Nos últimos dois anos o velho Balbino fechou o frege e, por meu intermédio, fornecia comida a estudantes.

Foi nessa época, fins de 1909, que travei amizade com Paulino de Andrade. Conheci-o em Olinda, numa tarde de festa, sem nenhuma apresentação.

— Você é o Guedes de Miranda?

— E você é o Paulino de Andrade?

Ficámos amigos até hoje. E dessa amizade surgiu o sonêto “Pedra”, escrito para a conferência “Pedra”, que eu proferi na Academia dos Nulos, sediada no “Ayres Gama”.

Mas com o sonêto, surgiu uma grande inconveniência: Aos domingos, tinha de repartir o jantar com o beletista, então funcionário dos Correios e Telégrafos que, como eu, sempre vivia em apertos financeiros.

Menezes Júnior tomava parte nesses repastos, que não interessariam a Pantagruel, improvisando epigramas.

Boêmio por índole, poeta de nascença, espírito sensível e tímido, deixou traços indeléveis de sua vida acadêmica. Menezes nunca recebia cartas da namorada de Maceió.

Lamentava-se quando chegava o carteiro e distribuía cartas, que não eram para êle.

De uma feita improvisou:

“Chega o carteiro:  
Guedes Miranda!  
Eu tenho inveja vendo o carteiro.  
Só a que amo, cartas não manda.  
Vivo esquecido o ano inteiro.”

A “República da Árvore” primava pela imundície. Na qualidade de “Presidente” nomeei Menezes “Inspetor de Higiene”.

Aceitando o cargo, o poeta apressou-se em escrever um regulamento em versos, que infelizmente se perdeu. Lembro-me do artigo primeiro:

Colegas, um bom conselho:  
Higiene aqui só alcança  
Botando água no aparêlho  
Logo depois da “cagança”.

O aparêlho, a que se referia, tinha o nome de “trono”, por ficar sôbre um estrado, numa altura de oito metros.

Na madrugada de 14 de dezembro de 1910, em que formados deixámos o Recife, Menezes à hora da saída, escreveu a cartão, esta quadra de despedida:

“Êste que ora te sobe, pobre trono  
Trono infeliz, que todo mundo herda,  
Há de em breve deixar-te no abandono,  
Cheio de m. . . .”

Existe não sei onde, um sonêto de Menezes, em que o poeta se penitência da vida que levava no Recife. Infelizmente, só me lembro do primeiro quartêto e do último tercêto:

“Perto do exame, no entanto eu namorando,  
A mim mesmo pergunto muitas vêzes,  
Foi para namorar êsses seis meses  
Que a mesada meu pai vai mandando?”

Menezes pai não sabe que Menezes filho,  
Longe do Digesto e das Pandectas  
Vai cada vez mais namoros arranjando.”

Atormentado por uma dor de dentes, procurei um dentista, que morava em frente à “república”. Ao voltar, encontrei escrito a carvão, na parede do meu quarto:

“Papai Séve, o presidente,  
Foi à casa do dentista,  
Acrescente lá na lista,  
Cinco mil-réis por um dente.”

Séve era um comerciante de chapéus e calçados, estabelecido à rua Nova, que me emprestava dinheiro nos dias de apêrto.

Um perfil de Laurindo Leão, escrito nas paredes da Faculdade, atribui-se a Menezes. Não tenho certeza da autoria, que é também atribuída a um estudante da Paraíba ou do Rio Grande do Norte. Lembro-me do primeiro quartêto e do último tercêto:

“É filósofo e meio: ouvidos tranca  
À tôla murmuração, à zombaria,  
Frequenta diàriamente a Academia  
De fraque, chapéu côco e calça branca.

Quando discursa é imaginoso e ardente,  
Cita porém inevitavelmente,  
Comte, Spencer, Wundt e Manoel Kant.”

## CAPÍTULO XVI

### *PROFESSORES DA FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE*

A Faculdade de Direito funcionava no velho Convento dos Jesuítas, junto à Igreja do Espírito Santo, à Praça 17.

Tive a minha segunda decepção do Recife ao entrar no casarão.

Salas sujas, garatujas a carvão, corredores escuros e compridos, mobiliário antiquado, um ar de bolor, uma atmosfera de decadência e abandono. Era, então, aquilo a Academia tão falada, tão célebre, tão cheia de renome e prestígio? A realidade chocou-se com o que eu havia prefigurado.

Sobre o ponto de vista intelectual, não se podia dizer que a Faculdade estivesse em declínio. Notava-se, é certo, a ausência de uma orientação filosófica e científica suficiente para caracterizar uma corrente sistematizada de pensamentos e de pesquisas. Todavia, o corpo docente não se compunha mais de professores com a mentalidade da época em que Tobias Barreto entrou para a Congregação da Faculdade, os quais encharcados de teodicéia, teologia e metafísica, ignoravam o movimento filosófico e científico, que se processava na Alemanha e na França.

Certamente, foi tal ignorância que fêz realçar com tanto escândalo a cultura do solitário de Escada.

Por uma carta de Gumerindo Bessa, escrita a respeito dos acontecimentos que o concurso de Tobias determinou, chega-se à certeza de que naquela época certo professor não sabia o que significavam *aberratio ictus e aberratio delicti*.

O racionalismo kantiano, o historicismo de Gustavo Hugo, Savigny e Puchta, o pragmatismo de Ihering, o positivismo de Comte, o evolucionismo de Spencer, o monismo de Haeckel, as teorias de Darwin, Lamarke, Huxley e outros pensadores e sábios,

que revolucionaram o conhecimento, a partir de 1830, estavam completamente divulgados por Clóvis Bevilaqua, Laurindo Leão, Adôlfo Cirne, Henrique Milet, Faelante da Câmara e Gervásio Fioravanti.

Na época do concurso, Tobias era o chefe espiritual de um grupo de rapazes de talento, que se iniciavam com o mestre nessas idéias e teorias servidas pelo método positivo, e que mais tarde deu grande brilho e renome à cultura do País.

Eram êles: Clóvis Bevilaqua, Artur Orlando, Martins Júnior, Gumercindo Bessa, Fausto Cardoso, Oliveira Teles, Souza Bandeira, Viveiros de Castro, Faelante da Câmara e outros. Todos êles contribuíram para a renovação das idéias, na chamada "Escola do Recife", agitando as novas doutrinas que arrancaram o direito das garras da teologia e da metafísica para considerá-lo sob o ponto de vista positivo, como fenômeno cultural da sociedade.

Em 1906, essas idéias de procedência germânica e francesa já não eram jovens, familiares a professores e alunos.

Adôlfo Cirne, lecionava Direito Civil. Latinista exímio, conhecia a fundo Direito Romano, cujos preceitos citava na pureza e na concisão lapidar dos textos. Lembrava Lafayette, outro abeberado nas fontes romanas, a quem êle, amiúde, recorria nas suas aulas magistrais.

José Vicente ensinava Direito Internacional. Brillhante orador, a cátedra flamejava ao fulgor do seu verbo eloquentíssimo. Laurindo Leão chamou-o "cascata do pensamento".

Clóvis Bevilaqua já se havia consagrado mestre eminente, com a publicação de várias obras de direito e com a elaboração do Código Civil Brasileiro.

Gervásio Fioravanti encantava as turmas com a beleza de suas preleções de criminologia, divulgando as teorias de Ferri, Colajani, Garófalo e Gabriel Tarde.

Gondim Filho conquistara, havia pouco, a cadeira de Direito Civil num concurso ruidoso. Estudou, no sossêgo de Maceió, os tratadistas alemães, levando para o Recife novas teorias do Direito Privado.

Por fim, Aníbal Freire, Odilon Nestor, Joaquim Amazonas e Hercílio de Souza, ganharam fama pela eloquência e pela novidade das idéias que propagavam.

Mas, a grande figura da Escola era Laurindo Leão. Austera figura de filósofo, impunha respeito, admiração e estima. Os estudantes adoravam-no. Não sei a quem o compare, se a Emanuel Kant, pela mística da liberdade, se a Espinoza, pelo panteísmo que, paradoxalmente, existia no seu fenomenismo. Mas

o que êle realmente encarnou foi o espírito de um estóico do tempo de Zenon ávido de conhecimento, ardendo na paixão pitagórica da virtude, da beleza, da verdade e da justiça.

Laurindo há de ter o seu biógrafo, e nessa ocasião, a personalidade complexa do filósofo pernambucano avultará na história da filosofia do Brasil.

Antônio Pernambuco reuniu num volume as suas lições de Filosofia do Direito. Poucos os que as entenderam e assimilaram. Laurindo não era professor para estudantes, mas mestre para professores. Relendo-as agora, espanto-me com a profundidade da cultura filosófica do mestre de Recife. Era, além disso, um grande e generoso coração. Em 1906, grande o número de calouros de Alagoas. Laurindo gostava de arguir os "bichos" aos sábados. A turma caía fora, ficando apenas os "bambas".

De uma feita, um certo calouro alagoano, boêmio e inculto sentouse no banco da frente:

— Quero falar, Dr. Laurindo.

— Fale, moço.

— Dr., a filosofia marcha para o ideal.

— Muito bem. Desenvolva.

— Dr, a filosofia marcha para o ideal.

— Sim, já sei. Desenvolva.

— O roronar de uma asa me fêz pensar numa águia, mas é um besouro.

Há inúmeros episódios em tôrno de Laurindo—professor e filósofo.

Um calouro do Ceará, em oral de Filosofia do Direito, não sabia o ponto que tirou da urna.

— Diga o que sabe, propôs-lhe Laurindo.

— Doutor, eu sou um agnosico.

— Não quer dizer agnóstico?

Não. Quero dizer mesmo agnosico, isto é, aquêle que tem a convicção da irremediável limitação das cognições humanas.

— Sim, já compreendi. Você aprendeu com Sócrates: "Uma coisa eu sei, que não sei nada."

— Realmente, doutor, eu não sei nada.

— Estude, moço, e será filósofo.

E aprovou o calouro com distinção.

Não sei se alguma vez reprovasse estudante.

A tradição é um sentido contrário, afirmando-lhe a bondade sem limites.

## CAPÍTULO XVII

### *O CORPO DISCENTE DA FACULDADE*

O corpo discente da Faculdade de Direito do Recife, de 1906 a 1910, também não manifestava declínio intelectual.

Dizia-se, entretanto, que as turmas que haviam concluído o curso, nos últimos anos, foram muito brilhantes.

Citavam-se nomes de oradores, poetas, filósofos e juristas de grandes méritos.

Ainda retumbava a fama da oratória de Heliodoro Balbi, de Luiz Estevam e Carlos Pontes; da poesia de Aristeu de Andrade e Cruz Oliveira e da filosofia de Artur Jorge.

No meu tempo, a maré dos talentos baixara um pouco. Todavia, salientavam-se valores de incontestável expressão.

Telésforo de Almeida, Trajano Chacon, João Barreto de Menezes e Orlando Araújo mantinham a tradição da eloquência da Academia.

Guedes Lins celebrizou-se pelo seu discurso, saudando Ângela Pinto.

Luciano Pereira apresentava-se como criminalista, autor de um ensaio sobre escolas penais.

Da Costa e Silva, Menezes Júnior e Barreto Cardoso publicavam sonetos considerados obras-primas.

Pontes de Miranda ensaiava-se na filosofia do direito e na sociologia. Mas o grande nome da Faculdade era Gilberto Amado. Farmacêutico, dono de uma sólida cultura no campo das ciências naturais, era literato, jornalista e sociólogo. Escrevia no "Diário de Pernambuco" crônicas admiráveis, sob o pseudônimo de "Áureo". A sua conferência "Nuvens" teve vasta repercussão nos meios literários do Norte. Orgulhoso e agressivo, minguavam-lhe afeições. Na sua luminosa ascensão, deixara

sempre, como o seu conterrâneo Tobias Barreto, inimigos atrás de si.

O estudante querido da Escola foi Mário Melo. Protetor de calouros, camarada, original e bizarro, fumava cachimbo e tocava gaita, dando já amostras do historiador honesto e do jornalista criterioso que havia de ser.

De Da Costa e Silva ficou o soneto "Saudade" que vive eternizado pelas antologias.

De Menezes Júnior guardam-se dois sonetos impecáveis: "O Sapo" e "O Albatroz". Dêste se dizia que era mais perfeito do que o do poeta das "Flôres do Mal"!

"O Sapo", considerado por Mendonça Júnior superior ao "Albatroz", revela o pensamento de um filósofo:

### — O S A P O —

Grave, mudo, no charco, assim como quem pensa  
Ou filósofo o sapo essas coisas medita:  
Por que, humilde, qual sou, numa enojosa grita,  
do homem se me hostiliza a grandeza pretensa?

Se para todo ser é fatal a sentença  
do Instinto que o conduz pela terra que habita,  
Por que nêjo de mim? A verdade é infinita,  
Que o fim do mesmo ser é a mesma terra imensa...

Não tem grita o valor. Por que, então, certa gente,  
Ao meu ser superior, imita-me a atitude,  
Noutra lama, — a do Mal — de que vivo inconsciente?

Mas viva cada um como ao instinto convém  
A mim basta o valor, a serena virtude  
De, nunca, no meu charco, ofender a ninguém.

— O A L B A T R O Z —

Ânsia de asa, infinita! Ânsia ignota, perdida  
Na esperança, onde vais, dêsse verde dos mares,  
Quando à Magoa-Imortal dos tons crepusculares  
Em plagas que não vês, buscas longe, outra vida!

Onde abrigo acharás, quando a noite descida,  
Negra, assim no negror dos mais negros pesares,  
Pôr no além do Sem-Fim, sem faróis estelares,  
Sem bússola de luar, — pelos ventos batidas?

Ânsia de asa infinita! — Ânsia eterna do Artista,  
Dominando o negror do Alto Mar das Paixões,  
Que, dos nulos, sòmente o olhar profano avista!

Não lhe importa o destino... Ao que êste mar encerra  
Foge, buscando a luz de outras Belas Regiões...  
E, como a asa no Mar, vai triunfando na terra!

Barreto Cardoso impôs-se como valor incontestável. Seus sonêtos eram muito apreciados nas rodas literárias do Recife e Maceió.

Surgiram nesta época os “Descantes”, colaboração dos poetas Carlos Estevam, Manoel Monteiro, Moreira Cardoso e Ademar Tavares.

Ademar popularizou-se o maior dêles. Todo o Nordeste canta-lhe êstes versos, só comparáveis ao “Gondoleiro do Amor”, de Castro Alves:

“Que noite!  
O plenilúnio é como um sonho  
Assim tristonho,  
Boiando pelo azul,  
Beijando o mar.

As estrêlas lá no céu  
Brilham sorrindo,  
Estás dormindo?  
Eu venho, meu amor  
Te despertar.

Ai, como beija o mar  
O luar.  
E o mar suspira, geme  
E treme.  
E no alto, o céu sorrindo,  
Lindo.  
Acorda, abre a janela  
Estela.

Belas crônicas sociais escreveu Ademar no "Jornal Pequeno", na secção intitulada — "De Binóculo". As moças do Recife adoravam-lhe as trovas e a êle também.

Layerte Lemos foi outro estudante muito apreciado. Querido das moças que o disputavam, admirado dos colegas que o festejavam. Musicista inspirado, fêz renome com as valsas sentimentais que compunha. A sua conferência "Lágrimas" comoveu o Recife.

A Laurindo Leão, Álvaro de Barros, um dos grandes ironistas da época e que fazia parte do grupo dirigido por Orlando Araújo, enviou um soneto, em vésperas de exame, pedindo aprovação sem provas:

"Queira livrar-me, doutor, desta maçada,  
E me aprove logo, sem entrar no exame,  
E para que o pessoal não clame,  
Dê-me um ponto de véspera, e mais nada.

Mas, se é que o doutor quer que a decência  
Como "norma de agir" seja empregada  
Toque a madeira forte na negrada  
Pois está tudo na fosforescência.

Se cada banca se compõe de seis  
Aprove tudo com grau dois, sem susto  
Assim como se deu com Alfrêdo Reis,

Pois, do programa, não sei um só conceito  
E, francamente doutor, não acho justo,  
Depois de grande, estudar direito."

Augusto Galvão ferreteou os calouros da minha turma com uma quadra que é uma espécie de “pedigree” dos primeiranistas, a quem se negava personalidade jurídica e humana. Como escravo romano calouro era coisa:

“Nem tudo que luz é ouro  
Nem todo sopapo é murro,  
Nem todo burro é calouro,  
Mas todo calouro é burro.”

O estigma universalizou-se marcando as turmas do futuro:

“Todo calouro é burro”.

## CAPÍTULO XVIII

### GILBERTO AMADO E "MINHA FORMAÇÃO NO RECIFE"

A leitura do livro de Gilberto Amado — "Minha Formação no Recife" — acordou queridas lembranças adormecidas na minha memória.

De todo o vasto e brilhante trabalho intelectual de Gilberto Amado — "Minha Formação no Recife" — é o que mais me emociona, pelas figuras e episódios que revive e dos quais fui contemporâneo.

Quando me matriculei na Faculdade de Direito do Recife, em 1906, já encontrei Gilberto Amado no segundo ano. Vi-o pela primeira vez entrando na Faculdade. Um calouro do Ceará, que conversava comigo na calçada do velho Convento, disse-me ao vê-lo passar:

— É o Gilberto Amado!

Nem nos olhou, altivo, desdenhoso, cheio de soberba. Usava um panamá desabado, que lhe encobria a testa ampla.

— Um gênio, seu *Guedes*, afirmou o "féra".

Frequentava pouco a Faculdade, e só meses depois o revi, personagem odioso de um episódio que me ficou e que êle narra em "Minha Formação no Recife".

O fato se deu como êle fielmente conta.

Os segundanistas prestavam uma homenagem a Laurindo Leão. Quando eu entrei na sala, discursava Gilberto Amado. As palavras saíam-lhe machucadas pela gagueira, mas precisas e vernáculas. Percebi que ridicularizava alguém com implacável sarcasmo.

A maioria dos estudantes aplaudia, por entre gargalhadas, a crueldade da zombaria.

Recentemente chegado de Pôrto Calvo, onde surrei a súcia de moleques nas origas da "sineira", danei-me com a fraqueza do rapaz tão injustamente humilhado:

— Se fôsse comigo, êle iria ver, disse ao grupo que desaprovou o incidente.

Gilberto confessa que se envergonhou da sua maldade, “zangando-se consigo mesmo”.

Não sei se lhe contaram a minha irritação, porque a sua antipatia por mim se tornou indisfarçável.

Nunca me tolerou.

Fiz tudo para conquistar-lhe a amizade. Não me deu confiança, hostilizando-me sempre que lhe quadrava oportunidade.

Alistei-me no rol dos seus inimigos.

Os triunfos constantes de Gilberto desapontavam-me; não por inveja, nem despeito, mas por malevolência.

O maior deles, a sua entrada para o “Diário de Pernambuco”, em posição de invejável destaque, irritou-me.

Quando raramente aparecia na Faculdade, ostentava um ar de arrogância, convencido da sua inequívoca superioridade intelectual e política. Rodeavam-no, cercando-o de bajulação e umbaias. Por causa de um discurso de Laurindo Leão, surgiu uma desinteligência entre o filósofo e Henrique Milet.

Tomei o partido de Laurindo. Tive que enfrentar uma forte maioria, que se movimentou em favor do professor de Direito Civil.

Desancaram-me.

Moeram-me de doestos e sátiras. Chefiando o grupo, Gilberto. Ele mesmo escreveu a carvão, nas paredes do Convento, epigramas terríveis contra mim.

Lembro-me de que me chamou, além de outras amabilidades, de *solipédico*.

O meu grupo abandonou-me. Fiquei só, contando, apenas, com o apôio de Benedito Vieira e Paulino de Andrade. Eis que se trava uma polêmica entre Gilberto e Rangel Moreira.

Exultei.

— Eita, bicho, tu agora me pagas.

Rangel tinha renome literário. Era um dos bambas da Faculdade.

Logo cedo, o pessoal da “república” comprava o “Diário de Pernambuco” e a “Província”. Eu ia direto aos “Golpes de Vista”, ávido da derrota de Áureo, pseudônimo de Gilberto.

Mas logo compreendi que o sergipano ia suplantiar o pernambucano.

Rangel apresentava-se na liça como um cavalheiro da Távola Redonda, ao tempo do Rei Arthur, armado de lança comprida, resguardado por cota de malha, elmo e viseira. Gilberto era o hoplita, livre nos movimentos, lépido nos saltos elásticos de maracajá.

Daqui que Rangel erguêsse a lança pesada, Gilberto tinha tempo para fincar-lhe a espada curta de espartano...

Ao fim do prélio, o danado do sergipano era o vencedor. Perdi a esperança de vingarme.

O adversário excedia-me em fôrças.

Gilberto disputado, adulado, temido, brilhava.

O seu prestígio social e literário era inconfundível.

Deslumbrava.

Os "Golpes de Vista" dominavam a opinião pública, fanatizando-a.

O remédio seria mesmo resignar-me, impotente.

Mas depois veio a queda. Gilberto deixa o "Diário".

Os que o haviam bajulado, dentro e fora da Faculdade, fogem, evitando-o.

Êle, porém, não liga à corja. Não me alistei entre os prófugas. O talento de Gilberto havia-me conquistado, desarmando-me. Muitas vêzes, ao vê-lo passar pela rua Nova, com a mesma arrogância, com o mesmo orgulho, altivo e zombeteiro, tive ímpetos de abraçá-lo, e dizer-lhe na cara:

— Caboclo velho, você é mesmo um homem!

Na Faculdade, os colegas espantaram-se com a minha reviravolta.

Aos que gozavam com a saída de Gilberto do "Diário", obtemperei disposto à briga:

— Êle nada perdeu. O "Diário" é que sem os "Golpes de vista" se reduziu a um aranzel de anúncios.

Comentou-se a minha mudança, censurando-me.

No fim dêsse mesmo ano, Gilberto embarca para o Rio, levando o canudo de bacharel.

\* \*

Gilberto Amado tinha que ser o que foi e o que é no Brasil. O seu amplo caminho abria-se, desbravado e largo, para os triunfos que só os cegos não podiam ver.

Caminho que o levou aos grandes centros civilizados e culturais do mundo para elevar e engrandecer o Brasil.

\* \*

"Minha Formação no Recife" é para mim um livro de evocação e saudade, como foram para muitos o "Atheneu", de Raul Pompéa, e a "Minha Formação", de Nabuco.

Leio-o com um nó na garganta, como se estivesse retendo as lágrimas nos olhos já molhados.

O livro de resto, encanta.

Há em "Minha Formação no Recife" páginas admiráveis, de uma beleza sem defeito.

Frases que caem da pena como pingos de luz clareando o livro todo.

O capítulo sobre Nietzsche é magistral.

Nêle lêem-se períodos em que lampejam centêlhas de gênio.

Não há exagero. Pelo menos, os meus olhos como os de Paulo de Tarso, são feridos pelo raio.

Referindo-se a Nietzsche:

"O que êle nos traz é tanto.

As sugestões saltam-lhe das palavras; são como as notas que dão o tom que permite ao compositor ouvir dentro de si a sua música. Suas iluminações são as dos relâmpagos que assustam, mas fazem o viajante reconhecer o caminho na escuridão."

Gilberto abriu-me os olhos para que eu visse coisas que não havia enxergado.

\*

\* \*

Nas férias de 1905 êle leu, em Itaporanga, "Os Sertões", de Euclides da Cunha, livro que só me chegou às mãos em 1909, em Recife. Tornei-me um euclídiano maluco. Sabia de cor, páginas e páginas de "Os Sertões".

O paralelo entre o sertanejo e o gaúcho, o estouro da boiada; os perfís de Floriano e Moreira Cezar; a descrição tópica de Canudos, a "Tróia de Taiba" dos jagunços; o último capítulo do livro rematando numa terrível apóstrofe, eu recitava sem titubear.

A frase que Gilberto criticou, em parte — "a civilização avançará nos sertões impelida por essa implacável "fôrça motriz da história", que Gumpowicz, maior do que Hobbes, lobrigou, num lance genial no esmagamento das raças fracas pelas raças fortes", — usei-a abusivamente, citando-a em discursos nas botadas de engenhos, em Pôrto Calvo e nos comícios contra o Dr. Fernandes Lima.

Só agora é que verifiquei o disparate.

Efetivamente, que há de comum e de comparável entre Gumpłowicz e Hobbes, para aquêles ser *maior* do que êste?

A comparação poderia existir, por exemplo, entre Hobbes e Rosseau, ambos contratualistas, divergindo, como é sabido, no conceito de homem pré-social. O “bom selvagem” de Rousseau não é o “mau selvagem” de Hobbes, para quem o homem é lobo para outro homem (*homo homini lupus*).

Os exageros filiais de Rui Barbosa também me passaram despercebidos.

O célebre discurso pronunciado na Bahia, o que começa — “Diante disto e depois disto não sei como principiar” — pareceu-me sempre uma página ciceroniana perfeita. Gilberto apontalhe os defeitos.

O capítulo “Caxangá e Emanuel Kant”, no meu ver, faz de Gilberto Amado um dos maiores, talvez o maior escritor da atualidade brasileira.

A última página do adágio de Kant — “a lei moral dentro de mim” — sugere ao pensador, neto do velho José Amado e sobrinho da Senhorinha, “que não gostavam de bobagens”, reflexões profundas de darwinismo, sem a trapalhada e a dificuldade da terminologia científica, em termos claros e simples, como se estivesse escrevendo para os moleques pegadores de canários de Itaporanga.

A primeira parte do adágio kantiano — o céu estrelado sobre a minha cabeça — inspira-lhe períodos como êstes:

“Debaixo daquele aguaceiro de diamantes, na alta quietude noturna, com os olhos vagando naquele roseiral de fogo, eu pensava no céu de Königsberg, frio e pálido mesmo no verão e divertia-me em diálogos de criança como o velho transcendentalista da Teoria do Conhecimento e da Crítica da Razão Pura.

— “Olha Kant, — e fixando a vista no escrínio fervido de gemas cintilantes, dizia o nome que me ocorria, um nome qualquer de estrêla das constelações do nosso hemisfério, nomeava uma, outra, outra e outra. — Aquela... rosa de jardim tropical, não é para o firmamento nórdico, não é para os teus olhos”.

E êste outro que Raul Pompéia invejaria :

*“A brisa do oceano, perpassando nas fôlhas, aumentava o embalo que era o meu viver. O Cruzeiro do Sul bem em cima do rio parecia um esquadro querendo medir Pernambuco.”*

Em “Papa Estrêlas”, o escritor denuncia as suas conversas à noite, com o Capibaribe, companheiro de suas manhãs e suas madrugadas.

O rio era um devorador de estrêlas. Gilberto assistia ao Molock engulir constelações inteiras :

“Eu ficava observando aquêle fenômeno. aquela acomodação cósmica de interêsses — o excesso de produção de farinha do céu e a fome insatisfasível do consumidor. O firmamento pernambucano com seus milhões de constelações, aglomeradas, era uma mesa posta na toalha da via lactea, oferecida à glotonice daquele pantagrue. Enquanto êle se empapava do bom e do melhor que lhe era servido lá de cima, eu lhe falava, contando-lhe o meu dia, o que fizera, o que pensara”.

Mais uma atração que “Minha Formação no Recife”, exerce sôbre mim.

O “Capibaribe” e o “Manguaba”, em Pôrto Calvo, foram-me e ainda hoje são dois amigos do peito.

Também conversei com o rio das pontes de ferro, contando-lhe os dissabores e as alegrias do dia.

A minha conversa com o Capibaribe era à tarde, ao cair do crepúsculo. Debruçado sôbre o parapeito das pontes, de preferência a “Santa Izabel”, segredava-lhe as minhas amarguras e as incertezas que me tenalsavam.

No comêço do mês, enquanto podia comer uma boa feijoada no mercado de São José, gostava de vê-lo cheio, estuando nos marêtas que rebentavam no cais. Nos dias de crise, mesada consumida, preferia encontrá-lo esturricado com o limo histórico de mais de quatrocentos anos secando ao sol.

Pilheriava com o camarada velho.

— Você morre de sede, e eu de fome. Somos dois necessitados.

Há, porém, uma diferença, Capibaribe amigo: Daqui a horas você estará farto, saciado, de barriga cheia d'água, como um hidrópico, ao passo que eu na certa vou dormir sem ceia.

Eu vivi e senti tão intensamente, nos meus cinco anos de Academia, as figuras e os episódios que Gilberto Amado anima e ressurgem em "Minha Formação no Recife" que chego a me perturbar por uma obsedante sugestão de autoria do livro.

E se eu tivesse o talento de Gilberto, a sua cultura, o seu original e invejável estilo literário, a sua sensibilidade estética, me convenceria de que o livro fôra realmente escrito por mim.

## CAPÍTULO XIX

### *GERAÇÃO ROMÂNTICA DE ALAGOAS, ANTERIOR A 1910*

Em 1910, com a minha turma, extinguiu-se o romantismo acadêmico de Alagoas.

Até então, desde Aristeu de Andrade, Artur Jorge, Cruz Oliveira, Carlos Pontes, Inácio e Demócrito Gracindo, Eduardo Pôrto, Alfrêdo de Maya, Rodriguez de Melo, Valente de Lima e Luiz Mascarenhas, se levava vida boêmia, de puro intelectualismo acadêmico.

Os que vieram depois, Orlando Araújo, Guedes Lins, Álvaro de Barros, Gastão Silveira, Gilberto de Andrade, Menezes Júnior, Barreto Cardoso, Teixeira de Carvalho, Francisco Ferraz, Castro Azevedo, Miguel Lopes, Olímpio Machado, Pontes de Miranda, Virgílio Guedes, andaram pelos mesmos caminhos despreocupados, felizes, amando as coisas alegres da vida.

Não se pensava em empregos públicos, salvante os mais pobres, que pleiteavam uma promotoria ou um juizado substituto.

Era norma estabelecida não se cortejar o govêrno.

Vez por outra, deblaterava-se contra abusos e violências de autoridades policiais.

Orlando Araújo, misto de D'Artagnan e Danton, era o nosso chefe. Elegante, polido, corajoso, juntava à magia da eloquência o argumento final da bengala. Os políticos temiam-lhe os impulsos e o cortejavam.

Vanderley de Mendonça quase se demite, desmoralizado, no episódio Sabatini versus Dalmau.

O ideal que a todos inflamava era o renome literário.

Aristeu de Andrade e Cruz Oliveira, foram os maiores poetas daquela geração.

No "Noivado", Aristeu faz lembrar Tomaz de Gonzaga.

Há tanta doçura no seu lirismo, tanta paixão e meiguice que, às vezes, o poeta de Alagoas supera o de Vila Rica.

Com êstes versos deliciosos oferece o "Cancioneiro" à noiva adorada:

"Fôlha por fôlha, o teu olhar, senhora,  
Esta bíblia de amor percorra e leia:  
Nela, meu coração palpita e mora,  
Minha alma sonha de cantares cheia.

Em todo brilho cândido se ostenta  
A nossa história em dias mais risonhos!  
Aqui, teu nome em ósculo rebenta  
e o meu amor desabotôa em sonhos."

Com êstes outros exalta a bem-amada:

"Compus sorrindo dos pequenos nadas  
Que constituem nosso grande amor,  
Vitorioso e forte

Como o destino, como a própria morte  
Um bando alegre de canções aladas  
Meu casto lírio amado  
Para a teus pés depor.

Em cada um o meu carinho canta,  
O teu nome ilumina tôdas elas  
Por elas passa o teu perfil de santa  
Serenos e aureolado  
Por um halo de rútilas estrêlas."

A Cruz Oliveira chamávamos "Campoamor", pela melancolia dos seus adoráveis versos.

Ainda hoje os derradeiros boêmios cantam, nas serenatas, estas quadras macias como o luar que as inspirou:

"Que bela noite, que lindo  
Que meigo e doce luar  
Mas o mar sempre carpindo  
Que pena eu tenho do mar.

Dizem que o mar foi poeta  
Já teve muitos amores  
Mas hoje n'alma de asceta  
Só tem saudades e dores.

O mar e eu, se soubesses  
Nós ambos somos assim  
Quem por mim já teve preces  
Nem mais se lembra de mim."

Tôdas as criações poéticas de Cruz Oliveira têm esse tom de saudade e queixume.

Manoel Rodriguez de Melo merece ser mencionado como poeta da geração de Aristeu de Andrade.

E não só como poeta, mas ainda como polemista e filósofo.

Espírito rebelado contra as circunstâncias cruéis, que o oprimiram, prêsas de um orgulho ostensivo, que era uma reação contra as hostilidades surdas do meio, Rodriguez foi um dos mais pujantes talentos que Alagoas tem possuído.

Impetuoso, desordenado, incoerente, não conheceu ritmo na vida, a não ser o da poesia, onde o seu coração encontrava uma inefável consolação.

Ninguém o excedeu na eloqüência dos comícios.

Na tribuna judiciária foi o maior. Foi também teatrólogo.

Maria de Castro levou à cena no "Deodoro" a "Tormenta", trabalho de flagrante realidade e de grande fôrça psicológica e emocional.

A platéia cobriu-o de aplausos.

Ao agradecer-me o discurso que proferi, de improviso, aclamado pela assistência, Rodriguez de Melo soluçava.

Porque a "Tormenta" significava a dramatização do desespero que a sugeria. Rodriguez escreveu versos de grande beleza, formosos alexandrinos, lindas canções que a nossa gente não esquece cantando-as ao violão:

"Foi-se cont'go a luz da primavera,  
Depois daquele dia que partiste  
Já não sou mais aquêlê trovador  
— Chapéu de feltro e botoeira em flor  
Cantando cançonetas ao luar.

Sonho contigo às vêzes, recostado  
Ao meu peito cantando uma canção  
que me traz um confôrto à alma cansada  
E um lenitivo para o coração neste fadário  
Desperto e, em vão, procuro-te querida.

Numa loucura de visionário  
Para beijar-te como te beijava  
E, contra o coração — taça partida,  
O teu corpo apertar, como apertava

E a consciência diz-me que estás longe  
E o coração me fala que estás perto  
E eu vivo solitário qual um monge,  
Ou uma cruz pregada ao deserto  
Lembrando preces e melancolia.

Vem arrancar-me a dor desta saudade  
Ah! não me abandones por piedade.  
Vem aquecer-me como me aquecias  
Quando eu andava como um trovador  
— Chapéu de feltro e bctoeira em flor  
Cantando cançonetas ao luar.”

Morreu paupérrimo, sepultado às expensas do Estado. A única homenagem que recebeu depois de morto foi o braçado de rosas, que eu lhe espalhei sôbre o esquite.

Carlos Pontes, belo talento e brilhante cultura literária, salientouse como pensador político. No seu livro sôbre Tavares Bastos, publicado muitos anos depois, deu provas de ser realmente um admirável biógrafo.

Orador vibrante, celebrizou-se nos comícios daquele tempo.

Os “cascabulhos” do Colégio Quinze de Março decoravam-lhe as frases coruscantes e temerárias.

Nunca esqueci aquêlê “céu alfinetado de estrêlas” de um discurso de Carlos Pontes, num comício realizado em prol da candidatura de Ângelo Neto a deputado federal.

Polemista e crítico, os jornais do Norte disputavam os seus artigos sôbre arte e crítica literária.

## CAPÍTULO XX

### O S Ú L T I M O S E X A M E S

Saí da Faculdade de Direito do Recife cheio de distinções. Se as merecia ou não, isto é lá com os lentes. A verdade é que não as esperava após haver prestado os exames. Tive uma enorme surpresa quando o bedel do primeiro ano leu o resultado: Antônio Guedes de Miranda — distinção em Filosofia e Romano. A emoção foi-me tão grande que quase desmaiei. Corri ao telégrafo para comunicar ao velho Miranda o meu brilhante sucesso. Mas, na realidade, as minhas distinções nada valiam. Das matérias do curso eu conhecia um pouco de Direito das Pessoas e das Coisas, noções teóricas de Direito Penal e elementos de Direito Romano. No mais, ignorância e... pedantismo em excesso. Recordo-me do meu exame de Economia Política, no quarto ano. Nota baixa na prova escrita. Aliás, do programa eu sabia um ponto único — fatores da produção — aprendido com autores revolucionários. Petulantemente declarei que desejava ser arguido sobre tãda a matéria do programa. Sofrônio Portela, homem bondoso e modesto, insistiu em que eu tirasse o ponto da urna.

— Ponto sexto — fatores da produção! Belo ponto para o senhor, que é filósofo.

Laurindo Leão, presidente da banca, envaideceu-me, fazendo-me rasgados elogios.

Sofrônio, senhor de engenho, um dos últimos representantes da aristocracia rural de Pernambuco, encarnava o espírito de individualista exacerbado, intransigente adversário de todos os sistemas socialistas, desde o utópico, de Louis Blanc, Fourier e Proudhon, até o científico, de Marx e Engels. Penso que não admitia nem mesmo o socialismo cristão, de Leão XIII, expresso no espírito conciliador da "Rerum Novarum".

Para Sofrônio, os princípios da Economia Política tradi

cional, ensinados por Adam Smith e seguidos por David Ricardo, James Mill e Nassau Senior, com as respectivas modificações, eram intangíveis.

A propriedade herdada ou adquirida por qualquer meio lícito; o direito do proprietário fazer o que quiser com o que é seu; a liberdade do indivíduo organizar o seu bem-estar; a restrição ao mínimo das funções do Estado quanto à ordem pública, não interferindo nunca e por nenhuma forma no desenvolvimento dos processos econômicos; a liberdade de contrato e a livre concorrência e comércio livre, constituem cânones extra-tificados na sua mente de reacionário.

Ora, eu conhecia as idéias do sociólogo do banguê patriarcalista e latifundiário que era o nobre e digno professor de Economia Política da Faculdade. Ótima oportunidade para lisonjear o professor, defendendo a economia clássica. E foi o que fiz.

Ataquei rigidamente o socialismo. Cheguei ao cúmulo de injuriar Platão, apodando-o de comunista escravocrata, e de aplaudir a Inquisição por haver encarcerado Capanella nas suas masmorras tenebrosas.

Ridicularizei Thomaz Morus, considerando-o maníaco e lunático. A "Utopia", disse, é uma ilha de cretinos.

Por fim, nem os santos doutores da "Patrística" e da "Apologética" escaparam à minha fúria. São Clemente, São Crisóstomo, São Jerônimo, São Basílio, Santo Ambrósio acemente censurados por afirmarem que os ricos eram ladrões e bandidos.

— Bandidos e ladrões, conclamei patético, eram os Proudhon, os Brissot, os Mably, os Owen.

Ataquei o Manifesto de 48 e proclamei esta burrice imensa: — "O Capital" de Marx é obra de um cérebro enfermo.

Sofrônio resplandecia de gozo.

— A propriedade não é um roubo, como mentiu Proudhon, mas um direito sagrado.

Delicadamente, Sofrônio me advertiu:

— A frase não é de Proudhon. Parece-me que é de Brissot. E levantando-se veio abraçar-me emocionado:

— Não lhe posso dar distinção, por causa de sua escrita. É pena!

\* \* \*

Outro exame gozado foi o de Teoria e Prática de Processo, no quinto ano. Ponto sorteado — Citação.

O velho Augusto Vaz repetia nas aulas a definição clássica de citação, de autoria de Paula Batista. O ponto era só o que

eu sabia. Genaro Guimarães, recentemente nomeado professor, era camarada da turma

Percebeu a minha ignorância e, generoso, me deu liberdade para falar sobre qualquer assunto. Sem hesitar, passei de examinando a examinador.

— Professor Genaro, o senhor sabe quem fez a primeira citação.

— Não sei, e duvido que alguém saiba.

— Pelo primeiro crime de sedução havido no mundo foi Adão o responsável.

Jeová chamou o culpado à sua presença: “Adame, ubi es?” Onde estás, Adão? — Não acha, professor, que êsse chamado é uma citação?

— De fato, o caso é de citação. — E aproveitando o episódio bíblico, Genaro arguiu-me:

Suponha que Adão não respondesse ao chamamento. Que faria você se fôsse Jeová?

Citá-lo-ia por hora certa.

— Muito bem. E como processaria o mandado?

— Citava Eva, se Adão se ocultasse.

— E se Eva não fôsse encontrada?

— Citaria a serpente.

Genaro deu uma gargalhada e me mandou embora:

— Você começa cedo a chicanar. Os juízes de Maceió vão ter trabalho.

\* \* \*

Exame de Direito Administrativo, no quinto ano.

Ponto de oral — Estado e suas formas.

Examinador — Laurindo Leão, meu amigo desde o primeiro ano.

— Fale, moço.

— Estado, diz Spencer, é um mal necessário...

— Está bem certo de que Spencer disse isto?

— Pode ser que sim, pode ser que não.

— Você se socorreu a Lafayette. Boa escapatória. Mas, afinal, que é Estado?

Urgia uma definição que eu ignorava.

— Estado, dr. Laurindo, é o “Leviatã” de Hobbes, ou antes, o “polvo” de Gilliat.

— Pode ir, moço. Quem sabe, sabe!

Foi assim que eu me enchi de distinções no curso de Direito.

## CAPÍTULO . XXI

### *NO TEMPO DAS CONFERÊNCIAS*

Gilberto Amado, em “Minha Formação no Recife”, refere-se à moda de conferências literárias que “propagada do Rio contagiou o Recife”.

Ao eminente escritor afigura-se hoje “incompreensível o espetáculo de futilização intelectual de um país inteiro, igual ao que nos oferecia o Brasil nesse período”.

Essa epidemia durou de 1908 a 1910. Não se pensava, nem se fazia outra coisa, senão conferências literárias. Os mais claros e sérios espíritos não escaparam à infestação do mal.

Alcino Guanabara fêz no Rio uma conferência sôbre a “Dor”. Maceió também se contagiou sofrendo a virulência do mal. Tôda a gente fêz conferências. Até os tipógrafos e barbeiros.

— Quando faz a sua?

— Por êsses dias. Falarei sôbre cachimbos.

Era essa a a toada.

Falou-se de postais, leque, lenço, olhos, mão, espêlho, na môro...

E não bastavam os conferencistas regionais. Buscavam-se os de fora, que além das homenagens, levavam o nosso dinheiro...

Em Maceió estiveram Rafael Pinheiro e Osório Duque Estrada.

O primeiro empolgou a enorme assistência que se apertava no “Teatro Maceióense” superlotado. A verborrêia sonora, o palavreado fluente e irisado arrancaram aplausos que quase fazem desabar o velho teatro da rua do Sol quando Rafael deixou escapulir esta tolice:

— “Beijo, minhas senhoras, a fímbria de vossos vestidos.”

O outro não alcançou igual sucesso. Faltava-lhe a virtualidade de Rafael, a simpatia, o encanto pessoal, loquacidade brilhante e frívola. O “Patudo” (o apodo partiu de Gilberto Amado) desagradava.

Coube-me saudá-lo. Li um discurso nefelibata, citando Kant sem haver lido a “Crítica da Razão Pura” e Eça de Queiroz, em “Prosas Bárbaras”.

O Recife ofereceu melhor caldo de cultura à proliferação do germe.

Fundaram-se academias de conferências. Os intelectuais agitaram-se progonos do movimento.

Gilberto Amado, notável já pela invejável posição no “Diário de Pernambuco”, dissertou sobre “Nuvens” que obteve formidável repercussão.

Durante muito tempo foi assunto de cartaz. Na Academia, os estudantes declamavam trechos da conferência, por entre entusiasmo de uns e despeito de muitos. “Os cimos florescentes do meu ser florejavam como um roseiral iluminado pelas colorações vibrantes do nascente. Eu sorria a tudo. Meu sorriso espalhava minha alma sobre os céus largos e brilhantes, sobre as manhãs serenas”.

Inimigo de Gilberto Amado, não obstante me tornei um Talma de “Nuvens”, recitando-lhe nas “repúblicas”, os trechos mais belos.

Outro notável conferencista que comoveu o Recife, foi Layerete Lemos. Muitos lindos olhos molharam-se de pranto furtivo brilhando à luz dos candelabros de Ayres Gama”, quando Layerete declamava “Lágrimas”.

Também fiz conferências. Eu, Benedito Vieira, Pontes de Miranda, Leonino Correia e outros mais fundamos a “Academia dos Nulos. Escolhi “Pedra”, para assunto de minha lengalenga. De “Pedra” só se salvou o soneto de Paulino de Andrade. Disse coisas incríveis e absurdas sobre o infeliz mineral, em linguagem alambicada e pedante. Engrazei verbos e adjetivos rebuscados, colhidos em Coelho Neto, Abel Botelho, Alberto Rangel e Euclides da Cunha. Os estudantes desancaram impiedosamente o meu nefelibatismo. Escreveram nas paredes da Academia epigramas cruéis em que eu era tratado de “solipédico budiônico e nefelibata. Mas a imprensa me elogiou. A “Província” publicou trechos da conferência, estampando o meu clichê. Na realidade a crítica dos estudantes procedia.

Imaginem que, não sei a que propósito ou despropósito, falei no desespero famélico de Conde Ugolino roendo crânios no

“Inferno do Dante”. Referindo-me a beijos, escrevi esta burrice: “Beijos, embaixadores do amor, na côrte rubra dos lábios.” E esta outra a respeito de mármore: “Mármore, carne viva de perenidade da beleza e da glória”.

“Pedra”, no entanto me foi útil em situação aflitiva. Feitos os exames, telegrafei ao velho Miranda, pedindo condução em Palmares. Na estação, ao saltar do trem, não se encontrava o Juvenal, meu portador desde tempos de colégio. No bolso nem um níquel. A fome, por outro lado, atormentava-me.

Perambulando pela cidade dei com uma casa em festas. Bôdas de prata. Sancho Pança aconselhou-me a aproximar-me, animando-me com a perspectiva de um jantar.

— Quem sabe rapaz, se você não irá papar um magnífico jantar que lhe mate a fome? Aproxime-se, tenha coragem, homem! Sôbre uma mesa, a “Província” aberta na página que trazia o meu clichê e trechos de “Pedra”. Salientei-me, mostrando-me importante. O dono da casa identificou-me. E amável:

— Entre, doutor, dê-nos a honra de sua presença.

Dominei a festa, brilhando no salão. Recitei ao piano, marquei quadrilha em francês, fiz discurso, flertei e me empaturei com um esplêndido jantar. Dançou-se até de manhã e, quando ao despedir-me, agradei as gentilezas do casal, o marido indagou:

— Para onde se dirige, doutor? Conte-lhe minha história.

— Não se aflija. Vou arranjar-lhe condução.

Horas depois, cavalgando um fogoso alazão, seguia para Pôrto Calvo, acompanhado por um pagem montado em cavalo de sela.

— Esqueci-me, doutor, de dar-lhe parabéns pela sua conferência. O senhor tem muita cadência.”

Os desgostos que “Pedra” me proporcionou, me deram, em situação difícil, oportuna e consoladora compensação.

## CAPÍTULO XXII

### *CLARIVIDÊNCIA DA IDADE MÉDIA*

O quase nada que sei devo a mim mesmo. Sou assim um autodidata. Todavia aprendia retórica e latim com o Cônego João Machado e álgebra com o Mestre Agnelo. Nas férias, em Pôrto Calvo, quando não perambulava pelos engenhos, lia compêndios de Filosofia e Teologia que o Cônego Machado me emprestava. Enfronhei-me nas generalidades da filosofia de Platão e de Aristóteles, quebrando a cabeça com o conceito de "Idéias", "Princípio de verdade para a razão e de existência para as coisas". Achei mais compreensivo o estagirita com os seus "princípios e causas".

Essa compreensão, mais fácil em Aristóteles do que em Platão, verifiquei quando anos depois li o "Timeu" e o "Organon".

A escolástica e o tomismo puseram-me em contacto com a Idade Média, da qual só havia aprendido o aspecto político e econômico, através de Cezar Cantú. Sempre interpretei o feudalismo como uma solução necessária e irrecusável para o mundo que havia emergido das ruínas do romanismo. A estabilidade social e política em que se sustentaram aquêles longos séculos tão discutidos decorreu do seu sistema econômico.

Considera-se geralmente a Idade Média uma noite fechada de obscurantismo. Nada mais falso e inexato. Para apreciar-se a Idade Média, período histórico que começa com a queda do Império Romano e se prolonga até a Renascença italiana, convém, antes de tudo, fixar a diferença de cultura e de instituições, nas suas diversas fases.

A Idade Média considerada como "interlúdio de profunda ignorância e superstição, no qual o homem viveu com os olhos

fechados, esquecido das maravilhas do conhecimento e interessado somente em fugir às misérias dêste mundo e dos tormentos do inferno” não vai além do ano 800.

Porque o Século IX todo se iluminou com o neoplatonismo africano de Scoto de Erigena e com o realismo de Abelardo. Surge no decorrer do Século IX a Escolástica, a majestosa árvore da Idade Média, cujos galhos enseivados se estendem até o Século XIII, quando se opulenta com o humus maravilhoso do tomismo.

O Século XIII, o das catedrais, enche todo o cenário cultural da Idade Média. É época das universidades. É o século em que pensaram, discutiram e ensinaram Alexandre de Hales, Boaventura, Alberto Magno, Tomaz de Aquino e Duns Scoto.

Da filosofia patrística, apenas dois pensadores me interessaram: Agostinho e Anselmo. O famoso argumento ontológico de Anselmo para provar “a priori” a existência de Deus, é realmente admirável, como é brilhante o seu ecletismo racionalista dogmático para harmonizar a razão com a fé “intelligo ut credam: credo ut intelligam”. Merece menção a intransigência da fé em Tertuliano, cujo fanatismo quase degenera em heresia.

O seu “credo quia absurdum” scandalizou os filósofos patrísticos. Comparando a filosofia medieval e a metafísica dos gregos com a filosofia moderna, iniciada com o racionalismo de Descartes e com o empirismo de Bacon, convenci-me da superioridade daquelas, pela elevação do pensamento e sutileza das idéias. Quem, por exemplo, leu Augusto Comte para quem filosofia se reduz à classificação de ciência, ao conhecimento dos fenômenos e de suas leis, conhecimento vedado ao homem quando ultrapassa a ordem empírica, isto é, o domínio dos fatos demonstrados pela experiência sensível, sob o método positivo, mais se convence do primado da metafísica ou ontologia. Filosofia que não “considera as causas primeiras e as mais elevadas razões de tôdas as coisas”, na investigação do conhecimento, não é filosofia, é ciência particular.

Foi por isso que eu me afeiçoei ao mundo medieval com os seus problemas e as suas teorias.

Os “universais”, a teoria dos sacramentos de Pedro Lombardo, as doutrinas dos concílios, notadamente o de Latrão, o realismo exagerado de Scoto de Erigena, o racionalismo de Tomaz de Aquino, o voluntarismo de Duns Scoto, tôdas essas idéias, todos êsses pensamentos de ordem teológica e metafísica, constituem uma portentosa e altíssima expressão criadora do espírito, na ânsia de infinito, é a curiosidade mesma do filósofo. Huxley, Comte, Spencer, não foram filósofos porque não se ator-

mentaram por essa sêde de incognoscível, por essa obsessão do absoluto. A teoria da relatividade do conhecimento, que corta as asas do espírito no seu vôo em busca da "causa causarum" é a declaração da falência da filosofia, nos últimos dois séculos. Agnosticismo (vocábulo criado por Huxley), positivismo, evolucionismo, desistem do absoluto pela impossibilidade e pela inutilidade histórica do seu conhecimento. Filosofia sem investigação de tôdas as causas, primeiras e segundas, remotas e próximas, só tem de filosofia o nome.

Enfada-se a chamada filosofia contemporânea, e se não fôsse a sua tendência para o renascimento da metafísica, certo não levaria nenhum dos seus prógonos e muito menos seus epígonos. Estou também certo de que êles nada perderiam com isto. Não me satisfaz o pragmatismo de James, que condiciona o conceito de verdade ao de utilidade, confundindo uma noção de caráter absoluto, com outra de caráter relativo. A tendência característica da filosofia é a especulação que conduz ao conhecimento puro, alheio à idéia de utilidade.

Bergson é admirável, mas me deixou comendo môsca, quando estabelece a oposição entre espaço e tempo, valores que Eintein reduziu a um espaço-tempo e entre conceito e intuição, espécie de instrumento único com capacidade para apreender a duração real, isto é, a vida.

Ao declínio do Século XIX, por volta de 1879, o Papa Leão XIII agita um forte movimento de volta à escolástica, com a publicação da encíclica "Aeternis Patris". As universidades católicas acolheram com fervor o pensamento do papa filósofo, e não tardou que Tomaz de Aquino tornasse a doutrinar nas cátedras mais ilustres da Europa. Na Idade Média, o tomismo procurou harmonizar-se com a filosofia de Aristóteles, agora Tomaz de Aquino entra em acôrdo com as idéias espiritualistas do século, renascendo pela fôrça renovadora do gênio, que não é de determinada época, mas de tôdas as épocas, de todos os tempos.

Remer, Billot, Geny, Cordovani e Piat propagam o neotomismo nas universidades européias, arrancando a mocidade ocidental das garras do materialismo e a conduzindo a "fazer interpretações espirituais do Universo", como se manifestou Eddington. Permaneço, de modo geral, fiel ao pensamento escolástico e como Bardiaef, alimento o desejo de uma nova Idade Média.

## CAPÍTULO XXIII

### SAUDADES DO BANGUÊ

Sempre passei as férias em Pôrto Calvo. Bem alegres e divertidas.

Visitava os engenhos. Casas Grandes cheias de moças, quase tôdas bonitas, dengosas e namoradeiras. Arranjavam pretexto para festas. A “botada” dos engenhos era motivo para comes e bebes e dança.

Missa rezada pelo vigário, almôço de buchada, lombo de porco, sarapatel e peru. E vinho tinto em garrafão vindo do Recife. Dançava-se a quadrilha, a polca rápida, aos pulos, e a valsa lenta, ondulante e suave como um sonho de amor.

Fui um famoso marcador de quadrilhas e ninguém valsou com mais exagerada elegância do que eu.

Ao embalo de “A Louca”; “Sôbre as Ondas”; “Minha Esperança”, esvoacei borboleteando pelos salões, sob espêssas núvens de poeira, enlaçado, como jitirana, ao delgado corpo das belas filhas dos ricos senhores rurais.

Naquele tempo, um acadêmico, estudante de Direito, Medicina ou Engenharia, considerava-se um ser raro, depositário da Ciência e dono de talento, embora fôsse ignorante e burro.

As moças disputavam-se, almejando casar com o futuro doutor.

E, no entanto, eu me achava feio. O meu rosto dava a idéia de um ralo, intumescido de borbulhas, um sistema orográfico de espinhas purulentas. Além disto, pedante e convencido. Em última análise — detestável. Discutia os assuntos mais sérios, ig-

norando-os, redondamente. Certa vez afoitei-me a discordar do Cônego Machado, num caso de análise lógica e o padre, devido à minha impertinência, me reduziu a zero.

Em Pôrto Calvo existiam mais de trinta e cinco engenhos que safrejavam. Constituíam uma organização econômica e social fortemente ligada pela solidariedade vicinal e pela tradição de lealdade, honradez e nobreza. Os rurais distinguiam-se dos comerciantes, como os nobres de Olinda dos mascates do Recife. Mas se entendiam amistosos no ajuste das contas e nas relações de convivência. Na realidade, o comerciante roubava o rural, trapaceando no pêso dos sacos de açúcar, alegando quebra.

À tarde, a cidade animava-se com a entrada de cavalos, burros e carros de bois conduzindo açúcar para os trapiches do Varadouro.

Os senhores de engenhos primavam em amparar e proteger os seus moradores engajados à família das Casas Grandes.

Desconhecia-se a luta de classes, que hoje separa pelo ódio empregados e empregadores. Os moradores eram dedicados aos patrões. Nunca ouviam falar em Moscou e ignoravam a dialética comunista.

Predominava nesse ambiente social uma espécie de feudalismo mitigado, resíduo do sistema de proteção colonial das fazendas do Sul e dos engenhos do Norte, descrito por Antonil. Boa gente, honesta e laboriosa, valente e pacata, leal e devotada, fazia da área do engenho o seu mundo, a sua aspiração, a sua vida.

Devo-lhe as alegrias da minha infância nos presentes que me traziam: ninhos com pelancos de passarinhos, os meus primeiros canários e pintassilgos, pequenos carros de bois, cavalos de pau, os arreios do meu carneiro.

E ingás, favos de uruçú e frutos de gravatá.

Na época da moagem, o engenho era uma colmeia. Transbordava de atividade e labor. Todos trabalhavam. Meninos viravam bagaços e mulheres amarravam canas.

Uma alegria comunicativa derramava-se no ambiente como uma felicidade humilde e tranquila.

As moendas rangiam, esmagando as canas e o mel fervia nas tachas transbordando um mel doirado que recerdia um cheiro orgânico e doce.

A fumaça dos boeiros escurecia o espaço, toldando as tardes crisolifantinas de dezembro.

Cigarras ziziavam epinícios ao verão luminoso.

O luar sôbre a bagaceira era uma sugestão de areial numa paisagem de deserto.

Mugidos de bois ecoavam tristonhos no silêncio da noite tropical.

As sete horas cessava a faina. Os trabalhadores recolhiam-se às casas situadas no cercado do engenho, levando cabaças de caldo e panelas de mel.

Aos domingos, compareciam à Casa Grande, acorados no terreiro, ou sentados no patamar. Vinham conversar com o patrão, aconselhar-se com êle, prestar-lhe vassalagem leal e sincera.

Nos casos de necessidade eram convocados pelo som rouco do búzio, velha usança potiguara ou pelas badaladas do sino, pendurado num ângulo do copiar, prática centenária dos reinóis. Divertiam-se pela Natal em folgança, bumba-meu-boi, reisado, pau-de-sêbo e quebra-pote.

Os quartos de defunto também os reuniam, solidários e prestimosos. Nesse encontro de piedade e dó, quase sempre brigavam. Ao invés de um defunto, enterravam-se dois ou três.

Nos engenhos as festas de casamento rolavam dois e três dias.

Eu não as perdia, figura indispensável e disputada. Celebrei-me pelos meus discursos intercalados de estrofes dos "Lusíadas". Deslumbrava os senhores rurais com a versalhada de Camões. Era de fazer rir o meu cinismo, recitando em tom oratório!

"As armas e os barões assinalados  
Que da ocidental praia lusitana"...

Ganhei fama e conquistei admiradores. Os senhores de engenhos visitavam-se. Nessas demonstrações e trocas de sociabilidade eram inexcedíveis na gentileza da hospedagem.

Viajava a família — mulher, filhos e criadagem — nos carros-de-bois, sob o tôlido coberto com as finas colchas de damasco, sobras da pompa colonial.

O chefe sentado na mesa do carro, ou montado em cavalos ajaezados de arreios ingleses.

Depois de formado, em 1910, não voltei aos engenhos de Pôrto Calvo. Quando em 1954, em campanha eleitoral, candidato a Senador, percorri todo o município, encontrei um mundo de desabamento e ruínas.

Das Casas Grandes apenas seis não caíram. A casa das máquinas de purgar, de cozimento, tudo em escombros.

Não se vê o roçado de mandioca exuberando no verde clorofiliano da maniva, nem o sítio enfeitado com o jasmineiro laço

de rainha, ao lado da casa, o pé de oití-cró ou a jaqueira, galinhas mariscando no terreiro varrido e o cachorro magro coçando a sarna, no copiar.

Taperas cobertas de melão de São Caetano dão morada às raposas ariscas, às lagartixas preguiçosas. Uma paisagem de melancolia consternando o transeunte.

Mas ao meio daquela desolação, o boeiro se mantém de pé, desafiando as intempéries, sentinela perdida num acampamento de duendes e malassombrados. Para ironizar o abandono em que o largaram, engrinalda-se de erva de passarinho.

E de noite, embutido na escuridão, quando as miríades de vagalumes lampejam, êle ressurgue trágico como se fôsse a própria alma do banguê, penando no êrmo.

Pensei com saudades nos dias felizes do meu tempo de estudante, e odiei a usina que afugenta homens e bichos e desola a terra, despovandô-a, emudecendô-a, nos seus arredores em léguas sem fim.

## CAPÍTULO XXIV

### O HERÓI BRONCO DO MALVANO

Em Pôrto Calvo e Passo de Camaragibe floresceu a mais opulenta aristocracia rural de Alagoas.

Ainda alcancei uns restos dêsse fausto, nas Casas Grandes do “Escurial”, do Desembargador Jacinto Mendonça, do “Engenho Nôvo”, do Dr. Assis de Mendonça, do “S. Gonçalo”, do Dr. Antônio Buarque, do “Conceição”, do Capitão Antônio Peregrino, do “Duas Bôcas”, do Coronel Gonçalo Leirinho, do “Capriço”, do Dr. José de Barros, do “Junco”, do Capitão Amaro Buarque, do “Prazeres”, do Dr. Pedro Valeriano, do “Arranca Tampo”, do Capitão Leodino Braga, do “Bom Retiro”, do Senador Bernardo Sobrinho, do “Guariba”, do Capitão Minervino de Gusmão, do “Ferrão”, do Capitão Pino de Vasconcelos, do “Canôas”, do Dr. João Firmino, além de outras de somenos importância.

Esses grandes senhores possuíam, na sua maioria, casas mobiliadas na cidade, onde só apareciam aos sábados, ou por ocasião das festas da Padroeira e de S. Sebastião.

Entravam na cidade triunfalmente, montados em finos cavalos de sela, e às vêzes, sentados nas mesas dos carros-de-bois, em que viajavam as mulheres, os filhos e a famulagem, sob tôldos forrados de ricos tecidos, restos da antiga magnificência colonial.

Acorriam curiosas, às janelas, as famílias residentes na cidade, para verem a chegada dos ricos dos engenhos.

E surgiam os comentários:

- Aquêlle carro é do pessoal do “Ferrão”.
- Repare o vestido da Mariínha. Sabe ser orgulhosa!
- Tem razão, é muito rica!

E criticavam num assomo de despeito os ruvais, escarniçando-os.

Nas últimas noites de festa da Anunciação e no dia da procissão os senhores de engenho divertiam-se, tomando parte nos folguedos, unidos e fraternizados pelos mesmos sentimentos de orgulho e poderio.

Mas eram pacíficos e muitos dêles prestimosos e acolhedores.

O Coronel Leirinho, por exemplo, primava pela generosidade. Simples e tolerante, era estimado pelo povo.

Pedro Valeriano foi o mais popular e o mais querido de todos os rurais portocalvenses. Mais bacharel do que senhor de engenho, preferia escrever panflêtos contra os governos a plantar canas. Político de oposição, sempre esteve fora do poder, que nenhuma atração exercia sobre êle.

Não dava valor a dinheiro, citando amiúde, de bolsos vazios, a frase desdenhosa dos irmãos Goncourt: "O dinheiro é uma grande coisa que torna os homens bem pequenos".

Êsses rurais orgulhavam-se de descender dos bravos que combateram, e por fim, expulsaram os holandêses. Mas não eram brigões e apreciavam a ordem.

Os movimentos de rebeldia, que se verificaram depois da Independência e ao tempo da Regência não foram por êles provocados.

A Guerra Civil da Cabanada contou apenas com o apôio do Tenente Coronel Bernardo Antônio de Mendonça, Presidente da Câmara Municipal, e do seu irmão Coronel Jacinto Paes de Mendonça.

A chamada Sedição Portocalvense, em novembro de 1823, não se originou em Pôrto Calvo. Promovida pela tropa de linha, deslocou-se da capital da província para aquela cidade, onde foi aclamada uma junta, que se denominou "governo temporário".

Existiu, todavia, uma indisfarçável rivalidade entre Mendonças e Buarques, que por vêzes conturbava a paz do município.

Aconteceu nos primeiros anos da República um incidente, que ensanguentou Pôrto Calvo.

O Padre Teles, chefe político de Jacuípe, servia aos Mendonças, dando-lhes apôio incondicional.

Diziam no povoado que o padre tinha parte com o diabo. Esquecido do breviário, não se deslembrava, entretanto, de escorvar os bacamartes da capangada que lhe montava guarda.

Meio sacerdote, meio jagunço, tirava uma média confusa entre as homílias dos domingos e as turbulências dos seus sequazes.

Manoel Isidoro era um dêles, o mais graduado talvez, o mais

temido certamente. Autoridade policial, exercia a função pública com a mão de ferro erguida sobre o adversário, como uma ameaça permanente. Mas se abstinha de descarregar o golpe, propenso a soluções suasórias.

Um incidente veio interromper as relações entre o chefe e o apaniguado mór.

Uma filha de Manoel Isidoro foge com o sacristão e o padre casa os prófugos, sem consulta prévia ao pai desapontado, que não consentiria nunca no enlace da filha com um réles ajudan-missa.

Considerando-se traído, o favorito afasta-se, ressentido. Demite-se da sub-delegacia e amarga, em silêncio, entocado no "Malvano", a humilhação cruel do ultrage. Era o ostracismo.

Começa, então, para o genro do bandido Vicente de Paula, uma fase de picuinhas e perseguições. As nuvens adensadas anunciavam tempestade.

Um outro incidente surge para desencadear a luta, que foi uma epopéia perdida, sem ressonância na emoção da História. A grandeza épica do conflito atufou-se no dédalo da mata virgem, que guardou para sempre os lances de heroísmo sem registro.

Os Mendonças dominavam, na época, a situação política do Norte do Estado.

Grandes latifundiários litigavam, frequentemente, com os vizinhos, a quem, nem sempre, o "uti possidetis" favorecia, nem as velhas escrituras estabelecendo rumos e limites.

Manoel Isidoro viu-se envolvido numa dessas demandas de terras, tendo como adversário o seu inimigo político, Capitão Antônio Peregrino de Mendonça, senhor dos vastos domínios do engenho "Conceição".

A pendência não foi ainda esclarecida nos seus pormenores, mas a verdade é que Manoel Isidoro teve que entender-se com o Capitão Peregrino, em "Conceição", levando êle mesmo uma escritura de convenção de limites, para ser assinada pelo potentado.

Êste, não se considerando seguro, pedira antes garantias ao govêrno, que lhe remetera tropa de proteção.

Isidoro fêz-se acompanhar pelo filho e pelo genro, que por sua vez trouxeram, cautelosos, à retaguarda, capangas de confiança.

Não se sabe, ao certo, como explodiu o conflito.

Contam que Manoel Isidoro foi realmente ao encontro do Capitão Peregrino, para obrigá-lo a assinar a referida escritura de convenção de limites. O Mendonça, apavorado, submetete-se, assinando o documento.

O caudilho retira-se, triunfante, trazendo ainda na mão, desembainhada, a faiscar à luz da manhã, a faca de ponta.

Mas ao descer os degraus da escada da Casa Grande, soube que o genro fôra morto e ferido se achava o filho, pelos policiais, acoitados numa olaria.

Manoel Isidoro, num salto de fera assanhada, pula sôbre o Capitão Peregrino e o esfaqueia.

Morto o inimigo, ordena que se ateie fogo à olaria, cercand-o com os seus cabras, para evitar que os policiais fugissem. Cinco soldados e um alferes morrem queimados nas chamas do incêndio.

Horas depois a cidade assistia estarecida à entrada dos cadáveres. Em duas rêdes são conduzidos o Capitão Peregrino e o Alferes João Vermelho.

Num carro-de-bois, cinco corpos comburidos, jazem resupinos, rostos convulsos voltados para o azul hialino do céu. O veículo macabro penetra na igreja e larga sôbre as lajes o fardo dantêsco. O olhar lacrimoso do Senhor Bom Jesus dos Passos fita-se naquela água forte de Durer.

Dobra plangente o sino grande, em dolorosa lamentação, diante de tamanho requinte da maldade humana. Estava declarada a guerra.

Jacuípe antecipa-se a Canudos.

Nos sertões da Bahia um bando de matutos crendeiros põe em choque um exército; nas matas de Jacuípe, meia dúzia de cabras atrevidos, desmoraliza um batalhão. Manoel Isidoro e Antônio Conselheiro são duas pedras nos sapatos do Barão de Traipu e de Prudente de Moraes.

Fora da lei, escarniçadamente perseguido, Manoel Isidoro defende-se. O herói bronco do "Malvano" desbarata as expedições, que saem garbosas de Pôrto Calvo, ao som marcial das cornetas, em estilo militar, marchando incautas pelas estradas ladeirosas.

A mata virgem as espera, inçadas de tocáias e emboscadas.

Por trás dos caules colossais dos amarelos e sucupiras seculares os cabras disparam os bacamartes sôbre a tropa.

Baqueiam os vanguardeiros.

Os que vêm na retaguarda ouvem o estrondo abafado dos clavinotes, e fogem.

Arremetem espavoridos contra a floresta, enlaçando-se nas ramarias, prêsos nos galhos, perdidos no dédalo verdacho, andando a êsmo, sem rumo.

Chegam a Pôrto Calvo estropiados, farda em farrapos, famintos.

“Malvano”, defendido por meia dúzia de caboclos, comandados por Manoel Isidoro e uma mulher — irmã do chefe, — que clamava vingança pelo assassinio do marido, era, como Canudos, inacessível.

Vergílio não guiaria o Dante até lá, conduzindo-o através da seiva hispida e traiçoeira.

A luta prolongou-se, sem vantagem para o govêrno, até que Iscariotes resolve intervir. Um traidor indica à tropa o único ponto sem defesa do reduto.

O caudilho é surpreendido pelo inimigo, na rêde em que descansava enfêrmo.

A epopéia termina sem brilho para o chefe, colhido pela perfídia, impotente.

Cortam-lhe a cabeça, que poderia ser mostrada aos papateras, como a de Danton à canalha de Paris. Cortam e a conduzem para Maceió, não em bandeja de prata, como a do Batista, mas, ensalmoura, num barril sem prêço.

Revolta-se contra a selvageria a população de Palmares, que assalta a tropa e se apodera do despôjo, inglório troféu do poder, mais uma vez desmoralizado.

Surge, em cena, a viúva, filha do caudilho, para representar o papel de vingadora, no fim do drama.

A Nemésis cabocla aplica a Talião em pleno entardecer do século dezenove.

A cabeça do Padre Teles é também decepada a faca. Esta, espetada na ponta de uma vara, fincada no chão, apodrece.

Os urubus voejam em redor, arrancando, em crocitos, os pedaços do rosto horrendo. Naquele banquete paupérrimo até a censura é espicaçada, sem nenhum respeito pelas coisas sagradas.

Passou a tormenta, mas a sua memória ficou em versos cantados pelo povo:

“O Engenho do Manoel Isidoro  
Faz três anos que não mói  
A safra está no campo  
O cavalo é que destrói  
A família dos Mendonças  
Vive tôda no cangaço  
E lá vem Manoel Isidoro  
— Fale “seu” colega  
Com a peitaria de aço.”

## CAPÍTULO XXV

### *SEBASTIÃO DE ABREU, QUE MORREU DE AMOR*

Em 1908, conheci Sebastião de Abreu, no último domingo de maio.

Monsenhor Vieira, bela compleição de sacerdote, era um fervoroso hiperdúlico.

Os trinta e um dias de maio faziam-no exultar de entusiasmo e de fé.

A igreja do Livramento enchia-se literalmente dos melhores da sociedade católica de Maceió. Os altares transfloresciam trescalando a rosas e angélicas. O templo resplandecia.

Monsenhor Vieira pronunciava os seus ferventes louvores à Virgem, em discursos lidos, recitando no início a oração de São Bernardo.

A turma de intelectuais comparecia assiduamente, para fazer elegância e flerte.

Nesse domingo, comparecemos logo cedo. Os jornais haviam anunciado que o Cônego Machado ia pregar.

O meu grande amigo chegara de Pôrto Calvo, precedido da fama merecida de grande orador sacro.

Na igreja, já se encontrava Orlando Araújo, rodeado do grupo acadêmico, quando se aproximou Sebastião de Abreu. Alto, espadaúdo, no rosto trigueiro faiscavam uns olhos prescrutadores e irônicos.

Usava costume de jaquetão marron e chapéu de niilista espanhol. À lapela, um enorme crisântemo.

Orlando fêz a apresentação:

— Sebastião de Abreu, poeta e cronista; Guedes de Miranda, acadêmico de Direito.

Cumprimentou-me distraidamente, dando-me a apertar a mão ampla e forte.

O Cônego Machado assomou ao púlpito. Um silêncio expectante imobilizou-nos.

Foi arrebatador na postura e na eloquência, que lhe borbotava da bôca inspirada.

Nessa noite a Virgem teve o seu Lacordaire para cantar-lhe a cerúlea beleza e os poderes imensos da Rainha do Mundo.

Na terça-feira seguinte o "Gutemberg" publicou uma linda crônica de Sebastião de Abreu, enaltecendo a fecúndia do padre.

Machado pediu-me para agradecer a Sebastião.

Escrevi ao poeta uma carta em estilo nefelibata, empolada, repleta de vocábulos preciosos, que eu catava em Cruz e Souza, Euclides da Cunha, Coelho Neto e Abel Botelho.

Passados alguns dias Sebastião veio ver-me no Colégio Quinze de Março, onde eu era censor.

Eu esperava a visita de Sebastião, e para deslumbrá-lo preparei uma frase de efeito inspirada na "Correspondência de Fradique Mendes". E ataquei:

— Os seus versos são crisálidas de ouro, que irrompendo do cinzel de Cellini, vão fundir-se na poeirada Cósmica das galáxias.

Sebastião esboçou um sorriso de mofa.

— Você fala como escreve...

Fazia certamente alusão à carta alambicada que eu lhe havia escrito.

Emudeci, encalistrado com o sarcasmo do poeta.

Sebastião compreendeu o meu desapontamento e procurou desculpar-se.

— Bem, adeus. Não se aborreça comigo. E desceu célere a escada.

— Que bêsta, disse-lhe às costas.

Mas nas vésperas de S. João, à tarde, Sebastião veio buscar-me para uma festa, em casa do Coronel Roberto Machado, na Levada.

— Vim buscá-lo, e você tem que vir. Vai distrair-se, garanto.

Saímos ao cair da noite. As ruas da Levada, ardendo nas labaredas das fogueiras, pareciam um acampamento de bárbaros festejando vitória.

Um incêndio de ponta a ponta.

Quando chegámos já a festa rolava animada.

Dançava-se o côco ao ritmo do ganzá. Nos intervalos, adivinhações na clara do ôvo, as sortes em quadrinhas chistosas e a canjica, as espigas de milho assadas na fogueira, e pamonha.

Saimos à meia-noite.

O poeta, todos notaram, permaneceu calado, no terraço, consumido por uma indisfarçável tristeza.

As fogueiras agonizavam agora sem brilho, no braseiro.

— Que tem você? Indaguei.

Não me respondeu, mas vi que chorava.

— Por que se aflige tanto?

O poeta contou-me tudo. Tôda a amargura do seu coração ferido pelo ciúme.

Fôra abandonado e amargava o fel da traição.

É dessa dolorosa fase de sua vida, e dolorosa foi tôda ela, o sonêto “Cartas”:

“As tuas cartas, flor, — os teus segrêdos —  
Sei com desvêlo e amor sempre guardá-las:  
— Mentiras que disseste nos silvêdos  
E outras sôltas à toa pelas salas.

Falam das ilusões e dos teus mêdos,  
Naquela graça com que um sonho embalas,  
Dos idílios à sombra de arvorêdos...  
Logo, é justo que devas conservá-las!

São as flôres do sonho desfolhadas...  
E, embora sejam simples e erradas  
Dizem, contudo, do que em mim tu lêste.

São a esperança morta de um noivado,  
E inda tem todo o aroma do passado...  
São mentiras gentís que me escreveste.”

Tornou-se meu amigo. Aos domingos dávamos longos passeios pelas ruas sujas da Levada, bairro que êle adorava.

Comovia-se com a miséria que se lhe deparava — crianças esqueléticas brincando sôbre montões de lixo; velhos esqualidos curtindo fome, a fumar cachimbo, desconsolados, à sombra dos beirais, a pobreza extrema de uma população esfarrapada e faminta.

— Isto tem que acabar. A vida não deve ser esta coisa feia, inestética, essa injustiça, êsse clamor surdo e tenebroso.

E dizer-se que Cristo morreu para salvar a humanidade! Salvar de quê? De fome, dessa catástrofe imensa em que rolamos?

Sebastião nessa época não largava Zola, devorando-lhe os livros. Lia também Tobias.

De certo se referia ao soneto "Ignorabimus" do poeta sergipano.

Em julho segui para o Recife, deixando Sebastião no meu lugar no colégio.

Escreveu-me, apenas, uma carta, remetendo-me êste soneto:

### " N O C A M P O

Aqui, no seio dos viçosos prados  
Onde espontâneo viridece o pomo,  
Enfim repouso solitário, como  
Quem descansa liberto de cuidados.

Apraz-me o aroma dos vergéis amados  
Onde tristezas e prazeres dômo,  
E sensações consoladoras, tomo,  
Ao cantar dos "ferreiros" nos cercados!

Gosto mesmo do cálido amavio  
Vindo da frente do moital sombrio  
Que a luz do estio volutuosa cresta;

De ver os bagos de uma espiga loura  
E a majestade dêsse sol que doura  
A corôa virente da floresta."

Sabia que Sebastião se retraíra, fugindo aos amigos. Tornara-se solitário, prisioneiro no casarão da rua 1º de Março, onde encontrou a ampará-lo a velha e transbordante bondade do Professor Agnelo Barbosa.

Regressei a Maceió, em fevereiro do ano seguinte.

O poeta recebeu-me com as expansões de uma estranha alegria.

— Você veio na hora. Preciso muito da sua presença.

A sua voz tremia, sacudida por forte emoção. Estava mudado. Perdera o garbo, aquela firmeza de pensamento, que o fazia desdenhoso.

Não usava mais os perfumados ramalhetes de jasmim entrecidos pelas mãos morenas da bem amada. Emagrecera.

Não lia mais Zola, nem Flaubert.

Os românticos, a quem êle tanto ridicularizava, eram agora os preferidos.

Quase não dormia. O palor da aurora encontrava-o, vez por outra acordado, a ler em voz alta, desvairado, Musset e Castro Alves.

— Que ordinárias! Que pérfidas!

Alta madrugada, e êle ainda não havia dormido.

— Acordei com a apóstrofe.

— Quem? perguntei.

— Quem há de ser? As duas cretinas — George Sand e Eugênia Câmara. E atirou ao chão o livro que estava lendo.

Olhei espantado. Tremia o meu amigo, ardendo em febre.

Aniquilado pelo esquecimento da “Única”, o poeta era um homem perdido. Nenhum cuidado com a saúde, expondo-se à friagem das madrugadas, de janelas abertas, buscando sôfrego a morte.

— Você sabe que Plínio aceitou a tese do suicídio? A vida é a coisa única que realmente nos pertence. Podemos dispor dela como quisermos. Vargas Vila considerava o suicida um forte. Você se recorda da teoria dos estóicos a respeito do suicídio: “Mori licet cui vivere non placet”.

A um amigo escreveu certa vez: “Se chegar, nas asas do boato, a notícia de que acabei com a vida, não duvides.”

Nessas noites de insônia e desespero, escreveu “História de Amor”, em que a ironia, o despeito, a piedade e o ódio flamejavam, ardendo no fulgor da rima impecável.

Esgotou-se-lhe o coração nestes últimos versos de renúncia e perdão:

“Dêsse engano do afeto o triste enrêdo  
Nestas quadras sem vida, ai! eu não conto  
Pérfida Isaura, flôr, não tenhas mêdo  
Essa história de amor aqui faz ponto.”

Não foi só a “História de Amor” que fêz ponto. Nas primeiras horas de 21 de fevereiro, a vida tormentosa do poeta do “Ângelus” findou, aos vinte e seis anos.

“Zé Pereira” zabumbava, à luz radiosa daquela manhã azia-ga, a alegria dionisíaca do domingo de Carnaval.

## CAPÍTULO XXVI

### FERNANDES LIMA, O "CABOCLO INDÔMITO"

Findo o triênio do seu democrático govêrno, Batista Acioli recolheu-se a "Massangana", desavindo com o seu partido, brigado com o chefe.

Levava para o ostracismo uma límpida consciênciã do dever cumprido.

Só oito anos depois, Costa Rêgo foi buscá-lo para o Senado Federal, saldando uma dívida de favores recebidos.

Costa Rêgo aprendera em Cícero esta máximiã, hoje em diã quase anacrônica: "Gratus debet esse qui accepit beneficium".

Batista Acioli e Fernandes Lima foram grandes e fraternais amigos, tão íntimos que existe uma fotografia de Batista, oferecida a Fernandes Lima com esta dedicatória: "A sombra ao corpo".

O corpo, como se vê, era Fernandes Lima.

Batista tinha dêsses rasgos de ingênua afetividade.

Essa fotografia, ou antes, essa dedicatória serviu para o corpo criticar a sombra, quando esta, contrariando as leis inexoráveis da física, se afastou daquele, separados pelos imprevistos da política.

As razões do rompimento estiveram ao lado de Batista, que relutou em aceitá-las, admitindo-as, por fim, para não transformar-se em polich'nelo às mãos do chefe autoritário.

Batista recusou a reeleição oferecida pelo partido conservador, sob a presidência de Pinheiro Machado, com o "placet" de Wenceslau Braz, Presidente da República.

Resolvera não interferir no pleito da sucessão, disposto a comportar-se como juiz, imparcialmente.

E, de fato, assim procedeu. A luta travou-se entre o general Gabino Besouro e o dr. Fernandes Lima, êste candidato do partido democrata, e aquêlo do partido conservador.

Alagoas devia ao general Gabino uma soma enorme de serviços. Foi êle o organizador da legislação republicana no Estado, dando forma jurídica à nova ordem constitucional.

Deposto do governo pelo Marechal Floriano, nos albores da República, não mais voltou a Alagoas.

Os conservadores chefiados pelo hábil e ilustre político coronel Pais Pinto e o povo da capital receberam o candidato com vibrantes manifestações de júbilo, trazendo-o a pé de Jaraguá, por entre aclamações de entusiasmo.

Das janelas sacudiam flôres sôbre o general.

Deu-se, nessa ocasião, o primeiro recontro da polícia com a "Liga dos Combatentes", espécie de sociedade terrorista fundada pelo sargento reformado do Exército Manoel Luiz da Paz, "persona grata" de Fernandes Lima.

O sargento, homem de coragem pessoal, mutilado em Canudos, havia colocado, logo pela manhã, os melhores elementos de sua milícia de choque em frente à "HELVÉTICA".

O governador Batista Acioli, sabedor do plano de perturbação, mandou postar um pelotão de polícia nas imediações do local ocupado, com ordens para obstar à agressão.

Quando o préstito chegou ao antigo "Relógio Oficial", os "combatentes" irromperam em alarido, váias e insultos, tentando investir contra a massa, que acompanhava o general. O pelotão interveio, interceptando o ataque.

Os "combatentes" não recuaram, avançando.

A polícia reagiu, enérgica.

Estrondaram fuzís e pistolas automáticas, num tiroteio cerrado.

Baqueou morto um "combatente". Ferido o comandante da tropa.

A ordem, não obstante, foi mantida. O povo não demonstrou nenhum temor, redobrando as aclamações ao general.

Dirigimo-nos para o palacete do comendador Teixeira Bastos, onde se hospedou Gabino Besouro.

Pronunciei, à chegada, um violento discurso, responsabilizando Fernandes Lima pelo incidente.

Estava lançada a sorte, e ninguém acreditava que Pompeu vencesse em Farsália...

A campanha desenrolou-se acêsa e perigosa, exaltados os ânimos na eclosão da luta, que teria se ensanguentado, se não fôsse a prudência de Batista Acioli, cuja atitude equânime assegurou o direito do voto livre.

Venceu Fernandes Lima por insignificante e inesperada maioria.

Alagoas devia ao general Gabino uma soma enorme de serviços. Foi êle o organizador da legislação republicana no Estado, dando forma jurídica à nova ordem constitucional.

Deposto do governo pelo Marechal Floriano, nos albores da República, não mais voltou a Alagoas.

Os conservadores chefiados pelo hábil e ilustre político coronel Pais Pinto e o povo da capital receberam o candidato com vibrantes manifestações de júbilo, trazendo-o a pé de Jaraguá, por entre aclamações de entusiasmo.

Das janelas sacudiam flôres sôbre o general.

Deu-se, nessa ocasião, o primeiro recontro da polícia com a "Liga dos Combatentes", espécie de sociedade terrorista fundada pelo sargento reformado do Exército Manoel Luiz da Paz, "persona grata" de Fernandes Lima.

O sargento, homem de coragem pessoal, mutilado em Canudos, havia colocado, logo pela manhã, os melhores elementos de sua milícia de choque em frente à "HELVÉTICA".

O governador Batista Acioli, sabedor do plano de perturbação, mandou postar um pelotão de polícia nas imediações do local ocupado, com ordens para obstar à agressão.

Quando o préstito chegou ao antigo "Relógio Oficial", os "combatentes" irromperam em alarido, váias e insultos, tentando investir contra a massa, que acompanhava o general. O pelotão interveio, interceptando o ataque.

Os "combatentes" não recuaram, avançando.

A polícia reagiu, enérgica.

Estrondaram fuzís e pistolas automáticas, num tiroteio cerrado.

Baqueou morto um "combatente". Ferido o comandante da tropa.

A ordem, não obstante, foi mantida. O povo não demonstrou nenhum temor, redobrando as aclamações ao general.

Dirigimo-nos para o palacete do comendador Teixeira Bastos, onde se hospedou Gabino Besouro.

Pronunciei, à chegada, um violento discurso, responsabilizando Fernandes Lima pelo incidente.

Estava lançada a sorte, e ninguém acreditava que Pompeu vencesse em Farsália...

A campanha desenrolou-se acêsa e perigosa, exaltados os ânimos na eclosão da luta, que teria se ensanguentado, se não fôsse a prudência de Batista Acioli, cuja atitude equânime assegurou o direito do voto livre.

Venceu Fernandes Lima por insignificante e inesperada maioria.

A reforma do general, em plena campanha, concorreu grandemente para o seu insucesso.

\* \*

José Fernandes de Barros Lima foi uma interessante figura do seu tempo.

Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, trouxe para o Passo de Camaragibe umas sobras do romantismo inspirado pelo gênio de Tobias Barreto.

Espalhou-se pelo Norte do Estado a fama do jovem doutor José Fernandes (êle só se assinou Fernandes Lima, depois de chefe), arrebatado orador, que citava invariavelmente Lamartine, Hugo, Castelar e Martins Júnior, nos brindes de casamento, nos necrológios de cemitério e nos comícios políticos.

No juri, recitava versos de "Dias e Noites", de Tobias Barreto, provocando lágrimas dos jurados sensíveis à eloquência do jovem advogado, derramada em jorros pelos cairéis do Camaragibe, apinhados de aratus e carás vadios.

Recém-formado, foi eleito deputado federal. Alagoas, todos pensavam, iria ter um brilhante e culto representante no Parlamento. Mas falhou.

Parece que a sua reconhecida fecúndia desambientada murchou, esmarrinando-se, desfolhada, sem brilho.

Conta-se até que em uma sessão fúnebre, em homenagem a Martins Júnior, o deputado alagoano foi menos lacônico do que César apenas por uma palavra: — "Boa-noite, ilustre morto", disse e se sentou satisfeito com a sua economia verbal.

Não se reelegeu, mas não se quedou no marasmo municipal, em que se têm estiolado os mais belos talentos.

Decidiu-se a lutar, pondo em evidência ambição, coragem e força de vontade.

Numa época em que rareavam advogados, era natural que dominasse o fôro do Passo, estendendo-se por São Luiz, Pôrto Calvo, Pôrto de Pedras e Maragogi.

Conquistou durante muitos anos vasta clientela, que declinou depois que apareceu, no Norte, advogando, o rábula Peixôto.

Pegaram-se os dois, e Peixôto, amparado pela política, levou a melhor.

Veio-lhe dessas brigas pela imprensa o apelido de "Lima Arapuca".

Desancava os "ex-adversos" e os juizes que sentenciavam contra os seus constituintes.

Tornouse temido.

Nas alegações finais, escritas por êle, em ótíma caligrafia, desenhava em tinta vermelha mãozinhas, indicando as mancadadas dos advogados e as venalidades dos juizes.

Pouca doutrina e muito desafôro.

Porque, em matéria de doutrina não foi além de Teixeira de Freitas. Em prazo forense era forte, agarrado a Ramalho.

Espírito de vôo curto, faltava-lhe capacidade para as generalizações do pensamento, pendido para o particular dos fatos, para o pormenor dos conhecimentos. Interessava-se pelos mericos, querendo saber tudo que se passava, minuciosamente, e dêsse tecido de tricas locais fazia a estrutura de sua política rasteira.

Cortejava os humildes, protegendo-os, não se sabendo se por método, ou por afinidade. Entre o juiz e o oficial de justiça, afeiçoava a êste.

Abraçava ostensivamente o sacristão, desprezando o vigário, os escravos de Espartaco. No fundo, um aristocrata.

Pode dizer-se que foi êle um dos maiores animadores do populismo no Brasil.

Antecedeu de meio século a Jânio Quadros e a Adhemar de Barros na prática de seduzir a arraia-miúda.

Em 1911 iniciou uma campanha em grande estilo oclocrático contra a situação dominante, apoiado nas baixas camadas do povo.

Fêz da "Liga dos Combatentes" a sua guarda pretoriana.

Varro não se fiaria tanto nas suas legiões, como êle nos "Sans Cullotes" do sargento Manoel Luiz da Paz.

A chamada "salvação" projetouse com destaque de chefe no cenário político de Alagoas, em cuja turbulência soçobrou a ordem constitucional no Estado.

Deposto do govêrno o honrado e preclaro alagoano dr. Euclides Vieira Malta, pelas baionetas federais do coronel Fabrício, Fernandes Lima empolgou a nova situação implantada pela desordem, que convulsionou o Norte do País.

Alagoas atravessou, nessa fase de insegurança e inquietações, dias de terrível mal-estar.

Os vencidos, — "lébas", como eram designados — foram perseguidos atrozmente.

Organizaram-se as célebres "caçadas humanas" — busca do adversário para o insulto e a agressão física.

Nesse ambiente cáldo de ódios, Fernandes Lima forjou as suas ambições de mando.

Obedeceram-no cegamente. Ninguém lhe ousava recusar uma decisão.

De resto, sabia ordenar e impor-se. E foi inexorável nessas decisões. Mas, muitas vezes, descia, arrependido dos excessos.

É que êle não nasceu mau, e, talvez, generoso. Os que privaram de sua intimidade afirmam-lhe qualidades de coração.

O governador Clodoaldo da Fonsêca submeteu-se às exigências do Partido Democrata, atendendo ao chefe, concordando com as violências dos seus correligionários, as quais malignaram o seu govêrno.

Acontecia reagir, raramente, ameaçando romper.

Mas tudo não passava de impulsos efêmeros de um nervoso.

Demissões ilegais, remoções arbitrárias, tôda a sorte de atentados aos direitos individuais cometeu o bravo e honrado soldado.

Eu mesmo fui demitido de catedrático da Escola Normal, amparado pela garantia da vitaliciedade.

Essa demissão foi lavrada com laivos de sadismo, reserva para o dia de meu aniversário natalício.

Fernandes Lima exigiu-a.

A "Liga dos Combatentes" conferiu-lhe o cognome de "Caboço Indômito", apelido que lisonjeou a sua vaidade, se adequava perfeitamente ao seu rosto trigueiro, ensombrado por farto bigode que lhe encobria a bôca esburacada pela falta de dentes, e à sua coragem de lutador.

Porque êle o foi, destemeroso e decidido. Não lhe mingavam louvores, nem convíciõs, êstes dos muitos inimigos que o combateram, prova do vigor de sua personalidade.

De todos êstes, o maior foi o dr. Pedro da Cunha, também nascido no Passo.

Ambos talharam-se pelos moldes da mesma vivência estreita de cidade pequena.

Odiaram-se como dois florentinos rivais.

Foram inimigos "usque mortem".

Pedro da Cunha remanescia da velha aristocracia rural, latifundiário e bangueseiro.

Leal até ao fanatismo, intransigente, obstinado em si mesmo, e homem de princípios, sôbre o seu sólido prestígio apoiou-se, no Norte, a situação maltina.

Ocorreu no Passo um episódio sentimental entre noivos, em véspera do casamento, que serve de pedra de toque ao ouro de lei do ódio, que incompatibilizou os dois políticos.

Um filho de Fernandes Lima rapta uma filha de Pedro da

Cunha, no dia anterior ao em que a jovem se devia consorciar com um rico senhor de engenho, residente em Pôrto Calvo.

Pedro da Cunha manda dobrar a finados os sinos das igrejas do Passo, pranteando a morte da filha.

E se enlutou na mágoa que quase o consome.

Shakespeare reconciliou Montecchios e Capuletos diante do cadáver de Juliêta, mas não harmonizaria o guelfo e o gibelino, que continuaram acutilando-se nos becos escuros do Passo, como se vivessem nos dias ardentes da renascença florentina.

\* \*

O primeiro triênio do govêrno de Fernandes Lima transcorreu fecundo e pacífico. Realizações proveitosas, tolerância, paz e ordem pública.

Deve-se-lhe a construção da estrada do Norte e dos primeiros grupos escolares.

Possuia a paixão e a vaidade do cargo. Visitava o Passo com as formalidades de rigoroso protocolo.

Uma companhia de polícia, trazendo à frente a banda de música do batalhão, deslocava-se de véspera para Meca, a fim de prestar continências ao Maomé sem hégira...

Recebia-o em transporte o compadre Henedino Belo.

À noite, retreta em frente à casa do compadre.

Há uma fotografia de Pedro II, vestido de sobrecasaca e chapéu côco, olhando as pirâmides.

Viajava de Maceió ao Passo envergando o seu fraque cinzento, não escanchado na corcova de camelo, mas em automóvel de luxo.

Em pleno verão de esturricar usava cartola, embasbacando os caboclos da "Ilha Bela".

Será que Fernandes Lima conhecia essa fotografia do monarca, em visita ao Cairo?

O segundo triênio (êle se reelegeu, esquecido da sua proclamada prevenção contra as reeleições) não seguiu a mesma linha retilínea e tranqüila, que traçou ao seu govêrno anterior.

Muito pelo contrário, sinuosa e convulsa é que ela foi.

Perdeu a serenidade com que surpreendeu os seus adversários, todos convictos de represálias e perseguições.

Não resistiu aos impulsos de reprimir pela violência as críticas à sua administração.

Perdeu-se.

Uma série de arbitrariedades marcou êsses três anos de desatinos, que o incompatibilizaram com a opinião pública.

Pouco a pouco, escapou-se-lhe a popularidade, a maior que já desfrutou um político alagoano.

Pelo "Jornal do Comércio", de minha propriedade e direção, eu e Afrânio Jorge, bravo e digno companheiro de lutas, combatemos os desmandos do govêrno, em grande parte praticados pelos filhos do governador, jovens inexperientes, que as circunstâncias do momento arrastaram a desmandos.

Custou-nos muito caro a audácia.

Certa noite, ao dirigir-me à redação, fui agredido pelos filhos de Fernandes Lima, acompanhados de capangas.

Salvou-me o eminente desembargador Augusto Galvão, Secretário do Interior.

E, no entanto, dias antes, eu havia escrito um editorial, sob a epígrafe — "O roubo da liberdade", no qual chamava o digno magistrado de Pina Manique de fibras de bananeira do pombo-lismo derrancado de Fernandes Lima.

Afrânio Jorge foi agredido a cacête, à noite, ao tomar um bonde, em frente ao Cinema Floriano.

Teve que mudar-se para o Rio, fugindo às perseguições inevitáveis.

No calor das polêmicas, tachei Fernandes Lima de desonesto, apontando atos e fatos, que me pareceram indefensáveis.

Equivoquei-me.

Escuso-me dessa injustiça com a humildade de quem se penitencia de um feio pecado.

O golpe de dez de novembro aniquilou-o, arrancando-lhe o mandato de deputado federal e o deixando sem nenhum recurso financeiro.

Os seus derradeiros dias passou-os em Maceió, em extrema pobreza.

Os que se haviam arrastado aos seus pés, como rafeiros (êles são de todos os tempos) esvaziaram-lhe a casa, voltados para os novos senhores.

Fernandes Lima (todos lhe reconhecem essa grande qualidade), timbrava em engrandecer os seus amigos, que não lhe souberam ser gratos.

Ao cair das tardes, quem passasse pela rua da Alegria veria um velho tristonho, meio esquivo, à janela, contemplando em cismas melancólicas o crepúsculo que caía.

Ficaram-lhe fiéis dois amigos: Ângelo Martins e José de Moraes.

Cito-lhes, em homenagem à dignidade humana, os nomes honrados, para não humilhar todos os homens diante dos cães...

## CAPÍTULO XXVII

### *EUCLIDES MALTA E A FUNÇÃO REIVINDICADORA DO TEMPO*

Em 1909 fui eleito deputado estadual. Entrei, assim, na política.

Anteriormente, eu era um alérgico a essa velha zabaneira, em cujos braços sórdidos caí, irremediavelmente.

Eça de Queiroz havia me imbuído de ironia e sarcasmos contra os políticos. Os epigramas com que o João da Ega injuriava o Conde de Gouvarinho e os parlamentares de São Bento, sabia-os de cor. Castro Azevedo, que não largava "Os Maias", m'os reproduzia, avivando-me a memória, sempre que comigo se encontrava.

Eu só admitia a política à base do platonismo da "A República", a política fundamentada na moral e cuja finalidade era para os gregos a felicidade de todos, isto é, da "polis". E como a felicidade era para êles a virtude, considerava impraticável decentemente a arte da política, máxime, tendo-se em vista que a maior das virtudes era para Sócrates e Platão a justiça.

E a justiça, quer a comutativa, quer a distributiva, quer a social, só pode ser encontrada no direito, em cuja paisagem esta é o horizonte, na bela imagem da Lacambra.

Antes de Maquiavel, o fato político era subordinado ao fato moral e jurídico. Depois de Secretário Florentino, se passou a conceituar a política como um ordenamento normativo da conduta, irreduzível aos outros ordenamentos, como a moral e o direito.

Neguei sempre à política conteúdo científico, e, quando li Ortega Y Gasset que nela não via "princípios", mais me convenci de que estava certo. Kant recusava-lhe qualquer sentido de "moralização". Foi penetrado dessas idéias que ingressei na Câmara Estadual de Alagoas. Naquele tempo, e até a revolu-

ção de 1930, representação das minorias figurava como letra morta no texto constitucional. Câmara unânime, sem nenhuma oposição aos governos que contavam com o apôio de todos.

A Assembléa trabalhava dois meses, anualmente, aprovando os decretos executivos "ad referendum", que lhe eram enviados. E, caso estranho, não me demorei em adaptar-me à convivência do rebanho, pondo de lado tôda a metafísica das minhas construções políticas. A realidade, aqui e aliunde, era aquela, e, quem não a compreendesse e contra ela se insurgisse, teria que clamar no deserto. Compreendi isto de início, mas o que concorreu para êsse conformismo foi a minha estima pessoal ao Chefe.

Euclides Vieira Malta iniciou-me na vida pública. Devo-lhe a eleição à Assembléa e a minha nomeação, em novembro de 1911, para a Escola Normal. Muito se escreveu e se deblaterou a respeito da personalidade de Euclides Malta, apodado de oligarca, de soba, e até de desonesto, pelos seus impenitentes inimigos.

O tempo, no entanto, demonstrou a inconsistência e a injustiça das diatribes e viltas que contra o alagoano eminente assacou a desvairada paixão partidária.

O tempo exerce essa função reivindicadora. Leonardo da Vinci chamou-o de "pai da verdade". E a verdade inconcussa, de que se não duvida mais, é que o dr. Euclides Malta foi um homem digno e simples, amigo sincero de sua terra, moderado, dono de seguro bom senso que constituiu a fôrça centrípeta de equilíbrio do seu govêrno e da sua política.

Apontaram o "Empréstimo Externo" como sendo um crime horrendo por êle perpetrado. Acusação idiota, positivamente estulta. O que concorreu para malograrse tão criticada operação de crédito, não há negá-lo, foi a infidelidade do mandatário do govêrno, cujo comportamento deplorável o levou ao infortúnio com que terminou a sua vida ruïnosa em Paris.

E quem era êsse mandatário? Engenheiro-civil de nomeada, homem inteligente e culto, fidalgo da Casa Imperial do Brasil, elegante, fino, um diplomata. Amplamente relacionado nos altos círculos do País, não lhe minguavam amizades de prôl, advindas do prestígio político do pai, senador do Império, e do irmão, senador da República.

Li um telegrama de Joaquim Murinho, quando Ministro da Fazenda do Govêrno de Campos Sales, em mãos de D. Maria Malta Duarte, filha de Euclides e espôsa do ilustre médico e escritor Abelardo Duarte, no qual o eminente financista pedia ao Governador de Alagoas a nomeação de Vanderlei de Mendonça

para Secretário da Fazenda. Era, pois, o dr. Vanderlei de Mendonça um homem indicado para o mandato, que lhe foi outorgado.

A primeira acusação séria contra Euclides, em tórno do "Empréstimo Externo", formulou o Conselheiro Lourenço de Albuquerque, num longo e apaixonado libelo de cujos provarás resumava o fel de indisfarçável malevolência. Coube a Alfrêdo de Maya, prócer da política situacionista, a resposta cabal, completa e esmagadora ao Conselheiro. Ninguém, até hoje, contestou a necessidade dêsse empréstimo, cujo projeto de autorização é de autoria do illustre professor Luís Lavenère, o mesmo que presidiu duas Comissões encarregadas de examinar a operação, e que concluiu pela lisura e honestidade de Euclides Malta.

Inaugurada a chamada política de "Salvação", os "salvadores" ensofregaram-se em descobrir, nos livros do arquivo do Tesouro do Estado, as provas do delicto. Foi uma devassa em grande estilo. Nenhum documento ficou sem exame exaustivo e tendencioso. Todo êsse esforço malsão, todavia, concorreu para pôr de manifesto a honradez do administrador e do homem público, que foi Euclides Malta.

O ex-governador defendeu-se das acusações na seguinte carta:

"Maceió, 28 de abril de 1.920.

Exmo. Sr. Diretor do "Jornal de Alagoas".

Não há muito tempo, oferecestes as colunas do vosso Jornal a qualquer publicação que tivesse de fazer referente ao caso do empréstimo externo dêste Estado.

Confiante neste oferecimento, endereço vos esta carta sôbre objeto que intimamente se relaciona com aquêle caso, enquanto não se me oferece melhor oportunidade para pormenorizadamente ocupar-me do assunto principal sôbre o qual, segundo o vosso dizer, o atual chefe do Estado já dirigiu apêlo amistoso ao sr. dr. Vanderley de Mendonça.

Esperemos, pois, que o referido doutor atenda àquela amistosa solicitação ou que, tendo-a feito, seja ela do meu conhecimento.

O vosso jornal, edição de ontem, analisando a Mensagem do Exmo. Sr. Dr. Governador, na parte relativa ao empréstimo externo, depois de, entre parêntesis, censurar o emissário desastroso do sr. Euclides Malta, que "em Paris desfrutava vida regalada, como vida regalada, em Recife, desfrutava o dr. Euclides Malta", diz que ambos se conservam indiferentes. Ao me-

nos quanto a mim é improcedente o vosso acêrto pois que, aos poderes competentes, em tempo azado e oportuno, forneci, como me cumpria, tôdas as informações que conseguia fazer chegar ao conhecimento da Administração do Estado, quando eu a exercia. Tudo quanto sabia, então, comuniquei ao Congresso Estadual.

Quanto à “vida folgada e milagrosa que levo em Recife”, não é a primeira vez que a imprensa, infundadamente, a ela se refere.

Não há muito, servindo-se das mesmas expressões, “O Imparcial”, do Rio de Janeiro, a ela aludiu, oferecendo amigos meus, ali residentes, no mesmo jornal, imediata contestação, de acôrdo com a verdade dos fatos.

Quando me retirei de Alagoas, deposto pelas armas federais, em 1911, procurei propositalmente colocar-me na cidade do Recife, bem perto dos olhos de Alagoas, onde minha vida pública e privada pudesse ser bem fiscalizada. Ali tenho vivido perto de oito anos, residindo em arrabalde bem distante da cidade, dos que gozam dos foros da aristocracia, habitados por famílias distintas, muitas das quais me honram com as suas amizades e que bem sabem que, no convívio dos meus, mantenho uma vida modestíssima, sem criadagem, sem estadão, sem carruagem, que até vendi para pagar serviços da imprensa do Rio de Janeiro, por intermédio do meu distinto amigo dr. Eusébio de Andrade, não sendo suficiente ainda o “quantum” pois que foi preciso lançar mão de mais 3:000\$000, do subsídio do sr. Barão de Traipu para o mesmo fim, ordem por mim dada àquele mesmo senador. Essa quantia, quando quis pagá-la ao mesmo sr. Barão êle se recusou a recebê-la.

Alude também o vosso jornal ao dr. Vanderlei de Mendonça, emissário desastroso.

Confiando, como confiei, ao dr. Vanderlei, a incumbência de tratar do empréstimo externo, na Europa, fi-lo convencido de que o mesmo doutor possuía títulos que muito bem o habilitavam ao feliz desempenho da comissão.

Efetivamente, tratando-se, como se tratava, de um engenheiro-civil, competente, viajado, de esmerada educação, filho de uma família que durante quase meio século tivera predomínio nesta antiga província e que desde o início da República, vinha gozando da estima e consideração de seus pro-homens, tendo obtido várias concessões do Governo Provisório, era natural que reunisse todos os requisitos essenciais para receber uma tal investidura.

Acresce que exerceu, com brilho, o cargo de Intendente des-

ta capital, tendo sido depois eleito deputado federal, por êste Estado, tendo sido logo distinguido pelos seus pares com o lugar de um dos Secretários da Câmara.

Depois, por um dissídio dêsses que costuma ocorrer nos seios dos partidos políticos, o dr. Wanderley dissentiu da minha orientação; mas, pouco tempo depois, voltando ao grémio partidário, muitos foram os empenhos para que êle obtivesse uma cadeira na Câmara Federal, representando os elementos políticos que me eram arregimentados. Entre êsses empenhos, avultam os seguintes:

“Rio, 6 de dezembro de 1905.  
Senador Euclides Malta.  
Maceió.

Seria motivo contentamento Governo, reeleição Wanderley. Amigos também se interessam. Apertado abraço.

a) Seabra, Ministro Interior.”

“Rio, 15 de dezembro de 1905.  
Senador Euclides Malta.  
Maceió.

Terei muito prazer se Wanderley fôr incluído cha- pa partido.

a) Joaquim Murтинho.”

Como se vê, não era um homem sem responsabilidades; antes, cheio de prestígio e de alto conceito, que me era recomendado pelo próprio Governo Federal, por intermédio do seu ilustre Ministro do Interior, um homem da estatura moral do dr. Joaquim Seabra, e por um prócer da República, o eminente dr. Joaquim Murтинho, de alta memória e de tradições luzentes em nossa Pátria.

Tôda gente sabe quanto sou tolerante nos meus processos políticos. Nunca guardei ódios nem rancores, do que dei provas durante o meu largo tirocínio político.

Não podia, portanto, atuar em meu espírito a luta que se travara e provocada pelo saudoso Senador Bernardo Sobrinho, na qual tomara parte o seu irmão dr. Wanderley.

A prevalecer o sistema preconizado pelo vosso jornal, determinante da irreconciliação dos elementos que militam na vida pública do Estado, em Pernambuco, o sr. Lourenço de Sá não

se juntaria ao sr. Rosa e Silva, e em Alagoas, o sr. Araujo Goes com o sr. Barão de Traipu e o sr. Fernandes Lima com o sr. Guedes Gondim.

Como vêdes, só havia razões para que eu pudesse, e devesse, confiar no dr. Wanderley de Mendonça, que se apresentava a tôda a sociedade alagoana, e quiçá a todo o País, como merecedor das mais altas distinções.

Vosso patricio,

a) EUCLIDES MALTA.”

Governou Alagoas ao tempo em que o orçamento montava a pouco mais de dois milhões de cruzeiros. E com êsses recursos escassos construiu e mobiliou o Palácio do Martírios, o Tribunal de Justiça, as praças Deodoro, Floriano e Sinimbu, nas quais erigiu as estátuas dos dois grandes soldados da República e do Visconde de Sinimbu, Ministro da Monarquia.

Caiu, despeado pelas baionetas da tropa federal comandada por oficial apto para a masorca, no tumulto da desordem que convulsionou o País, da Bahia ao Amazonas.

Os Nêris, os Lemos, os Aciolis, os Rosa e Silvas rolaram do poder constitucional, sob a turbulência da patuléia açulada pela soldadesca responsável pela legalidade que ela mesma destruiu tumultuosamente.

Deposto, o dr. Euclides Malta exilou-se em Recife, mantendo uma dignidade e uma altivez que o fizeram crescer ainda mais no respeito dos seus concidadãos. Nenhum cutro político do seu tempo pôde conservar, em redor de si, depois da queda, no ostracismo, tantos amigos dedicados. Era que Euclides possuía um irresistível poder de sedução pessoal na sua simplicidade expontânea, e sabia o segredo de ser sincero e leal.

Entre os que ficaram fiéis ao Chefe decaído, e muitos foram, eu era encontrado no posto de combate. Nunca permiti que o detrassem, sem a réplica imediata, pela imprensa, nos comícios, na tribuna parlamentar.

Não foi um oligarca, nem tão pouco um soba. Oligarquia é governo de poucos, e êle governou com muitos, com a quase totalidade dos homens representativos de Alagoas.

O seu governo contou com os serviços dos Andradas, dos Gracindos, dos Pontes de Miranda, de Bernardino Ribeiro, de Araújo Góis, de Natalício Camboim, de Luís Mascarenhas, de Alfrêdo de Maya, de Guedes Lins, de Sampaio Marques, dos Cônegos Costa e João Machado, de Monsenhor Ribeiro Vieira,

esteiado nos chefes rurais do quilate moral de Pedro da Cunha, de Ulisses Luna, Gonçalo Leirinho, de José Malta, do Padre Pedro Pacífico, de Prisciliano Sarmento, de João Lessa, de Ismael Brandão, e de muitos outros valores da época. Tinha pelos homens de talento admiração confessada.

Sobismo é tirania africana, boçal e alarve, e Euclides Malta primava pela tolerância e até pela indulgência. Diante de uma recriminação injusta, de um achincalhe repulsivo, levantava os ombros, indiferente. Quando muito, ria, o seu conhecido riso zombeteiro e mordaz.

À sua política de feição patriarcal, de aparentes aspectos unilaterais, com os defeitos da mentalidade dominante e com os erros próprios da cultura do tempo, deve Alagoas um longo período de ordem, de estabilidade, de paz, e de prosperidade.

Como homem de govêrno detestou a desordem, firmado na lição de Goethe:

“Prefiro a injustiça à desordem”, certo de que a Justiça não se realiza fora do Direito e o Direito é por natureza uma ordem.

Ainda voltou à Câmara Federal, eleito pelos correligionários que o foram buscar no destêrro em Recife.

Em Camaragibe, município do dr. Fernandes Lima, seu maior adversário, obteve esplêndido sufrágio, sendo o mais votado dos candidatos.

Nos dias tumultuosos que culminaram na sua deposição, sôlta e desenfreada a turba oclocrática, que ululava vesânica, nas ruas, Euclides não se atemorizou um instante. Verifiquei, em vários episódios da resistência, a sua grande coragem pessoal, cheia de altivez e de dignidade, e serenidade.

Uma noite, Euclides foi procurado em sua residência pelo Coronel Fabrício de Matos, Comandante da Unidade do Exército aqui aquartelada a fim de oferecer-lhe garantias, porquanto soubera que o ex-governador pretendia sair do Estado acompanhado pelo Arcebispo. Assisti, entre ambos, ao seguinte diálogo:

— Dou-lhe as garantias da fôrça federal, senhor dr. Euclides Malta, disse-lhe o Coronel Fabrício.

E Euclides, rápido e incisivo:

— Prefiro sair acompanhado, se preciso fôr, pela batina de um padre a fazê-lo sob a garantia de uma farda que o senhor não soube honrar.

Euclides Malta, todavia, deixou Alagoas acompanhado pelos seus inúmeros amigos que o levaram até ao seu exílio, em Recife.

Não guardava rancor a ninguém. Muitos que o ofenderam, obtiveram, da sua longanimidade, perdão e esquecimento.

Conta-se que, certa vez, um jovem o procurou em Palácio, pedindo-lhe que aceitasse o convite para seu padrinho de batismo.

— E quem é você, meu rapaz?

— O sr. não me conhece. Sou filho do dr. Saturnino Santa Cruz.

Euclides ficou estupefacto, mas adiantou ao jovem:

— Sabe você que seu pai é meu inimigo rancoroso? Teve êle conhecimento dêsse convite?

— Perfeitamente, sr. Governador. Foi êle quem me mandou até cá.

E o dr. Euclides Malta e Senhora foram os padrinhos do jovem Santa Cruz.

A posteridade fará, um dia, justiça a Euclides Malta, quando êle tiver o seu biógrafo para esquadrihar-lhe a obra social, política e humana que realizou em Alagoas, com um sentido admirável de objetividade e de ordem.

E dizer aos seus detratores que êle morreu pobre, muito pobre mais do que se pensa.

## CAPÍTULO XXVIII

### A L F R Ê D O D E M A Y A

Alfrêdo de Maya fazia parte, figura de primeiro plano da equipe intelectual e política do Coronel Jacinto Pais Pinto da Silva.

Ele, Luís Mascarenhas, Bernardino Ribeiro e, ainda neófito, eu. Meio rebelde, de vez em quando se desentendia com o coronel. Pais Pinto está a reclamar um biógrafo que lhe molde a personalidade complexa, e, de certo modo, ímpar, no barro dúctil da cerâmica social da época.

Maya bem poderá ser êsse biógrafo.

Figura curiosa de político provinciano com os defeitos próprios do meio, lépido no manêjo dos golpes, astuto, atraente, inteligentíssimo, sabendo por adivinhação as coisas da cultura e as discutindo com os bacharéis de sua roda, e, sobretudo, devotado até sacrifício, aos amigos.

Possuia um poderoso dom de intuição, apercebendo-se rapidamente do que ia acontecer, farejando os fatos, prevenido tudo.

Era, de mais a mais, um bravo.

Nunca lhe vi nos músculos um tremor de mêdo, nas horas mais terríveis que viveu.

Não atacava; defendia-se.

Resistia impávido aos impactos, quase sempre brutais, sem lamentações, sereno, firme, resoluto, decidido.

Não recuava indo até às últimas conseqüências. Enlamearam-lhe o lar, injuriando-lhe a honra, denegrindo a pureza da espôsa boníssima e virtuosa, digna senhora a quem muito admirei.

Alvejado nos melindres conjugais, sofria, amargurava-se.

Amava Alagoas com os excessos de fetichismo.

Quando morreu, dona Déda encontrou no bôlse do pijama

uma cédula de duzentos mil-réis, minguido patrimônio a partilhar com a viúva e os órfãos.

Alfrêdo de Maya — o compadre Maya, como lhe chamava dona Déda, — privava da intimidade do casal.

Pais Pinto repousava na confiança de sua lealdade e de seu talento.

E, de fato, o “moço louro” ostentava um renome de polemista de enormes recursos.

Organizou-se em Alagoas, por volta de 1908, uma oposição insôssa, sem programa, desorientada e, insólitamente, agressiva.

O “Empréstimo Externo” converteu-se em catapulta cujas pedras se atiravam contra o honrado e preclaro homem público, que foi o dr. Euclides Malta.

Surge na arena um gladiador temível. O Conselheiro Lourenço de Albuquerque provinha da monarquia, considerado no bre varão impoluto, espécie humana de “tabu”, intangível na sua tradição de político do Império.

Articulou um libelo tremendo contra o Governador Euclides Malta, atacando-o por supostos deslises em tórno da operação realizada com banquinhos francêses.

Euclides convocou a turma.

— Quem responde ao Conselheiro?

Luís de Mascarenhas, ilustre jurista, escusouse, alegando, com modéstia, inaptidão.

Quanto a mim, um aprendiz, a tarefa afigurava-se muito difícil.

Consultado Bernardino Ribeiro, opinou pelo Maya.

Pela “Tribuna”, órgão oficial, Alfrêdo de Maya faz a defesa do Govêrno. Com — “Resposta ao Conselheiro” fulmina o antagonista eminente. Cabal, completo, destroi todos os pontos de acusação.

Notabilizou-se com a vitória esplêndida.

Falava-se com admiração na eloquência de Alfrêdo de Maya, apontado como brilhante orador.

Eu nunca o ouvira discursar.

Foi no dia dezesseis de setembro de 1911, aniversário natalício do dr. Euclides Malta, que êle se me revelou.

Grandes homenagens prestaram-se nesse dia ao ilustre alagoano.

O orador escolhido para saudar o aniversariante foi o dr. Bernardino Ribeiro, advogado notável e claro espírito de humanista.

Acometido de uma inibição súbita Bernardino Ribeiro não pôde terminar o discurso. Momentos de silêncio e aflição. Ber-

nardino desmaiado no sofá. Um mal estar inaturável. Maya salva a situação.

Imaginoso, fulgurante, arrebatou a assistência. Bela, encantadora oração pronunciou o “moço louro”.

\* \*

Quando comecei a escrever na imprensa local, ninguém me entendia.

Estilo empolado, linguagem arrevesada, puro nefilibatismo. Catava em Euclides da Cunha, Coelho Neto e Abel Botelho adjetivos, verbos e substantivos raros, neologismos e arcaísmos, e fabricava com êles a minha empada literária. Custou-me muito essa maluquice. Na Faculdade de Direito do Recife escangalhavam-me.

Conto um episódio que me pôs no cartaz por muito tempo. Em 1911 eu era deputado estadual.

O líder escalou-me para escrever uma moção de solidariedade da Câmara ao Chefe do Executivo. Envaideci-me. Deparava-se-me uma oportunidade para mostrar-me, para fazer bonito.

A moção começava assim:

“A Câmara dos Deputados aferindo por uma toesa de vera imparcialidade, hipoteca a sua infrangível (no jornal saiu imprangível solidariedade etc.”

E vai por aí afora, a alambicada e pomposa estirada.

A imprensa oposicionista glosou a bobagem que foi bater na redação do “O Malho”. Os bons rapazes da famosa revista carioca largaram-me o pau.

“A moção do deputado alagoano é m...”.

Alfrêdo de Maya chamou-me à sua casa.

— Você, rapaz, precisa acabar com o seu preciosismo literário. Para que tanta retumbância, tanta preocupação no emprego de palavras sem uso? Leia o Eça, o Machado. Recomendo-lhe a “Ilustre Casa de Ramires” e “As Memórias de Braz Cubas”. Leia tudo do Eça e do Machado.

Tomei-lhe o conselho, e não me arrependo.

\* \*

Afirmava-se, já naquele tempo, que Alfrêdo de Maya protegia bandidos.

Posteriormente, disseram-no presidente do famanaz “Sindicato da Morte”.

Nada mais absurdo.

Maya, primoroso poeta, polemista, espírito de profunda sensibilidade artística e humana, grande conhecedor da literatura francesa e lusitana, não se podia dar ao cangaço.

Não acreditei, não devia acreditar.

Numa tarde de dezembro, cálida e luminosa tarde de verão, resolvi deleitar-me com a palestra do mestre.

Maya sempre foi um "causer" wildeano. As palavras cintilavam-lhe na conversa despretensiosa. A ironia faiscava-lhe na boca. Comentávamos Flaubert, Anatole, e, se não me engano, Zola, que êle detestava.

Dizia-se que o prestígio do Maya declinava junto ao dr. Euclides.

Idiotamente interroguei:

— O senhor vai ser demitido de Consultor Jurídico do Estado?

— Eu?! Quem lhe meteu isto na cabeça? Se Euclides me demitir mando passar-lhe a espingarda.

Pasmei.

Santo Deus!

O homem que lia Saint Victor e Paul Valéry no original, recitava de cor páginas inteiras da "Salambô", fôra secretário de Severino Vieira, formoso de corpo e alma, civilizado como um inglês vitoriano, êsse homem admirável transmudava-se, num instante, de relâmpago, em Antônio Silvino, armado de rifle e cartucheira. Um pistoleiro!

— Você se espanta? Uma boa espingarda resolve, às vezes, um caso complicado.

— O senhor blagueia; o senhor não faz o que diz.

— Não faço? Metam-se comigo e verão. Calço as alpercatas e ganho a "caatinga". Sou sertanejo.

Saí decepcionado.

O meu mestre era então um cangaceiro.

O tempo, no entanto, esclareceu-me em sentido contrário.

Eximio atirador, Maya não mata um passarinho.

As suas mãos nunca se avermelhavam de sangue.

Cangaceiro por abstração pode ser.

Na realidade, um santo.

O Povorello travestido de Fra Diavolo.

\* \*

Em 1918, se a memória não me falha, entrei com Alfrêdo de Maya numa chapa de deputados federais por Alagoas.

Pertencíamos ambos ao partido chefiado por Pinheiro Machado.

A minha candidatura era amparada pelo senador Araújo Góis, grande amigo de Pinheiro.

A minha vitória parecia certa sôbre Alfrêdo de Maya, amparado pelo Coronel Pais Pinto.

No dia da eleição, à tarde, a bomba estourou. Um telegrama de Pais Pinto dirigido ao Coronel Manoel Tomaz, chefe político de Atalaia, liquidou-me.

A senha combinada — “Viva a Primavera” — derrotou-me. Tôda a votação do eleitorado daquele município descarregou-se no Maya.

O “moço louro” triunfou.

O coronel foi mais esperto do que o senador.



Passaram-se os anos.

A “rasteira” venceu-me a memória.

Sofri-lhe os efeitos com altivez e conformidade.

Rebenta a revolução de 30.

Maya aderiu ao movimento triunfante.

Não me lembro se usou lenço vermelho ao pescoço...

Nomeado Secretário da Fazenda, pressagiavam-lhe posição de alto destaque no Govêrno do Norte: Ministro.

Pensava-se em dividir o Brasil em dois governos, como depois de Mem de Sá.

Adregou a hora do ajuste de contas com o Secretário.

Pelo “Jornal de Alagoas” critiquei a adesão do Maya à revolução, a posição que abiscoitava.

Fui candente no ataque, escachando-o.

Esperava-se que Maya me respondesse no mesmo teor contundente.

Vai haver briga, dizia-se nos comentários de rua.

Entrevistado por um repórter que desejava atizar a polémica, respondeu rindo-se:

— O meu velho amigo Guedes vive sempre à procura de oportunidade para escrever uma bela página.

Com franqueza, você não achou admirável a entrevista?

O mestre dava-me, mais uma vez, uma lição de sagacidade.

É debalde combatê-lo, convenci-me.

Alfrêdo de Maya não recebeu de Alagoas nenhuma recompensa pelo muito que lhe tem dado.

O seu talento, a sua cultura, o seu trabalho ensofregado e profícuo sempre estiveram a serviço de sua terra.

Muito lhe deve a indústria do açúcar.

Nenhuma grande causa democrática e liberal se processou no Estado sem sua colaboração entusiástica e desinteressada.

Formidável o homem que, aos oitenta anos, na época das couves, planta ainda jaboticabas e coqueiros, certo de que há de comer-lhes os frutos.

## CAPÍTULO XXIX

*J O S É   D U A R T E*

De uma conferência — “Médicos de Família” — por mim pronunciada no Instituto Histórico de Alagoas, no dia 2 de dezembro de 1956, destaquei as referências a José Antônio Duarte para incluí-las no “EU E O TEMPO”. A homenagem, à semelhança de outros retalhos sentimentais de minha vida, procura, debalde, saldar dívidas irresgatáveis.



Para a lembrança de um instante fugaz de evocação, recordei nomes ilustres da nossa medicina familiar, aos quais rendo o preito da minha comovida homenagem, que excele na memória queridíssima de José Antônio Duarte, irrompendo, coroada de violetas da minha saudade, do cerne mesmo do meu coração.

Grande alagoano, preclara figura de homem de sentimentos e de inteligência invulgares. Morto há trinta e sete anos, parece que já decorreram séculos de seu desaparecimento.

Esqueceram-no depressa a ingratidão e a injustiça dos nossos meios sociais e de cultura. Um bloco de bronze, que perpetua, por vêzes, tantas mediocridades, não lhe modelou o corpo hercúleo que aprisionava uma das mais nobres almas, que engrandeceram e sublimaram a vida. Um silêncio de chumbo pesa-lhe sôbre a glória muda.

Nem uma voz a pronunciar-lhe o nome na grandiosidade de um poema, a recordar-lhe a vida na singeleza de uma canção.

Osório Gatto numa concisão de síntese, na pressa de um formoso discurso, traçou-lhe o perfil em largo e brilhante rascunho.

O volume XV da "Revista do Instituto Histórico de Alagoas" publica essa evocação do presidente desta Casa, esplêndido subsídio para um trabalho de maior proporção.

O Conselheiro Nabuco de Araújo encontrara na ternura do filho o elogio de sua nobre vida, imortalizada num livro monumental — "Um Estadista do Império".

Afrânio de Melo Franco também foi enaltecido pelo filho, num livro de menor tomo, mas excelente e valioso — "Um Estadista da República".

Está, entre nós, um homem de talento, que já exaltou a vida de Ladislaw Netto, num admirável ensaio, ao qual deve caber a tarefa piedosa e afetiva de biografar José Duarte. Refiro-me ao preclaro Secretário Perpétuo deste Instituto, dr. Abelardo Duarte, a dádiva mais rica oferecida por José Duarte a Alagoas e ao Brasil.

Que belo livro não sairia sobre o pai eminente da admiração e do afeto do filho ilustre!

Lendo-se o discurso de Osório Gatto fica-se sabendo que José Duarte foi um homem generoso e que "passou pelo mundo a provocar simpatias, sereno, forte, sem tropêços nem vacilações, como que trazendo tôdas aquelas virtudes antigas, que a filosofia de Sócrates reduziu a uma só: Sabedoria."

De fato, êle foi um sábio no sentido socrático, e a generosidade se escoava do coração como um vinho suave de uma ânfora etrusca.

Sabemos, também, através de Osório, que José Duarte se bateu contra o cativo.

A generosidade a que alude o professor Osório Gatto levaria irresistivelmente o paladino com fervor à praça pública, aos comícios, onde o verbo candente, como um látego de fogo, estalava contra a ignomínia da escravidão.

E Joaquim Nabuco se orgulharia de ouvir o companheiro impertérrito, nos assomos da eloquência, bramindo a sua cólera sagrada sobre o borrão que tisonava o Brasil, que vilipendiava Alagoas.

É que José Duarte se dava todo às causas que abraçava e defendia, com aquêlê ímpeto, com aquêlê força indômita do seu temperamento de perdulário, que viveu desperdiçando talento, bondade e bravura.

Harpagão e o Judeu de Veneza correriam espavoridos se o vissem a esvaziar do bôlso os derradeiros níqueis distribuídos com a miséria nua, esfaimada e doente dos bairros de Maceió.

Conheci-o em 1901, no dia do entêrro de Adriano Jorge.

Vários oradores falaram diante do túmulo do eminente educador alagoano, mas o discurso que me impressionou, sem que eu compreendesse a sua eloqüente beleza, como que inconscientemente, foi o de José Duarte.

Eu tinha por êsse tempo treze anos. Lembro-me de haver irritado os que o felicitaram. Tive a audácia de abraçar o gigante.

Correspondeu-me com o mais acolhedor dos sorrisos, apesar da emoção que o empolgava, beijando-me as mãos.

— Obrigado, meu caboclo.

Não o perdi mais de vista. Quando o encontrava na rua parava embevecido para vê-lo passar, cumprimentando risonho, amável, feliz, a tôda a gente, estendendo as mãos aos carregadores dos “Quatro Cantos” à rua do Comércio, e a senhoras pobres, suas amigas.

— Como vai, caboclo velho?

— Como está, sinhazinha?

O hábito que tenho de chamar “caboclo velho” às pessoas com quem topo, veio-me dêle, por fôrça de imitação sugerida pela admiração que êle me inspirava.

No meu segundo ano de Direito, em 1907, adoeci.

Uma ergastenia terrível, quase me leva ao Santa Leopoldina.

Não dormia, prêsa de forte irritação. Uma hiperestesia aguda transformou os meus nervos numa harpa eólia.

As minhas funções de censor do colégio me haviam esgotado.

Pensei em voltar para Pôrto Calvo, em abandonar o curso. Salteou-me o espírito até a idéia do suicídio.

Nenhum remédio, que vários médicos me receitaram, atenuou a minha ergastenia.

Contaram-lhe o meu estado. Veio ver-me no Colégio 15 de Março.

— Vá amanhã, às dez horas, ao meu consultório.

Em dez minutos de exame, firmou o diagnóstico.

— Caboclo velho, você vai ficar bom dentro de quinze dias.

E, de fato, a dispepsia palúdica que me alucinava, desapareceu no prazo anunciado.

Rabisquei uma crônica do “Gutemberg”, em agradecimento ao médico pela cura rápida.

Tornouse meu amigo.

José Duarte era dono da sociedade maceidense.

Abriu-me as portas de sua casa e das casas dos seus amigos que eram muitos.

— Nola (boníssima, meiga e virtuosa senhora), o Miranda almoçará domingo conôsko. Cuidado com a dispepsia do nosso bacharel!

Rebenta a Guerra de 14.

A humanidade espanta-se com as manifestações de crueldade, selvageria, bruteza e de arrogância dos alemães.

A pátria de Goethe, Kant e Beethoven transformada numa cubata de zulús, num regresso à ancestralidade pré-histórica.

O Direito das Gentes despiu-se dos seus cânones, despedaçados pelos exércitos do Kaiser Guilherme II.

A barbárie ressurgue na manhã do Século XX, ensanguentando-lhe o arrebol.

A civilização protesta em nome do Cristianismo, do ideal ético de justiça, das leis codificadas dos povos!

José Duarte encheu-se de indignação contra os “boches”.

Acompanhava o conflito, vibrando de cólera, quando o telégrafo transmitia as notícias das atrocidades dos hunos, dos horrores cometidos pelos novos Átilas.

O martírio da Bélgica, assolada, ferida, vilipendiada, arrendendo em incêndios, talada, inflamou-lhe os sentimentos daquela generosidade que em José Duarte era a essência pura de sua alma. E explodiu em apóstrofes.

Manuel Afonso Viana promove uma festa de caridade em benefício da Cruz Vermelha Portuguêsa. O Teatro Deodoro repleto. Havia nas almas uma profunda tristeza, uma intensa apreensão. Faróis apagados. “Black-out” nos mares e nos corações.

José Duarte é orador da noite. Há na sua voz um acento de mágoa.

Fulmina, como um profeta israelita, os crimes do arbítrio.

Naquela noite, o Kaiser Guilherme II ouviu o seu libelo tremendo, o inapelável.

“Verdun — coração da França e irredutível antemural da consciência humana — cintura de bronze e fogo, de onde os soldados da civilização hodierna bradam valorosamente pela bôca de formidáveis canhões o protesto eterno do Direito e da Justiça, precisa a representação assistente de toda a humanidade livre e de todas as nações independentes”, clama José Duarte, do prosênio do Deodoro.

A assistência chora e o aplaude em delírio.

José Duarte também chorava.

Abracei-o chorando também.

— Mestre, você foi admirável, disse-lhe. Isaias teria hoje inveja da sua eloquência.

Uma das conseqüências mais violentas da guerra foi a “Espanhola”. O virus espalhou-se pelo mundo inteiro, trazido pelos ventos cruéis da morte.

Alagoas sofreu a fúria do “morbus” tremenio. Os sinos dobraram.

Os cemitérios escancelaram-se em covas. O luto enegreceu a cidade. José Duarte transfigurou-se. Travou a luta sem quartel contra a peste. Não dormia. Emagreceu. Estava em tôda a parte. Na Levada, o bairro que mais sofreu, no Pôço, em Bebedouro, encontrava-se o médico dos pobres, ensofregado, incansável, lutando contra a morte, num desespêro, angustiado, transido de dor.

Cantou, como um cisne, o seu derradeiro poema de solidariedade aos humildes de sua terra.

José Duarte foi um pródigo. Pródigo de tudo: de talento, de bondade, de bens. O dinheiro para êle não foi um fim, foi um meio. Nem aquêle sexto sentido, como lhe chamou o autor de “Servidão Humana”. Os irmãos Goncourt afirmaram que o dinheiro é “uma grande coisa que torna os homens bem pequenos”. A José Duarte não apequenou, entretanto, porque, ao contrário, o engrandeceu, fornecendo-lhe efêmeros recursos para completar a sua generosidade.

Lembro-me de um episódio que reflete a claridade hialina de sua nobre alma.

Conversava, num fim de tarde, com Santos Ferraz e Monsenhor Vieira, à porta do Liceu Alagoano, quando êle apontou, vindo da Levada.

Trazia no semblante um ar de cansaço, que se desfez num largo sorriso de simpatia, quando êle nos viu.

— Muito trabalho, mestre?

— Exausto, Miranda velho. Mas, levo uma fortuna para Nola.

E nos mostrou uma moeda de dois mil-réis de prata do Império.

— Linda moeda. O salário do dia. Vou oferecê-la à Nola.

Eis que surge uma mulher esqualida, chorando um pranto pungente, doloroso como a própria miséria que a pulseava. A bôca era-lhe uma urna de amargura.

— Meu compadre, me acuda. O seu compadre e o seu afinado estão morrendo de fome. Faz dias que a gente não come.

José Duarte emocionou-se. A sua voz tremeu. Sem hesitar passa às mãos da necessitada a moeda.

— Lá se vai, Miranda, o presente da Nola.

Episódios como êste, encheram-lhe a existência tôda. Para êle, bondade que não irradiasse, inundando a vida de dádivas, ternura e consolação, confundia-se com a miséria.

Ninguém lhe bateu à porta, sem que ela se abrisse, escancarando-se para que o sofrimento também entrasse.

A política, por vêzes, empolgou-o.

Mas, reagiu ao campanário, arredio ao profissionalismo desfibrado e cínico. Na sua passagem pela Câmara Federal não imitou os sirís, no fechamento hermético da bôca, nem se esgueirou pelos corredores, como uma sobra impalpável, muda, amorfa. Falou, defendeu idéias, debateu teses, metendo os peitos, interferindo no acêso das discussões, enfrentando contendores do tope de Fausto Cardoso. Tomou parte ativa e enérgica na discussão do projeto de casamento civil, defendendo a liberdade religiosa, batendo-se com Estácio Coimbra, Gonçalo Souto, Moreira Alves, e outros. Brilhou. Impôs-se pela eloquência e pela cultura, pelo conhecimento dos problemas nacionais.

Viveu por êsse tempo os seus grandes dias luminosos.

Mas, não tardou em saturar-se da política partidária abandonando-a. Patifarias, canalhices, traições, não eram com êle. E deu o fora nos politiqueiros da época, isolando-se na sua dignidade e na sua altivez.

Passaram-se os anos e José Duarte permanecia inabalável no seu propósito apolítico.

Foram buscá-lo no seu ostracismo voluntário para fazê-lo prefeito de Maceió. Recusou. Insistiram. Não concordou, resistindo. Mas, houve empenhos, solicitações de amigos, apêlo de partido.

— Vocês me levam para um sacrifício inútil.

E foi mesmo inútil o sacrifício que lhe exigiram. Inútil e cruel.

Apurada a eleição, estava eleito Firmino Vasconcelos. Inacreditável!

— Que lhe disse eu? Vejam só a vergonha. Vencido em Maceió pelo Firmino! Bem me disse o Espíndola.

Pela primeira vez, vi faiscar-lhe uma fagulha de ódio naqueles olhos que só se enterneceram pelas coisas mansas e belas da vida.

O mundo político, absurdo e caótico é um caleidoscópio de decepções e surpresas, de contrastes e ironias.

Entre Hermes da Fonsêca e Riu Barbosa a nação elege o primeiro.

Clemenceau, herói nacional, vencedor da Grande Guerra de 14, "o Tigre" famoso, glória da França, perdeu para Decranel, um quase desconhecido, a primeira eleição presidencial depois do conflito.

Fernandes Lima morreu abandonado, amargando o travo da ingratidão e do olvido. Os que se lhe reptilizaram aos pés, nos dias do auge do poder, morderam-lhe os calcanhares quando bateu a hora crepuscular do ostracismo. Dois homens lhe ficaram fiéis até o fim: Ângelo Martins e José de Moraes. Nobilitaram os dois derradeiros abeceltagens a espécie humana, tirando-a de inferiorizar-se à dos cães...

Depois dessa inesperada e injusta derrota eleitoral José Duarte se interiorizou, retraindo-se, omitindo-se, profundamente magoado.

Clodoaldo da Fonsêca ofereceu-lhe um lugar de deputado federal que êle recusou.

A lembrança de Arestides estava sempre presente aos assomos de sua ironia laivada de sarcasmos, agudos como farpas...

Os atenienses baniram o herói.

Maceió cuspiu nas mãos ciclópicas que derramaram dadivosamente a generosidade, a simpatia, a ajuda, a gentileza, o carinho, a solidariedade humana.

Ironia atroz!

Desde êsse dia em que caiu da ampulhêta o derradeiro grão de areia da sua confiança no seu povo, não foi mais o mesmo. Mas, os humildes, a massa de desconsolados, os seus compadres miseráveis, êste continuaram a receber dêle as moedas de prata, salário de dias afanosos e exaustivos. Para êstes, êle não mudou, amável, acolhedor, bom, boníssimo, sempre o mesmo, perfeitamente o mesmo.

E foram êstes que choraram as lágrimas mais sentidas, em pranto convulsivo, debruçados sôbre o esquife e sôbre o túmulo do grande alagoano. E foram êstes que lhe disputaram as alças do caixão, que o arrebataram mesmo, conduzindo-o até o cemitério, revezando-se, entre soluços, através das ruas silenciosas da cidade cruel, tôda mergulhada na dor da perda irreparável. Maceió espiava o negror da sua ingratidão, ao ver passar aquêle cortêjo lúnebre imenso, que foi afinal uma redenção, e uma consagração, porque jamais visto igual nesta terra.

José Duarte, se você presenciou a mágoa dos que choravam quando você se ocultou na escuridão da terra, teria visto também as lágrimas que me saltaram dos olhos e caíram mo-

lhando a argamassa que ia cerrar a bôca hiante de sua catacumba. Sôbre ela, ter-se-ia podido colocar uma lápide com esta inscrição:

“AQUI JAZ JOSÉ DUARTE, O MAIOR  
MÉDICO DA FAMÍLIA ALAGOANA  
DE TODOS OS TEMPOS.”

Mas, até hoje a gratidão dos homens não gravou na lousa estas letras que brilharão, no seu negrume, a pureza imaculada da nossa justiça.

## CAPÍTULO XXX

### *UM DUELO QUE NÃO SE REALIZOU*

O triênio que se seguiu ao do Coronel Clodoaldo da Fonsêca, foi exercido pelo engenheiro-civil João Batista Acioli Júnior.

Batista Acioli assumiu o govêrno perante o Tribunal de Justiça, porque perante o Senado prestava a promessa, no mesmo dia, o dr. Pedro da Cunha, Vice-Governador, na ausência do Governador da Oposição, dr. Antônio Guedes Nogueira.

Estabelecia-se, assim, um govêrno de dualidade.

A pendência resolveu-se por um acôrdo, permanecendo no govêrno o dr. Batista Acioli. Democrata por temperamento, inteligente e culto, intransigentemente honesto, simpático e cortês, não se jungia às exigências do partidarismo histérico e desvairado, em cujo pélagos soçobrou e se perdeu o govêrno do Coronel Clodoaldo.

Dentro de pouco tempo, o alagoano ilustre havia amortecido o fragor das paixões, amainando a fúria das incompatibilidades.

A catálise dos seus bons propósitos modificou a irritação dos espíritos em conflito, sensíveis aos apelos que dirigiu apaixonadamente a amigos e adversários.

Êstes compreenderam logo o sentido de ordem e de equilíbrio que Batista Acioli forcejava por imprimir ao seu govêrno, num esforço decidido para apagar do quadro negro da nossa vida social e política as garatujas e obscenidades que o giz do ódio havia traçado num delírio de bacanal. E desarmados dos instintos da luta anterior, aproximaram-se pouco a pouco do ilustre governador, cercando-o por fim.

A opinião pública aplaudiu as diretrizes do govêrno, que se ensofregava pela restauração da paz no Estado.

Pelo "Diário do Povo", jornal fundado por mim, desenca-  
deamos, eu, Gilberto de Andrade, Aurino Maciel, Armando Wu-  
cherer e Fernando Mendonça a campanha da ordem, da repres-  
são à política de tropelias, cujo círculo não se queria encerrar.

Batista Acioli divergiu, a esta altura dos acontecimentos,  
da orientação política de seu partido, discordando dos métodos  
anacrônicos de intransigência adotados pelos seus correligioná-  
rios que lhe cobravam a juro semíticos o preço de sua candi-  
datura e de sua eleição ao Govêrno do Estado.

Verificado o rompimento do governador com o Partido De-  
mocrata, pôde Batista Acioli realizar com os maiores embara-  
ços um govêrno equânime de moralidade administrativa, de jus-  
tiça e de confiança pública. Talleyrand dizia que quem não teve  
a fortuna de viver em França a derradeira fase do antigo re-  
gime não conheceu a doçura da vida.

Alagoas experimentou, no Govêrno de Batista Acioli, um  
bem-estar nas relações de convivência, que nos faz lembrar ao  
que se refere o bispo de Antan.

A guerra de 1914, paradoxalmente, coñcorreu para essa  
harmonia, congregando os homens de sensibilidade numa coesão  
de atitudes sentimentais e patrióticas, diante da brutalidade da  
agressão alemã.

O martírio da Bélgica assolada pelos exércitos do Kaiser,  
a bravura do rei Alberto, os torpedeamentos dos nossos navios  
de passageiros, a batalha da Jutlândia, todos êsses acontecimen-  
tos nos emocionavam e nos comoviam, aproximando-nos, de mais  
a mais, do chefe do Estado.

As festas cívicas e de caridade em prol das vítimas das  
atrocidades dos "boches" mantinham um ambiente de vibração,  
de entusiasmo e de fé cristã, que significava uma forte solida-  
riedade social e humana.

Batista Acioli tomava parte eficiente e ativa em todos êsses  
movimentos de reação contra a arrogância têtuta, apaixonado  
pela harmonia dos povos, pela supremacia da justiça interna-  
cional, pelo primado do Direito das Gentes.

Quando os alemães fuzilaram, na Bélgica, uma enfermeira  
inglês, Batista Acioli encheu-se de indignação, e à noite, numa  
sessão cívica no Teatro Deodoro, pronunciou um formidável dis-  
curso de protesto contra o atentado às leis internacionais.

Todo o grande esforço de Batista Acioli para preservar a  
paz de Alagoas, entretanto, não obstou a que surgissem fatos  
que a conturbaram.

A candidatura do General Gabino Besouro ao Govêrno do Estado renovou a luta entre o Partido Conservador e o Democrata, êste patrono da candidatura do dr. Fernandes Lima e aquêle do ilustre militar.

Alagoas muito deveu a Gabino Besouro, o organizador de sua vida republicana.

A candidatura do soldado alagoano representava o resgate de uma dívida de gratidão. A campanha desenrolou-se renhida e apaixonada.

Agitaram-se os ânimos em desabridas hostilidades, que só cessaram depois do pleito com a vitória de Fernandes Lima.

A chegada do General Gabino Besouro a Maceió determinou um episódio sangrento, provocado pelos democratas que se afoitaram a perturbar a recepção do candidato dos conservadores.

Travou-se tiroteio entre a fôrça policial e elementos da "Liga dos Combatentes", resultando mortes e ferimentos de lado a lado. Batista Acioli portou-se imparcialmente, como juiz reto, dando aos partidos garantias necessárias ao pleito, mantendo a ordem legal.

Passando o govêrno ao candidato eleito e reconhecido, retirou-se para as suas propriedades, em Maragogi, levando para o ostracismo a dignidade de seu comportamento, certo de haver cumprido o seu dever.

Não o deixaram, porém, em paz em "Massangana".

Acusado insistentemente pelos seus ex-correligionários, defendeu-se pelo "Jornal do Comércio", de minha propriedade, enfrentando e reduzindo ao silêncio os seus inimigos.

A prova apresentada contra a sua honestidade cifrou-se a um recibo de sete mil e quinhentos réis, preço de uma fechadura comprada sem sua ordem para um móvel, que não lhe pertencia.

Ocorreu um episódio, já no fim do govêrno de Batista Acioli, no qual figurei como Cadête de Gasconha. Cirano de Fergerac teria gostado da façanha fora da época.

Em uma sessão agitada da Câmara Estadual, no momento em que eu obstruia um projeto inconstitucional, meu revólver caiu em pleno recinto. No dia seguinte, o "Jornal de Alagoas" escandalizou o fato, comentando-o acremente. Fui acoimado de desordeiro e de outros vitupérios.

Não tolerei o insulto. Corri à redação do "Imparcial", de Fernandes Tavares, jornal que circulava à uma hora da tarde, e lancei o convite de desafio, nestes têrmos categóricos:

"Se a redação do "Jornal de Alagoas" não se compõe de

covardes, desafio-a para um encontro, hoje, às cinco horas da tarde, em frente ao Cinema Floriano.”

Antes da hora aprazada, eu já me encontrava no local do duelo, aguardando o momento do desagravo.

A rua do Comércio encheu-se de curiosos, de políticos e de amigos de ambas as partes. O meu velho e saudoso amigo Álvaro Flôres esperava-me à esquina da “Helvética”, em automóvel preparado para a minha fuga, caso houvesse sangue.

Antes da hora, senti faltar-me ânimo, convencido de que havia agido temerariamente. E se os rapazes do “Jornal de Alagoas” viessem? Eu só contra tantos. Nesse estado de dúvida e arrependidíssimo fui ter à chapelaria do meu amigo José Maria, que importava um delicioso vinho italiano.

— Zé, dá-me depressa uma garrafa.

O bom português, meu admirador, encheu duas vezes o copo, que eu virei em dois tragos sôfregos.

O líquido topásico restituiu-me a coragem, evitando o fracasso do meu heroísmo tartarinesco. O povo aguardava o desfecho do desafio.

As cinco horas (eu não tirava os olhos do relógio) os rapazes reptados não vieram. Senti um alívio diante da ausência dos injuriadores e mostrei o relógio à multidão, constatando a exatidão da hora marcada.

— Meus senhores, os covardes não vieram, disse eu com ares de triunfador.

E toquei lépido para casa, dando graças a Deus pelo remate que, sem luta e sem sangue, me conferia uma carta de valente.

## CAPÍTULO XXXI

### FUNDAÇÃO DA ACADEMIA ALAGOANA DE LETRAS

Nos primeiros dias do armistício, cheios das esperanças que a expectativa da paz derramava sôbre o mundo em desespêro, reunidos no "Helvética", num jantar com macarronada e Chianti, Rodriguez de Melo, Cypriano Jucá, Jayme de Altavila, Jorge de Lima, Ranulfo Goulart, Lima Júnior, Fernando de Mendonça, Armando Wucherer, Povina Cavalcanti, Aurino Maciel e eu, afirmámos exaltados pelo calor do capitoso vinho italiano, a existência de uma literatura em Alagoas.

Esmurrando a mesa (não é privilégio do General Juarez Távora) coberta de garrafas vazias e pratos servidos, declarei, de jeito a não tolerar réplicas, que Alagoas era um ninho de poetas, os melhores do Brasil.

Querem a prova?

"Você resume tudo o que sonhei na vida:  
Glória, beleza, amor, domínio, perfeição.  
Tudo que persegui numa doida corrida,  
Tudo que me fugiu ao alcance da mão.

Quando vejo você, fico de alma florida,  
Porque você é luz, é perfume, é ilusão.  
Você é, para mim, a idéia mais querida,  
A quimera mais linda, a mais doce emoção.

Você tem uma voz de canário cativo.  
Você tem um sorriso encantador e um quê  
De vaidade, no olhar eloquente e expressivo.

E você apesar de tudo isso, não vê,  
Inda não compreende, ante o enlêvo em que vivo,  
Que o mundo para mim se resume em você.

Ouviram? Digam que Jayme não é um grande poeta, digam,  
se não estão bêbados.

Rodriguez de Melo, trepando numa cadeira, declamou:

“Vem aquecer-me, como me aquecias.  
Quando eu andava como um trovador,  
— Chapéu de feltro, botoeira em flor,  
Cantando cançonetas ao luar.”

Não pôde continuar, aturdido. E, abraçando-se comigo, dizia-me chorando:

— Compadre, êstes versos são divinos.

Fernando de Mendonça irrompeu aos berros:

— “Lá vem o acendedor de lampião...” Viva Jorge de Lima!

Beijava o poeta salpicando-lhe o rosto com perdigotos avinhados.

— Poetas não nos faltam, sentenciou Ranulfo Goulart. O meu primo Aristeu é poeta até no Inferno, como Orfeu, quanto mais nesta joça.

Todos aplaudiram, lembrando ainda Cruz Oliveira. E Cirição Durval, indaga Lima Júnior. E declama:

“Isaura, a mais cruel de tôdas as perdidas.”

— Está muito certo, disse Povina, mas literatura não é somente poesia. Literatura é também prosa, é também romance. Quais os nossos prosadores? Quais os nossos romancistas?

Houve um momento de desanimado silêncio. Realmente, literatura era também a prosa, era também o romance. Quais os nossos prosadores? Quais os nossos romancistas? Povina tinha razão. Cypriano Jucá tirou-nos do desalento:

— Não temos prosadores, nem romancistas?! Ora... E Franco Jatobá? Vocês leram o “Brasil e o Insulto Argentino”? Prosa de boa.

Jorge de Lima anunciou para breve a edição de “Salomão e as Mulheres”.

— Possuímos bastantes prosadores, disse eu, quebrando um copo — Paulino Santiago é um “conteur” admirável. Que me dizem de “Águas Verdes”? Uma maravilha!

Povina já vencido elogiou “Palavras Sôltas”, de Craveiro Costa, e “Dominicais”, de Pio Jardim, crônicas admiráveis publicadas no “Gutenberg”.

— Não esqueçam Sebastião de Abreu e Rosália Sandoval, Goulart de Andrade, manifestou-se Aurino Maciel.

Armando perguntou se leram as “Projeções”, de João Prata, publicadas no último domingo, no “Diário do Povo”.

Envaidecido com a referência ao meu pseudônimo, mandei abrir cerveja. Terminada a farra “pro pace”, a conta...

— Garção, traga o vale.

— Mas doutor...

— Doutor o quê?

— O senhor já assinou tantos...

Rodriguez interveio, conciliador:

— Me dê, que eu assino.

— O senhor também...

Jorge de Lima pôs têrmo à briga iminente, pagando as despesas.

Naquela noite longínqua do ano de 1918, acreditámos mesmo que existia uma literatura em Alagoas. Daí à Academia foi um passo, que demos dentro de pouco tempo.

Nos dias tempestuosos da guerra já havíamos pensado em fundar um centro literário diferente dos existentes, estável e mais sério, nos moldes da Academia Brasileira de Letras.

De 1914 a 1918 desenvolveu-se um intenso e nervoso movimento intelectual em Maceió, que abrangeu o clero, a imprensa, os círculos intelectuais, uma agitada e brilhante feira de poesia e beleza. No púlpito, o Cônego João Machado recordava Vieira, recriminando a barbárie dos “boches”. Os jornais publicavam odes, apóstrofes e epinícios, tôda uma vibrante beletística, patriótica e humana, contra as crueldades dos alemães.

Nas festas de caridade, nas sessões cívicas, realizadas no Teatro Deodoro, nas quermesses em benefício das vítimas da guerra, tudo era poesia e literatura. A entrada do Brasil na guerra agravava êsse estado emocional. Rui Barbosa sustentou o princípio da não neutralidade diante da arrogância da fôrça, que rasgava tratados e conspurcava as normas do Direito das Gentes, baseadas na fôrça moral da palavra impressada “Pacta sunt servanda”.

Na célebre conferência que pronunciou na República Argentina, o insígne brasileiro criticou a transigência com o crime, como sendo uma forma de acumpliciamento. “Quis tacet consentire videtur”. Silenciar, omitir-se em face das atrocidades dos têtos, que bombardeavam hospitais de sangue, afundavam

navios de passageiros de países não beligerantes, fuzilavam enfermeiras e invadiam países neutros, era o mesmo que praticar tais crueldades.

Nos comícios aplaudíamos a atitude do Governo brasileiro, por haver declarado a guerra contra os têtos e atacávamos o argentino por se recusar a entrar no conflito, em defesa das liberdades de uma comunidade internacional, servida por um direito sem sanção, mas que repousava na honra das nações, na fôrça da ética universal e naqueles sentimentos espirituais de que nos falava *Le Für*.

Terminada a luta, serenou a exaltação que nos trazia permanentemente reunidos, em estado de alerta. O hábito daquela espécie de gregarismo intelectual nos ligou, sem discrepância, nem mexericos de "coterie". Por outro lado, os discursos de recepção da Academia Brasileira de Letras comurcavam-nos um estímulo que nos despertava o sentido de imitação. Enterrecia-nos, de resto, a publicação da correspondência entre Machado de Assis, Joaquim Nabuco e Graça Aranha.

Esse panorama intelectual já era a Academia, no seu plasma e no seu espírito, faltando-lhe, apenas, a forma estatutária, o processo material de criação, uma ata lavrada em têtros oficiais.

Foi em novembro de 1919, no dia primeiro. Reunidos no salão nobre do Teatro Deodoro, lavrámos a ata da sessão de fundação, sob a presidência de Moreira e Silva. Reza a ata que "orou o sr. Guedes de Miranda afirmando que a fôrça de uma nação reside mais no fulgor de suas letras do que na possança de seus exércitos. Demonstrou a relativa grandeza do movimento intelectual de Alagoas e patenteou a sua posição de nenhuma inferioridade perante os outros Estados. Lamentou que entre nós ainda não houvesse um centro literário nos moldes dos que existem em quase tôdas as circunscrições da República. Terminou d'zendo que essa falta ia ser reparada na reunião que ali se efetuava e na qual se trataria da fundação de uma associação de letras, prestigiada pelo elemento oficial, excelentemente representado na ocasião."

Moreira e Silva faleceu antes da instalação do grêmio, cabendo a presidência a Demócrito Gracindo.

Tive a honra de ser o orador oficial da festa de instalação. No discurso que pronunciei, medíocre e vulgar, declarei:

"A Academia Alagoana de Letras, que se inaugura nesta solenidade, começa d'ora em diante a existir, e existe necessariamente, como uma afirmação de que temos um destino intelectual e político, uma personalidade inconfundível, como parte in-

tegrante e uma unidade representativa na jovem família brasileira.”

Os anos transcorreram. Grande parte dos companheiros já se foi. Outros vieram e virão ainda na sucessão infinita do tempo. Eu aguço o ouvido para escutar o grito do barqueiro, do outro lado do rio. Clemenceau, o “Tigre”, depois de ganhar a guerra, recolheu-se, desiludido, à vida privada. A França não lhe premiou os grandes serviços. No seu ostracismo, o “Tigre”, afirmava êle, conversava com fantasmas. Quando compareço às sessões da Academia, enquanto se floream as lindas frases, os belos pensamentos, eu converso com espectros, que se aproximam de mim, que me tocam, e que se agitam na minha recordação... Demócrito Gracindo, Orlando Araújo, Aurino Maciel, Virgílio Guedes, Ranulfo Goulart, Jorge de Lima, Cônego Machado, Rodriguez de Melo, como eu me lembro de vocês, como vocês se esbatem na meia tinta lilaz da minha grande, da minha imensa saudade...

## CAPÍTULO XXXII

### A ESPADA DE CLODOALDO

A situação política inaugurada em Alagoas com a queda do preclaro alagoano dr. Euclides Malta, criou-se à sombra do hermismo.

O quadriênio do Marechal Hermes da Fonsêca malignou-se por uma série enorme de intervenções nos Estados, de tropelias e desordens, que perturbaram profundamente a vida nacional.

A Bahia sangrou sob as bôcas de fogo de São Marcelo. Em Pernambuco o General Dantas Barreto, um bravo de Canudos, praticou lamentáveis violências, a que não escapou a brilhante mocidade de Trajano Chacou trucidada a cano de ferro, em Recife.

O Ceará estrebuchou debaixo das botas reiúnas de Franco Rebêlo, cujos desatinos levaram o Estado à revolução jagunça chefiada por Floro Bartolomeu, Padre Cícero Romão e Santa Cruz.

No Pará, os Lemos foram vítimas de desacatos e agressões que culminaram no incêndio da "A Província" e no assalto às suas próprias residências.

Na partilha "manu militaris", a "salvação" reservou o Estado de Alagoas ao Coronel Clodoaldo da Fonsêca, filho do eminente alagoano Pedro Paulino e cunhado do Marechal Hermes.

O Governo do Coronel Clodoaldo da Fonsêca, homem honestíssimo e de boa-fé, mas impulsivo e obstinado, teve, pelas circunstâncias que o rodearam, um caráter ao mesmo tempo dramático e cômico.

Fêz chorar e rir. Fêz estalar gargalhadas e correr lágrimas, sem querer nem uma coisa, nem outra.

Travou-se uma luta sem quartel entre os Partidos Conser-

vador e Democrata, chefiado o primeiro pelo Coronel Jacinto Pais Pinto da Silva e o segundo pelo dr. José Fernandes de Barros Lima.

O Coronel Pais Pinto encheu todo o cenário da luta com a sua admirável figura de chefe.

Ainda não se traçou o perfil dêsse habilíssimo e astuto político alagoano. Foi o maior do seu tempo. E mesmo ainda hoje, ninguém o excedeu.

Os golpes que desferia sôbre o adversário davam em cheio, produzindo o efeito previsto. Temiam-no, e, porisso, odiavam-no.

Os seus planos nunca falhavam, desbaratando o inimigo. Ninguém amou a sua terra com tanto sacrifício.

Era, de fato, um acendrado patriota.

Congregou os políticos decaídos e os levou à luta, decidido e intrépido.

A reação do Governador, apoiado pelo Partido Democrata, caracterizou-se por uma série de demissões ilegais, de remoções arbitrárias, de ofensas aos direitos patrimoniais e de atentados à pessoa humana, de espancamentos de jornalistas, de violências de todo o matiz.

O furor do ódio desencadeou-se como um vendaval, sacudindo e ensandecendo tôda a população do Estado, diferenciada por uma espécie de "divortium aquarum" partidário.

Até as famílias se dividiram, desavindas e irreconciliáveis.

A imprensa degradou-se, transformando-se os jornais, quer situacionistas, quer da oposição, em pasquins, arrastando pelas vasas da injúria e da calúnia a honra e a dignidade dos adversários.

Aretino ressuscita para denegrir e satirizar tôda uma sociedade.

A literatura dos jornais recorda a "fecundia canina", de que nos fala Quintiliano, pela linguagem desatinada e sórdida, referta de apôdos e baldões atirados sôbre melindres e pundo-nores os mais respeitáveis.

Todo o triênio do Govêrno do Coronel Clodoaldo da Fonsêca escoou-se nesse clima áspero e inóspito de desavenças e hostilidades.

Os acontecimentos valem como provas irrefutáveis.

Episódios vários atestam a insânia dessa fase perigosa da nossa história política.

Não acuso, nem defendo propósitos e intenções.

Não aponto culpados, nem inulto inocentes.

Vou até onde chegam os fatos.

Narro-os, apenas.

Descrevo-os, tão só.

Era uma noite de festa realizada no Instituto Histórico, onde se encontravam os homens mais ilustres da nossa terra, a patulêia invadiu os salões da "Casa de Alagoas", e esfaqueou o retrato do dr. Euclides Malta.

Os esfaqueadores eram elementos da famosa "Liga dos Combatentes", guarda pretoriana do Partido Democrata, comandada pelo Sargento reformado Manoel Luiz da Paz.

O selvagem e estúpido atentado significou um duplo crime, porque ultrajou um homem digno, cheio de serviços à sua terra e destruiu uma das mais preciosas telas de Rosalvo Ribeiro.

Como nos dias sombrios da Inquisição, Euclides é apunhalado em efígie num auto de fé retardatário.

Outro fato e êste digno de botocudos, que causou revolta e geral reprovação foi o assalto a mão armada, à casa do Coronel Pais Pinto, às cinco horas da tarde, em plena capital.

Com o propósito indisfarçável da brutal agressão, realizaram os democratas um comício em frente ao Quartel de Polícia, em cujos fundos se situava a residência do referido Coronel.

No momento, poucos amigos lá se encontravam.

Diante do perigo iminente, eu, o dr. Arthur Jucá e um homem do povo chamado Pinga-Fogo, organizámos uma desesperada e louca resistência.

O primeiro tiro partido dos atacantes foi disparado alvejando-me a cabeça.

O projétil varou-me o chapéu de Panamá.

Reagimos, disparando os nossos rifles.

Travou-se um tiroteio de alguns minutos, entre nós e a turma assaltante.

O dr. Jucá foi atingido por uma bala, que lhe atravessou os músculos da coxa.

Em face da reação inesperada, os responsáveis pelo ataque compreenderam a gravidade da situação e determinaram o recuo.

Caía a noite, uma das mais angustiosas da minha vida.

Amigos e correligionários do Coronel Pais Pinto acorreram à casa tiroteada, solidários com o chefe agredido.

Chegam notícias de que os assaltantes voltariam depois de meia-noite, para o extermínio pelo fogo.

O dr. Alfrêdo de Maya, Consultor Jurídico do Estado e amigo do Coronel Clodoaldo da Fonsêca, comunicou-se com êste pelo telefone, rogando-lhe a interferência no sentido de não efetuar-se o monstruoso crime. Alfredo de Maya não escondia a sua terrível angústia ao fazer o apêlo ao Governador.

Lembro-me bem de que falava em sentimentos de humanidade, ao mesmo tempo que recordava a glória dos Fonsêcas.

O Coronel Clodoaldo, porém, mantinha-se insensível a tudo, afirmando nada ter com o caso, e pedindo que o dr. Alfrêdo se retirasse da casa ameaçada.

Os incendiários já se encontravam a postos, na Praça do Quartel, aguardando a palavra de ordem para darem início ao incêndio.

Alguns amigos, menos corajosos, fugiram pelos fundos, mas não tardou que os assaltantes cercassem a casa, obstando à fuga.

O palor do luar refletia-se sinistro nas fôlhas de Flandres das latas de querosene entulhadas nas imediações.

A cada momento esperávamos ver o fulgor das labaredas.

A chama que o neolítico arrancara do atrito ia ter na noite fatídica e má um mister de ódio e vingança. Heráclito de Efeso amaldiçoaria, naquela noite funesta, o elemento gerador do Universo.

Ao meio da maior ansiedade, já desesperançado das providências do Governador, lembrei-me de comunicar a ocorrência ao Comandante da Companhia Isolada do Exército, Capitão Emílio Montenegro.

O bravo e digno militar, ao saber que na casa sitiada havia crianças e mulheres, não hesitou em atender-me, vindo imediatamente em nosso socorro, acompanhado do Tenente Virgílio Sampaio e do Aspirante Luiz de França.

Certificado do perigo pendente, telefonou emocionado ao Coronel Clodoaldo, em nome da classe a quem ambos pertenciam. Muito tempo decorreu nesse entendimento sem resultado.

Afinal, já pelas quatro horas da manhã, se apresentou o Comandante da Guarda Civil, amigo íntimo do Coronel Clodoaldo, vindo do Rio de Janeiro com êle.

Trazia a missão de retirar da casa condenada ao incêndio o dr. Alfrêdo de Maya e os oficiais.

Ocorreu-nos a idéia verdadeiramente providencial: prendemos o Comandante e comunicámos ao Governador que o seu amigo era nosso prisioneiro.

Quando se chegou a essa situação, a barra do dia vinha rompendo, fulgurando na luz crástina.

O clarim da Fôrça Policial saudou a alvorada que poderia

ser um toque de silêncio diante do nosso exício pelo fogo ateado por um bando de vândalos enfurecidos.

\*

\* \*

Recebi, certo dia, uma intimação para comparecer a Palácio. Enverguei o meu "croizé" e, encartolado, atendi ao chamado. Recebeu-me o próprio Governador, visivelmente irritado.

— O Senhor está procedendo muito mal em escrever contra mim. Os seus artigos aborrecem-me tôdas as manhãs. Não permito que me critique.

Levantouse, entrou num quarto e voltou trazendo uma espada.

— O Senhor está vendo esta espada? Guardo-a para meter no lombo de lébas de sua marca.

Decorreu um pequeno silêncio.

O Coronel tremia de raiva e eu de medo.

Santo Deus, aquela durindana me aterrava, faiscando no brilho frio do aço implacável.

Mas reagi.

— Não receio a espada de V. Excia., Senhor Coronel.

— Não receia? Por que não receia?

E se aproximou com a espada na mão trêmula.

— Coronel, respondi-lhe, a espada de um Fonsêca só se desembanha ao sol das batalhas, em defesa da Pátria. Foi assim no Paraguai. Foi assim em 15 de Novembro.

Desanuviose-lhe o rosto, abrandando-se num ar de arrependimento e reconciliação.

— Menino, seja meu amigo; abandone êsses "lébas", que o botam a perder.

Despedi-me comovido do velho e impulsivo soldado, tocado de simpatia e piedade por aquela alma simples de bravo.

Há episódios ocorridos naquela época verdadeiramente picarescos.

Não havendo, certo mês, dinheiro no Tesouro para pagamento ao funcionalismo, o Coronel determinou que se requisitasse o numerário à Alfândega.

Advertido de que o Estado não tinha competência para tal requisição, respondeu:

— Retire o dinheiro que eu telegrafo ao Marechal.

Pedindo-lhe um amigo colocação para um seu protegido, o Coronel declarou ao candidato, que se satisfaria com um emprêgo subalterno, não dispor de nenhum cargo.

E indagou:

— O sr. aceita ser Secretário da Fazenda?

O Governo do Coronel Clodoaldo terminou sob a expectativa de um canhoneio.

Um "Acordam" do Supremo Tribunal Federal mandava dar posse, no Governo do Estado, ao dr. Antônio Guedes Nogueira. Os senadores considerados ilegítimos haviam reconhecido como governador o dr. Batista Acioli; e se recusavam a respeitar o Habeas-Corpus do Supremo Tribunal.

Reunidos no Senado, sito à rua Nova, durante dias, os senadores fabricados pelo Senador Serapião, cognominado Senador "Semente", obstinaram-se, em se opôr à posse do Governador amparado pela justiça.

O Cônego Capitulino de Carvalho celebrou missas durante os dias de resistência.

O Major Jaime Pessoa chegara de Recife comandando uma bateria de guerra, a fim de ser cumprido o "Acordam".

Fêz êle mesmo um "ultimatum" aos recalcitrantes, dando-lhes um prazo fatal para se retirarem.

Os canhões foram assestados em pontaria. Não entraram, porém, em ação, por que... Foi melhor assim.

Os pseudo-senadores compreenderam que bala de canhão não traz letreiro.

O canhoneio não se efetuou, evitando-se felizmente o fim catastrófico do malogrado e tumultuoso Governo do Coronel Clodoaldo da Fonsêca.

Adversário do honrado soldado (demitiu-me de professor da Escola Normal no dia do meu aniversário) estou convencido de que o Coronel Clodoaldo foi vítima das injunções históricas do momento político, não lhe faltando desejo de bem servir à terra de seus antepassados.

## CAPÍTULO XXXIII

### *MAIS UMA REVOLUÇÃO PERDIDA*

A revolução de Três de Outubro alcançou no governo de Alagoas o jornalista Álvaro Pais, homem simples, inteligente e honesto.

Aparentemente tímido, era, na realidade, um forte. A revolução longe de amedrontá-lo e abatê-lo, patenteou-lhe virtudes estóicas.

Marco Aurélio na sua barraca de campanha, em pleno fragor das batalhas, lia "De Bello Gallico", de Júlio César.

Álvaro Pais, nas horas de maiores dúvidas sobre a sobrevivência da legalidade, ouvia plácida e estirado num sofá, o seu disco predileto: "Vamos apanhar limão, ó João".

E foi cheio de resignação, sereno e quase indiferente, que deixou o Palácio dos Martírios, numa angustiosa madrugada, zarpando a bordo do iate São Salvador para a capital da Bahia, acompanhado dos secretários de Estado, doutores Osório Gatto e Arthur Acioli, além do Major Lucena Maranhão.

Narram os companheiros de viagem que, alta noite, no convés, sob o silêncio amigo das estrelas, trauteava o seu samba querido.

Nem uma queixa, nem uma recriminação lhe ouviram, admirados daquela renúncia que faria inveja a Epiteto.

Conta Anatole France que, na sua primeira manhã, em Santa Helena, Napoleão saltou da cama assobiando uma canção alegre.



O processo revolucionário envolvia em plena claridade, sem reservas, nitidamente. Só os que desfrutavam o poder, surdos aos rumores da maré que subia, rugindo, não percebiam que algo de extraordinário ia acontecer.

Desde Tucídides que os historiadores dividem as causas das revoluções e das guerras em remotas e próximas.

Os motivos imediatos da revolução de Três de Outubro espelhavam-se em acontecimentos óbvios: o assassinio de Sousa Filho, na escadaria do Palácio Tiradentes; o levante de Princesa, no qual os pistoleiros dos Pereiras, estimulados pelo governo federal, puseram em cheque a polícia paraibana; o trucidamento do governador João Pessoa, no Recife; as depurações afrontosas dos deputados e senadores da Paraíba e do Rio Grande do Sul, afora outros fatos de menor relevância.

O Presidente Washington Luis, eminente brasileiro, possuidor de nobres qualidades, não se talhara, no entanto, para o transe que o destino lhe impusera em tomada de contas.

Faltava-lhe uma certa elasticidade de inteligência para compreender os móveis da revolução, isto é, os seus fins partidários e políticos para ir ao seu encontro, desgastando-os, amortecendo-os, ou simplesmente com êles contempORIZANDO.

Teimoso e obstinado tentou destruir pela força o que havia subido à consciência da nação com o ímpeto de uma transbordante torrente.

— Comigo é na madeira, dizia nas explosões de sua cólera.

Indeciso como Pompeu, levando-se pela demagogia dos Cíceros que o aconselhavam, não acreditou no gênio prático de César. E foi bater no Forte de Copacabana.

Em Pôrto Alegre, Getúlio Vargas recrutava os seus “farapos” para transpor Itararé.

De súbito, o pampa se coalha de cavalarianos aguerridos para os “entreveros”.

Havia irrompido a revolução.

No Recife, um pugilo de rapazes do Tiro de Guerra ataca pela madrugada o Quartel da Soledade.

Aderem ao assalto estudantes e operários.

As forças legais, apesar da surpresa, resistem intrépidas.

Conta-se que o comandante dos rebeldes, Capitão Juarez Távora descoroçoado da vitória, se retirou para a Paraíba, renunciando a frase amargurada que outros bravos, em condições idênticas, já haviam dito:

— “Mais uma revolução perdida”.

No desespero da alternativa talvez pensasse em Pedro I no esguedelhado dentro da noite, anatematizando o Recife, nos versos de Castro Alves:

“Dorme, cidade maldita,  
Teu sono de escravidão”.

Inesperadamente, o Governador Estácio Coimbra deixou de resistir, fugindo para o Rio de Janeiro num rebocador.

O folclore guardou da reação popular o sarcasmo desta quadra que lhe sombreia o nome refulgente:

“Já duas vêzes tu fugiste, Estácio,  
Numa barcaça, num rebocador,  
Não eras digno de ocupar Palácio  
Fôste um mulambo de governador”.

No fim de mandato, e no entardecer da vida, o pernambucano ilustre não quis, num remate de carreira, ensanguentar a sua terra.



Com a queda de Pernambuco, a revolução apoiada pelo Governo da Paraíba estava praticamente vitoriosa no Norte.

Os revoltosos entraram em Alagoas sem nenhum empecilho. Apenas, em Pôrto de Pedras o delegado regional, doutor Faustino de Miranda, mandou picar as balsas que faziam o transporte de passageiros na foz do Rio Manguaba, obstando ao acesso à capital por aquêle setor.

Fêz-se a invasão desordenadamente, aos magotes, sem observância de qualquer norma militar.

Certos da inexistência de govêrno, não se preocuparam com a hipótese de resistência.

A marcha desalinhada e sem disciplina, foi um mero passeio de colegiais em férias.

Maceió cobriu-se de ganga vermelha para recebê-los.

Não foi necessária a púrpura.

A ganga mesmo servia.

Uma pandemia rubra assolou o Estado.

Parecia que uma estranha e louca primavera o havia transformado num imenso e convulso campo de papoulas e das quais se evoluísse o ópio daquela embriaguez da côr de sangue que se desejava derramar.

Homens ilustres, pacatos e tímidos burguêses exibiram uma brusca e estarrecedora ferocidade atabafada em chita encarnada.

Viva a revolução! Abaixo os ladrões!

Até dois de outubro, êles conluiavam com os ladrões, recebendo d'êles benesses e favores.

Pouco tempo se demoraram os revoltosos em Maceió.  
Abalaram para o Sul, ávidos da glória, que não veio, es-  
quiiva.

Nem um tiro.

Nem um toque de corneta, em tom de sentido.

Nem uma escaramuça.

Apenas um episódio, tristemente picarêsko.

Em Serrinha, uma sombra moveu-se ameaçadora, atufada  
na escuridão da noite.

Vibram nervosas as cornetas transmitindo ordens.

Um frêmito de entusiasmo sacode a coluna que se alinha  
para o combate.

Descargas cerradas fuzilam em lampejos de relâmpagos à  
treva silenciosa da "caatinga".

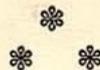
Cessada a refrega, sem réplica, os valentes decepciona-  
ram-se.

À luz das pilhas contemplam desapontados, vasquejando  
nos últimos arrancos da vida, um jumento esburacado de balas,  
vítima anônima e imbele, daquele desperdício de heroísmo de-  
saçaimado pelos êrmos do sertão da Bahia.

Maior decepção amargurou-os no Rio de Janeiro, onde che-  
garam, viram, mas não brigaram.

Washington Luís se achava recolhido ao Forte de Copacabana, lendo resignado a "Imitação de Cristo", oferta carido-  
sa do Cardeal Sebastião Leme.

Voltaram barbados e hirsutos, monjes de uma nova ordem  
que se propunha a salvar o Brasil.



Em outubro de 1930, eu era deputado estadual, solidário  
com o governo e a política de Álvaro Pais.

Acreditei por algum tempo no idealismo da revolução; e  
se não fôsem os compromissos com a situação decaída teria  
aderido ao seu vasto programa de renovação.

A propaganda anunciava um avatar que seria uma mara-  
vilha de fôrça, de grandeza e de esplendores para o Brasil.  
Uma espécie de cartesianismo que espungisse velhas práticas  
de vícios e abusos radicados na administração pública e nos  
costumes políticos.

Prometia um Brasil redimido pelo trabalho, poderoso e  
pela segurança da ordem interna e pela firmeza de suas insti-  
tuições democráticas; um Brasil sem famintos, sem conscritos

da miséria e sem injustiçados; um Brasil que pudesse transmitir aos povos mensagens de pura espiritualidade, de beleza, de cultura e de cooperação internacional.

Os homens da revolução, porém, não eram sociólogos, nem pensadores políticos, mas partidários da "Aliança Liberal", facção improvisada sem radicações em nenhuma tradição. Exteriorizaram um rompimento total com o passado, ignorando as teorias como a de Vico, a qual sustenta que o processo histórico se desenvolve em espiral, "corsi, recorsi". Cada ciclo provém de um anterior, em plano mais elevado.

Os vivos são governados pelos mortos, afirma Augusto Comte.

Aquela fúria iconoclastica contra a chamada "República Velha", com a desmoralização de suas figuras e de brilhantes conquistas liberais era positivamente insensata.

Mais do que insensatez, porque era um êrro de políticos desprovidos de imaginação.

Não se extinguem costumes, hábitos e usos com decretos elaborados ao calor de ambições desabridas.

A "República Velha" estava, de fato, inquinada de máculas, mas ao lado das viltas que a conspurcavam vicejavam virtudes que a embeleciam.

Existia um acêrvo a conservar-se, como parte integrante das renovações idealizadas.

Fracassaram.

Os tenentes disputaram as interventorias e os altos cargos da Administração pública, afastando a todo o transe os civis.

Uma canção carnavalesca da época assinala êsse afã alucinado:

"O teu cabelo não nega, mulata,  
Porque és mulata na côr

.....

Mulata, mulatinha, meu amor,  
Fui nomeado o teu tenente interventor."

Ao atingir o auge dêsse descabro, a revolução estava morta.

O seu belo ideal de regeneração completamente estiolado.

Nêsse acume de interêsses personalistas mesclados de espírito de classe, o Brasil ter-se-ia afundado no militarismo que

tem aniquilado as repúblicas sulamericanas se não houvesse re-  
lentado a revolução constitucionalista de São Paulo.

O sangue generoso da juventude derramado nas trinchei-  
ras abertas na terra bandeirante despertou uma nova consci-  
ência nacional, que foi a condenação da ditadura.

Esta perdurou devido ao gênio político do ditador.

Em outras mãos o poder, a ditadura teria sido o caos, a  
confusão irremediável.

Os que combateram Vargas negaram-lhe qualidades admi-  
ráveis de que êle era maravilhosamente dotado.

A sua obra de govêrno notabilizou-se por imperecíveis rea-  
lizações, mormente no campo do Direito Público.

Os dois Códigos de Processo e o Código Penal são criações  
monumentais de sabedoria jurídica.

A legislação trabalhista brasileira, uma das mais avança-  
das do mundo civilizado, foi trabalho da ditadura, animado  
pelo espírito socialista de Getúlio Vargas.

Se alguma vem suprimir a liberdade fê-lo em condições ex-  
tremas e imperiosas.

Foi o mais democrata e o mais tolerante dos ditadores ame-  
ricanos.

Era Presidente constitucional do Brasil quando o arrasta-  
ram ao suicídio, semelhando-se a Balmaceda na coragem de pre-  
ferir a morte ao opróbrio de viver humilhado, batido pela con-  
jura de um término cruel do destino.



Em Alagoas, a revolução de Três de Outubro destituiu-se  
de significação.

Nenhuma reforma de base; nenhum planejamento de tra-  
balho; nenhuma sistematização do serviço público.

O que se tentou fazer, ou mesmo o que se fêz foi para pior.

Nos primeiros arrancos de suas tentativas de renovação  
averbam-se as demissões, as disponibilidades, as priões sem cau-  
sa e outras arbitrariedades que se não demasiaram graças ao  
bom senso do Interventor Freitas Melro que, em certa altura  
dos desvarios, se constituiu uma garantia para os vencidos.

Com a interventoria de Osman Loureiro o espírito revolu-  
cionário, isto é, a frágil convicção que ainda alimentava a fic-  
ção de Três de Outubro, sucumbiu.

Ismar de Góis Monteiro, o último interventor da ditadura,

tentou ressuscitá-lo galvanizando o, mas logo se convenceu da inutilidade de seu esforço.

O General Juarez Távora, talvez o maior e o mais sincero idealista da Revolução de Três de Outubro, tem hoje razões para repetir a sua frase de desespêro, embora em outro sentido:

— “Mais uma revolução perdida”.

## CAPÍTULO XXXIV

### CRÔNICA DO RESSUSCITADO

Vinte e seis de abril, o dia terrível. Não dormi tôda a noite. Uma dor inaturável dilacerava-me. Ao amanhecer atreguou. Levantei-me da rêde e abri as janelas. O horizonte enchia-se de madrugada. O meu canário "Hiroito" estava triste, embio-cado, sem cantar.

— Hiroito!

Fitou-me, fixando-me com as duas contas de ônix dos olhos redondos. Fui ao jardim ver as minhas normas, pompeando o lilás de suas flôres angustiadas. Rejeitei o desjejum que o José me ofereceu.

A dor voltou. E era tanta que me enovelava na rêde como uma cobra que prepara um bote. À tarde, os médicos acharam grave o meu estado. Vólvo, disseram. É preciso operar imediatamente. Hospitalizaram-me. Depois, não me lembro de mais nada. Afundaram-me na inércia dos entorpecentes. O bisturi de Rodrigo Ramalho rasgou-me o ventre, cortando com técnica, segura e hábil.

Febre alta, delírio, dona morte na minha cabeceira, pálida, tôda de branco, convidava-me para a grande viagem. Rolei na gravitação de um mundo de pesadelos, que quase me enoitam na loucura. Por fim, uma colotomia. Colotomia. Nunca mais me esquecerei do que significa êsse buraco ignobil aberto no cólon, a humilhação que ela me infligiu, a repugnância de mim mesmo, sentindo as fezes escorrerem coxas abaixo, sem contrôle, sem o comando da vontade. Foi êsse suplício atroz, o ponto alto do meu sofrimento de setenta dias de hospital.

Sentia-me um ex-homem, esvaziado de personalidade, um mulambo desprezível nas mãos caritativas das enfermeiras, leves

como asas de pássaro peneirando vôo. No Hospital de São Vicente, cuidou-me a irmã Leandra, inexcedíveis ela e José Mafra, na dedicação que me salvou. Quando ela se aproximava, entre austera e afável, tinha a impressão de haver caído nas mãos de uma walkíria, que Wagner houvesse arrancado do fundo de uma saga nórdica.

À noite, cessada a febre, ouvia pelos corredores fragmentos de conversas abafadas, prognósticos sombrios sobre o meu estado:

— Questão de horas. Está liquidado, pobre do velho Guedes!

Lutando com a morte que me beirava faminta, não a temi. Sabia a imposição de lei invariável da biologia. Mas, queria viver. Sófocles acudia-me à memória enublada: “O melhor é nunca ter nascido, se porém tu vives, então, o melhor é te apressares a voltar para o lugar de onde vieste”. Ora, o animal que viveu noventa anos falando burramente em voltar para o lugar ignorado e misterioso de onde viemos! Não, pelos deuses, eu queria ficar neste mundo, que é um paraíso, no verso de Castro Alves. Felizmente no oscilar entre os dois polos — o orgânico e o inorgânico — a mão onipotente de Deus fêz parar a pêndula no mundo paradisiaco dos vivos. Só no átrio da grande escuridão do “Pathos”, a gente percebe a maravilha da sobrevivência, o mais belo poema do homem, na afirmação de Goethe. Morrer, deixar em vacância tudo o que o meu espírito construiu pelas fôrças indômitas da mocidade e pela harmonia do senso de proporção, que é o equilíbrio do pensamento em busca da Idéia. Morrer — fechar os olhos à luz do Sol, às côres douradas da primavera, às cambiantes do céu e do mar, ao fulgor chamejante das estrêlas... Morrer — ficar surdo à música dionisíaca ou polínea, que embala as dores do mundo e adormece o trágico desespero dos homens. E saudade — pungência que nos amarga e adoça o coração, pela ausência sem fim das pessoas queridas. Eu queria viver buscando as seivas das raízes dos sentidos que me revelam o impenetrável segrêdo.

Naqueles dias dantescos, cuja lembrança já se apagou no nevoeiro das angústias em que submergi, segurei-me a uns restos de vida que se ia despedaçando como um cristal, em sons doloridos e profundos. Nessa luta descomunal, eu sentia a amargura da decepção. É que eu me julgava invulnerável, como se fôsse insculpido em pentélico ou em bronze, talhado para a perenidade como os templos, onde os deuses morarem. Mas, ó miséria humana, eu não passava de um saco de músculos, de nervos, de glândulas e vísceras, que secretam humores e fabricam fezes! A colotomia deixou na placa da minha sensibilidade a

marca da torpeza fisiológica, que me advertiu da inanidade do meu orgulho. Enfim, não morri. Tropeçando na minha própria sombra, cheguei, como um espectro, a Caxambu. Ali não havia mais corredores compridos, frios e escuros, povoados de gritos agudos, ressoando no silêncio das noites infundáveis dos hospitais. Caxambu, um jardim suspenso nas ilhargas da Mantiqueira, restituiu-me o sangue perdido nas incisões medonhas que me rasgaram as carnes magras. Na doçura do clima que me restituiu a saúde, encontrei a recompensa dos dias amargos de que nunca me queixei, agradecido ao destino que não encerra suas contas com o homem. Na curva fechada em que se inscreve a vida das criaturas, há sempre um ponto que se abre para que entre a divina ilusão, imagem impalpável da esperança. Então, o esquecimento de tudo que nos fez sofrer acende no coração do Lázaro ressuscitado os clarões de uma nova madrugada, que parece convidar-nos a acreditar no mito da felicidade. E esta se traduz e corporifica no egresso da morte, na alegria que experimenta de ter podido voltar à sua terra. Não sei viver fora de Alagoas, de onde nunca me ausentei por mais de trinta dias. A sua paisagem física e humana atrai-me como um imã. A terra empolga-me. A terra e sua gente. Terra boa, cheirosa, de corpo limpo, lavada nas águas elásticas dos rios largos, ou na correnteza lânguida dos riachos, embalsamada de flôres inebriantes, de resinas que me sacodem no rôsto o hálito de seus perfumes agrestes.

Gente boníssima, rude, inteligente, manhosa e arguta, mansa e brava, incoerente, ingrata e generosa. Gente difícil, que é preciso compreender para se amar.

Gosto do meu povo, adoro a minha terra, a única onde o rio da minha vida flúí toando as cantigas da minha infância e o cantochão da minha velhice.

## CAPÍTULO XXXV

### *AINDA A CRÔNICA DO RESSUSCITADO*

O alto-falante grita:

— O avião sobrevôa a cidade do Rio de Janeiro. Coloquem os cintos.

Mergulhando num novêlo de nuvens, rasgando-lhes as cartilagens, o avião vai descendo, descendo...

Já se avistam o Pão de Açúcar, o Corcovado, o espelho de aço cinzento da Guanabara, faiscando em reverberos.

O avião vai descendo até aterrar, em manobra perfeita.

Os passageiros saem apressados.

Eu não posso ter pressa.

Sou o último a descer, carregado por dois homens fortes.

Embaixo espera-me um carro de mão.

Sentam-me, e o meu velho amigo e compadre Tércio Wanderley, que me acompanhou de Maceió, empurra-o em direção à ambulância.

É um espectro de homem que êle conduz, num gesto de verdadeira amizade.

A doutora Salambô de Miranda, minha sobrinha e afilhada, está no aeroporto.

Fui eu quem lhe pôs o nome cartaginês, imbuído da leitura do belo livro de Flaubert.

Levou-me para o Hospital dos Estrangeiros, trepado no oiteiro de pedra, que se empina diante do mar.

Apresentaram-me às enfermeiras, jovens de várias nacionalidades, alegres como a "labarêda que vôá", do poema de Shelley.

Simpatizaram comigo, amiseradas, talvez, da lástima que eu era...

Gentís e meigas meninas, quanto lhes devo em desvêlos e

cuidados, que suavizaram a aridez de sessenta dias de hospital!

Uma entre elas, jovem de vinte anos, de cabelos côm de mel, olhos garços, russa conterrânea de Gorki, recordava personagens de baiada tolstoiana. Andava pelos corredores longos do hospital como se palmilhasse estepes cobertas de neve.

Surpreendeu-me, certa vez, chorando.

Segurando-me as mãos, afagando-as com adorável ternura, cantou baixinho "Olhos Negros", na língua de sua pátria. Ana Karenine feita enfermeira do Rio, pensei.

Quis consolar me, mas eu é que a consolei, na súbita aflição que lhe magoou a alma pulcra.

Saudade, talvez, de alguém, tão longe, dela distante, lembrado pelo meu pranto doloroso de condenado à morte, ou pela toada da canção nativa.

Noites e noites de insônia, noites que parecia não terem fim, noites que se espichavam da meada do tempo, fio a fio, como se fôsem elásticas.

Noites povoadas de gemidos, de lamentos, de choro de crianças recém-nascidas, de gritos que a dôr física desarraiga da garganta de centenas de infelizes.

Os telefones vibram, acordando médicos, chamando com urgência parentes de alguém, que está morrendo...

A madrugada insinuando-se pelas frinchas das janelas me acalma os nervos eletrizados.

Consigo dormir ao romper da alva.

Sono perturbado por pesadelos, que me alucinam.

A enfermeira arranca-me da tortura daquela opressão, despertando-me.

Abre as janelas.

O sol anêmico de junho não tem fôrça para dissipar a bruma em que se embrulham a Guanabara e o Pão de Açúcar, bem defronte ao meu quarto.

Aquêlê ímpeto primitivo de pedra, que se immobilizou, há séculos, enfastiava-me.

Todos os dias a vêlo, rígido, imutável, como um grito que emudeceu num silêncio eterno.

A sua imponência só sujeita às leis naturais, em contraste com a minha miséria orgânica, causava me inveja e despeito. De mais a mais, a mesma grandeza de todos os dias a impor-se a meus olhos cansados.

Gostava de ver os transatlânticos entrarem e saírem da enseada. Uns alvos como gaivotas colossais balançando-se nas ondas, outros verdes escuros como se emergissem do fundo do mar.

Apitavam os que partiam em saudação ao pôrto, num adeus de despedida, que me atingia o coração com a pungência de uma saudade e a melancolia mesma de Ossian.

Os dias arrastavam-se, e nas suas horas e nos seus minutos vazios rolava a dúvida, que me atormentava.

Morrerei?

Quem sabe, quem poderá dizer-me — sim, quem poderá dizer-me — não!

Os versos de Augusto dos Anjos acorriam-me à memória e eu os recitava para as enfermeiras, disfarçando a minha ansiedade.

“Ô desespêro das pessoas tísicas  
A pressentir o frio que há nas lousas,  
Maior felicidade é a dessas coisas  
Submetidas apenas às leis físicas.”

Dois médicos disseram — Não. Não vai morrer!

Salambô de Miranda e Castro Barbosa.

Jorge de Castro Barbosa é um mestre autêntico da cirurgia.

Nas suas mãos firmes e delicadas a lâmina de aço é um buril.

Corta, retalha, perfura abdormens como o estatuário o mármore.

Cellini insculpindo camafeus.

O seu trabalho cirúrgico é uma obra d'arte.

Sai-lhe perfeito dos talhos de bisturi como uma gravura de Daumier.

Prestei-lhe um serviço muito do seu agrado.

Dei-lhe nome para o seu garboso barco de corridas.

Netuno, havia êle pensado.

Netuno, absolutamente, doutor!

É de uma vulgaridade atroz.

O mais medíocre dos helenistas não lhe perdoria o pecado.

Ponha-lhe — Poseidon.

O nome olímpico foi escrito em grandes letras na prôa do barco.

A paradia carioca deu-lhe a alcunha de “posudãd”.

Realmente, o barco carregava uma “pôse” petulante.

De Salambô, minha sobrinha e afilhada, nada devo dizer que signifique encômios.

Afirmo, no entanto, que quando a minha vida vasquejava, apagando-se, ela me vigiou dia e noite, solícita diligente, terna, sóror “Pietá” velando um moribundo.

## Í N D I C E

|          |  |     |
|----------|--|-----|
| CAPÍTULO | I — Eu e o tempo .....   | 9   |
| "        | II — O encontro com o tempo .....  | 12  |
| "        | III — O sino de "seu" Nicolau .....  | 14  |
| "        | IV — Paixão infantil .....   | 17  |
| "        | V — O engenho do Major Miranda .....                                       | 20  |
| "        | VI — Recordações do engenho "Ilha" .....                                   | 24  |
| "        | VII — Menino sem medo .....  | 28  |
| "        | VIII — A cabeleira do comêta .....   | 31  |
| "        | IX — Figuras da juventude .....  | 34  |
| "        | X — Agnelo Barbosa, o professor que se camuflava<br>para parecer mau ..... | 37  |
| "        | XI — No Recife .....   | 39  |
| "        | XII — Contacto com a paisagem do Recife .....                              | 41  |
| "        | XIII — Decadistas, simbolistas, naturalistas e româ-<br>nticos .....       | 43  |
| "        | XIV — Papai Neves, camaradão .....   | 46  |
| "        | XV — República da Árvore .....   | 50  |
| "        | XVI — Professores da Faculdade de Direito do Recife .                      | 53  |
| "        | XVII — O corpo discente da Faculdade .....                                 | 56  |
| "        | XVIII — Gilberto Amado e "Minha Formação no Recife"                        | 61  |
| "        | XIX — Geração romântica de Alagoas, anterior a 1910 ..                     | 68  |
| "        | XX — Os últimos exames .....   | 72  |
| "        | XXI — No tempo das conferências .....                                      | 75  |
| "        | XXII — Clarividência da Idade Média .....                                  | 78  |
| "        | XXIII — Saudações do banguê .....  | 81  |
| "        | XXIV — O herói bronco do Malvano .....                                     | 85  |
| "        | XXV — Sebastião de Abreu, o que morreu de amor ....                        | 90  |
| "        | XXVI — Fernandes Lima, o "Cabôclo Indômto" .....                           | 95  |
| "        | XXVII — Euclides Malta e a função reivindicadora do<br>tempo .....         | 102 |
| "        | XXVIII — Alfrêdo de Maya .....   | 110 |
| "        | XXIX — José Duarte .....   | 116 |
| "        | XXX — Um duelo que não se realizou .....                                   | 124 |
| "        | XXXI — Fundação da Academia Alagoana de Letras ....                        | 128 |
| "        | XXXII — A espada de Clodoaldo .....  | 133 |
| "        | XXXIII — Mais uma revolução perdida .....                                  | 139 |
| "        | XXXIV — Crônica do ressuscitado .....                                      | 146 |
| "        | XXXV — Ainda a crônica do ressuscitado .....                               | 149 |



COLEÇÃO VIDAS E MEMÓRIAS

- I — Delmiro Gouveia, o Pioneiro de Paulo Afonso  
TADEU ROCHA
- II — Delmiro Gouveia, o Mauá do Sertão Alagoano  
FÉLIX LIMA JÚNIOR
- III — O Menino e o Tempo  
DE ARAÚJO COSTA
- IV — Tavares Bastos  
LUÍS PINTO
- V — Eu e o Tempo  
GUEDES DE MIRANDA

5